CAMILLO CASTELLO BRANCO
OBRAS
PARCERIA A. M. PEREIRA — EDITORA

VELUT ARBOR ÆVO

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

LVIII

O retrato de Ricardina

VOLUMES PUBLICADOS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O RETRATO

DE

RICARDINA

QUARTA EDIÇÃO

1907

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Livraria editora e Officinas Typographica e de Encadernação

Movidas a electricidade

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

1907

Officinas Typographica e de Encadernação

MOVIDAS A ELECTRICIDADE

Da Parceria Antonio Maria Pereira

Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar

LISBOA

A QUEM LER

Esta novella parece querer demonstrar que succedem casos incriveis.

O auctor conheceu alguns personagens e soube como passaram as cousas aqui referidas.

Pois, assim mesmo, tão incongruentes lhe pareceram que ficou longo tempo indeciso se lhe seria melhor inventa'-las para sairem mais verosimeis do que as verdadeiras.

A consciencia gritou-lhe quando o romance estava já urdido e enredado com outro feitio.

Venceu a verdade, onde já agora, e tão sómente, lhe é permittido vencer: — nas novellas.

O RETRATO DE RICARDINA

I

O ABBADE DE ESPINHO

O Abbade de Espinho, um dos mais ricos da diocese de Vizeu, peccára na mocidade. Cousa rara, senão singular, em abbades.

A serpe tentadora fizera-lhe o salto do pescoço de uma bella mulher, onde a mensageira do averno se enroscára.

Era tambem gentil o presbytero. Bem póde ser que as linguas farpadas de duas serpentes se encontrassem na remettida, mutuando-se a tentação. Se a cumplice do seu delicto não estivesse desvairada dos mesmos filtros, é crivel que fugisse da casa solarenga de seus paes para a residencia abbacial do padre Leonardo Botelho de Queiroz? Responda a dignidade e o pudor de quem lê.

Arriscou-se a muito o abbade. Clementina Pimentel tinha irmãos assomados. A residencia foi, noite alta, in-

vestida e metralhada. O pastor, dado que a ovelha não fosse do seu rebanho, defendeu-a dos lobos, arcabuzando-os donosamente. Levantaram o cerco os fidalgos, com reserva de matarem o raptor no dia seguinte. Padre Leonardo affrontou-se com elles, ladeado de creados pimpões. Passou illeso, e recolheu-se tranquillo e disposto a não se deixar illiminar sem desforra antecipada. O pundonor da illustre familia esfriou depois de uma façanha memoravel. Nada menos que lançar mão o morgado do infolio manuscripto da sua linhagem, e raspar phreneticamente com uma navalha o nome da irmã. Feito isto, outro qualquer castigo excederia as barbaridades mais notaveis.

Passára este caso em 1810.

No fim de 1812, Clementina Pimentel era mãe de duas meninas: Eugenia era a mais velha: a outra, Ricardina.

Cresceram mimosas, educadas senhorilmente, presumptivas herdeiras de bons dotes. A abbadia dava dois contos de réis annuaes. Por sobre isto, o padre succedera na herança de tios ricos. Faziam-lhe cem mil cruzados.

Assim que as filhas prefizeram a edade perigosa, o abbade entrou-se do capricho de as casar com primos, sobrinhos de Clementina. Lisongeava-o entrar com as filhas na casa d'onde fugira a mãe, quinze annos antes.

Os Pimenteis receberam agastados a proposta, enviada por medianeiro habil. Depois discutiram menos irritados. Por fim, pediram prazo para reflectir.

Os dotes promettidos eram trinta mil cruzados para cada menina.

Os noivos accederam, tirando a partido que a mãe das nubentes se recolheria em mosteiro, antes das nupcias das filhas.

O abbade replicou, observando ao commissario da clausula que D. Clementina, se houvesse de ser Magdalena, certo não se guardaria para tão fóra de horas, nem a justiça de Deus levaria em grande conta um arrependimento aos quarenta annos. Em summa, rematou o espirito-forte do padre Leonardo Botelho dando por terminadas as notas diplomaticas.

Voltaram os Pimenteis a reflectir. Acharam-se subitamente philosophos. *Philosophos* vinha a ser «tolerantes» quando não significasse «despejados».

— Pensemos philosophicamente — dizia o irmão de Clementina. — As raparigas que venham com a condição de cá não pôr o pé a mãe.

Communicaram ao abbade a modificação.

— Não, senhor — retorquiu o padre. — Onde as filhas estiverem ha de ir a mãe.

— Pensemos philosophicamente — disseram entre si os Pimenteis. — A mãe poderá vir alguma vez; mas o abbade nunca.

— Não, senhor — insistiu o abbade. — Eu hei de ir

ver minhas filhas, porque lhes quero muito, e de certo não dava sessenta mil cruzados com a obrigação de as não ver mais.

Não cabia tanta ignominia no bojo de uma familia que procedia de D. Ordonho I, rei das Asturias.

Debateu-se, ainda assim, tres semanas o escandalo. Venceu a philosophia! D. Ordonho I deu com o capacete na pedra sepulchral, querendo exhumar-se para esfolar os netos quando ouviu dizer:

— Pois deixemos vir o abbade. Pensemos philosophicamente. A deshonra que recebemos ha quinze annos, é cousa em que ninguem já fala. Tudo esquece. Foi uma desgraça: todas as familias têem d'estas nodoas. Já agora, sejamos philosophos como toda a gente.

O abbade ouviu a mensagem, e disse:

— Agora, sim; mas faz-se mister que m'as venham pedir, para depois se negociarem as dispensas.

Era muito! O apurar tanto o aviltamento dos futuros maridos de suas filhas denuncia mau caracter, indole retrincada, que seria a deshonra de um fakir quanto mais de um abbade christão, e, sobre christão, catholico, e, sobre catholico, pae! A baixeza dos Pimenteis não se explica bastantemente com a philosophia. Causas mais vulgares os determinaram a entrar prazenteiros e submissos na casa que seus paes e tios haviam, dezesete annos antes, espingardeado. Digamos primeiro a mais poetica: Eugenia e Ricardina eram bellas.

Agora a outra que não tinha vislumbres de poesia: os rendimentos da casa dos Pimenteis não bastavam á quitação annual dos juros a varios santos usurarios que exercitavam a onzena mediante os seus procuradores chamados «confrarias».

Em nome de S. Martinho, e das almas santas, e da Senhora do Rosario, eram elles citados a miudo para pagarem os debitos á côrte celeste. Se o feito corresse na comarca dos credores, seria de esperar que os santos cordatos fossem á mão dos litigantes, admoestando-os a usarem generosamente com os devedores; mas na comarça de Vizeu as sentenças saiam todas contra os Pimenteis, e já succedia penhorarem-lhe os fructos pendentes em nome das almas ou do Senhor S. Joaquim.

Ainda depois de beatificados por meritos de martyrio, ha santos que continuam a ser n'este mundo flagellados em seu credito. S. Martinho, por exemplo, dava aos nús metade da sua capa; e vae depois a confraria que lhe zela os cofres cá em baixo, dá a logro o dinheiro d'elle, e tira a capa a quem lhe não paga o juro. Casos d'estes enchem a gente de fé.

E, por causa de taes juros, a fazenda dos Pimenteis ia deperecendo a olho, e as herdeiras ricas a fugirem dos descendentes dos Ordonhos, dos Mauregatos e outros principes, constantes do in-folio d'onde Clementina havia sido cancellada.

Vencidas pois as repugnancias do sangue e dos brios, Luiz e Carlos Pimentel foram á residencia de Espinho, beijaram a mão de sua tia, que os recebeu enternecida. cortejaram o abbade menos amavel que criminoso, e pediram suas primas.

Foram chamadas Eugenia e Ricardina.

Luiz pedia a primeira, que era morena, olhos negros e vivos, alta e nervosa, altiva e risonha. Carlos pedia a segunda, que era alva, olhos scismadores e estaticos, compleição lymphatica, estatura mediana, ar melancholico e pudico, um certo quebranto que a poetas daria mais inspirações que a outra.

Era a primeira vez que viam seus primos tanto á beira; nunca lhes tinham falado, nem suspeitado os projectos de seu pae. O abbade prohibira á mãe o minimo boquejar sobre os seus intentos «Não quero, dizia elle, que as raparigas, se o meu proposito falhar, fiquem descontentes, e se lastimem da sua má fortuna; que não vão ellas depois remover os tropeços por sua conta».

Interrogadas por seu pae na presença dos pretendentes, espantaram-se; mas o espanto operava diversamente nas duas meninas. Eugenia espelhava nos olhos o jubilo interior: Luiz era um galante moço. Ricardina, porém, se deu a ver nos olhos alguma cousa do que lhe ia na alma, era a resolução das lagrimas. Os labios da mais velha entre-abriram-se, quanto o pudor permittiu, e disseram:

— Faço a vontade a meus paes.

— E a tua? — perguntou o abbade.

— Tambem.

— Que respondes, tu, Ricardina? — interrogou o padre Leonardo.

— Se o pae deixar... darei a resposta n'outra occasião.

— Deixo — accedeu o abbade. — Responderás quando quizeres.

Os primos retiraram-se.

- Aqui ha historia... — segredou o abbade a D. Clementina. — Que sabes tu do coração d'esfa rapariga?

— Nada.

— Nunca desconfiaste que ella se inclinasse ao Bernardo Moniz?

— Não. O Bernardo veiu aqui visitar-nos nas ferias do anno passado; porque tu o visitaste quando chegou de Coimbra. Depois veiu despedir-se, e...

— Sei isso — atalhou o padre, comprimindo com o dedo indicador a aza nasal direita, e assestando á esquerda a pitada de grandes bordos. — O que eu sei não preciso que m'o digas. Não sabes mais nada?

— Mais nada... e tu?

— Se o soubesse, não t'o perguntava. Mas creio que ha mais alguma cousa.

— Que ha-de ser...

— Não sei: incumbo-te de o indagar. Não indago, porque mulheres é que sabem o segredo de certos es-

caninhos do coração. Anda tu lá, e olha se te saes bem.

*

Clementina foi dar com a filha a chorar ao pé da irmã.

—Que tens tu, menina?!—perguntou a mãe em quanto Ricardina retrahia a face, escondendo-a com o disfarce de andar alporcando os craveiros da sua varanda.—Estavas chorando?

—Eu, mãe!

—Sim, tu... Deixa ver os olhos... Ora, se choravas! Pois eu não vi? Tua irmã que tem, Eugenia?

—Nada...

—Não mintam, meninas! Não se engana sua mãe... Muitas cousas podem as minhas filhas esconder de mim; lagrimas é que não... Vem cá, Ricardina, porque choras?

A interrogada olhou para a irmã como a consultá' la ou a pedir-lhe que a não descobrisse. Eugenia entendeu a primeira conjectura, e disse:

—O melhor é dizer tudo á mãe, não é, Ricardina?

—O quê?... Ora tu!...—acudiu a enleada irmã.

—E' o melhor dizerem-me tudo, é...—sobreveio a mãe.—Segredos que se escondem de mim, póde ser que sejam innocentes, mas não o parecem...

—E não diz nada ao pae, não, minha mãesinha?—condicionou Eugenia.

—Mas que segredos podem ser esses que o pae não deve saber?

—Ah! vês?—exclamou a Ricardina.—Bem t'o dizia eu...

Pois está bom—voltou a mãe—se o que fôr puder passar sem o pae saber, não lh'o digo. Que mais quereis, meninas?!

—Então... digo?—perguntou Eugenia á irmã.

Ricardina abaixou os olhos applaudindo com o silencio a revelação.

Principiou Eugenia contando que sua mana ficára apaixonada por Bernardo Moniz, desde que o viu.

Atalhou logo a mãe:

—Mas ella só o viu duas vezes!... Como se apaixonou depressa!...

—Viu-o mais vezes, minha mãe...—contestou a candida narradora.

—Cá em casa?

—Não, senhora... Via-o acolá defronte nos montados, por onde elle andava caçando, e via-o na egreja aos domingos. Elle tambem se apaixonou por ella...

—Como soubeste que elle se apaixonoupor ti, Ricardina?—interrompeu a mãe.—Quem t'o disse? escreveu-te?

As duas meninas mutuaram um relance de olhos consultivos.

—Assim como assim, o melhor é dizer tudo...—deliberou Eugenia.—Escreveu, sim, senhora.

—Quem trouxe a carta?

—Ninguem.

—Ninguem! essa é boa!... então a carta veio sem ninguem a trazer?

—Nós chegamos á janella do mirante ao fundo do passal, quando vimos a carta entre as roseiras que fazem o pavilhão da janella, e vimos Bernardo da parte d'alem do ribeiro a olhar para nós. Foi elle que lá poz a carta, quando nos ouviu rir por debaixo da parreira, e suppoz que nós iamos para o mirante.

E depois?—animou a senhora a narrativa simulando socego e nenhum espanto do acontecimento. A carta que dizia.

—Muita cousa. A mãe verá...

—Isso quando foi?

—Ha mez e meio, quando elle veiu a ferias de paschoa.

—E que dizia elle?... vamos lá...

—Dizia que assim que estivesse formado havia de vir pedir ao pae a mana Ricardina, se ella o amasse e quizesse ser sua esposa.

—E tu querias, menina? — perguntou a mãe com tristeza.

—Eu... se meu pae deixasse... balbuciou Ricardina.

—Mas teu pae, filha, não deixa, parece-me a mim. Tiveste uma infeliz inclinação!...

—Porque, minha mãe?—perguntou Eugenia.—Então o Moniz não é uma pessoa digna de casar com a mana?

—E'... creio que é; mas... teu pae nunca se lembrou de tal, e mais achava que o rapaz tinha apparencias de bom. Para elle não consentir no casamento, basta saber que o Bernardo se atreveu a escrever-te. Vós não sabeis como é vosso pae, meninas?... Não sabeis, não...

Calou-se reconcentrada D. Clementina, e proseguiu após longa pausa:

—Vosso pae ha mais de tres annos que pensa em vos casar com os primos. Quer e não desiste. E' lá uma vaidade que elle tem comsigo, e já me fez chorar lagrimas que farte por eu lhe perguntar se não havia n'este mundo mais homens... Ainda outra cousa, filhas... Vosso pae é filho de um fidalgo distincto, eu nasci em uma das casas mais nobres da provincia, e quer elle que os seus netos possam dizer que são fidalgos por pae e mãe.

—E Bernardo Moniz...—atalhou Eugenia, querendo defender a não ignorada procedencia do amador da irmã.

—Bernardo, meninas, é filho de um lavrador pobre, que teve uma herança de um irmão que morreu no Brasil. Quando este irmão morreu, Bernardo estava em Lisboa a estudar para pintor. O pae, assim que melhorou de fortuna, mandou-o chamar para casa, e deixou-o ir estudar para Coimbra e mais dois irmãos. Fez o palacete em que reside agora, e começou a viver á lei da

nobreza. Ora aqui tendes quem é Bernardo, se o não sabeis. Digam-me agora se seu pae quererá para genro o filho de um lavrador, ainda que elle seja muito rico e muito bom rapaz!

—Mas a mãe já nos disse—contraveiu Eugenia—que o tio Sebastião Pimentel lhe mandára offerecer para esposa a prima Mathilde...

—E' verdade; mas agora te digo que teu pae quando tal soube, reprovou a baixeza do tio Sebastião, notando que n'outro tempo os pintores só entravam nas casas nobres para retratarem os donos... Repito que desgraçada inclinação foi a tua, Ricardina, se a razão não puder mais que o amor. Robre filha!—proseguiu a mãe, encarando-a com os olhos cheios de lagrimas, e o coração de lembranças da sua paixão unica, primeira, e desde muito morta!—Pobre filha, não sei o que te heide dizer, nem fazer em teu favor, se não pedir-te que distraias os teus cuidados d'esse rapaz! Fazes-lhe grande bem, se o desenganares; porque teu pae é ainda o homem que sempre foi. Se souber que Bernardo é causa de regeitares teu primo, o que ahi não irá!... E' capaz de... que sei eu!

Ricardina prorompeu em choro cortado de soluços tão anciosos que todas as caricias maternaes não lograram aquietá'-la.

N'este lance, a porta do quarto abriu-se de repellão.

O abbade assomou no limiar. Mãe e filhas estremeceram por egual.

Caminhou para ellas mesuradamente, nem risonho

nem severo. Fitou de frecha Ricardina, que não ousava encará'-lo. Depois, voltando-se a D. Clementina, disse com boa sombra:

—Não disseste a esta senhora o que eu era capaz de fazer, se Bernardo estorvasse o casamento d'ella com seu primo. Digo-t'o eu, Ricardina. O que primeiro farei é avisa'-lo de que eu não sou homem que o avise duas vezes. O jantar na mesa.

Saíu. Ricardina parecia trespassada de um frio que a empedrenira.

II

UM AMIGO!

Ricardina era a mais doce alma que os anjos compuzeram da graça e formosura do céo.

Tinha ella treze annos quando sahiu com o seguinte lance de extremada bondade.

Norberto Calvo era um creado de seu pae, o seu braço direito nas luctas com os freguezes por causa das freguezas, um valentão «de rópia e chulice», como lá dizem. Este Norberto era filho de uma velha pobrissima que habitava um cardenho, na freguezia proxima. A velha tinha comsigo uma nora cega, viuva, e cinco netos. O filho, já defuncto, tinha hypothecado, com permissão

da mãe, o cardenho e horta a uma divida de oito moedas de ouro. O credor, cançado de pedir e esperar o seu dinheiro, penhorou a casa e mandou ler á executada o mandado de despejo em vinte e quatro horas. A velha, consternadissima, veiu ter-se com o filho, pedindo-lhe remedio. Norberto apenas tinha tres moedas com quinze tostões, e o abbade estava fóra da aldeia. Aventou-se-lhe o peor dos expedientes. Sabia em qual gaveta de um contador seu amo tinha dinheiro. Não estávam em casa a senhora e as meninas, cuidou elle. Foi ao quarto do abbade, abriu a tremer a gaveta e roubou tres peças. Prefez as oito moedas com as soldadas que tinha, e mandou embora a mãe, recommendando-lhe que resasse a nossa senhora por elle n'um aperto de muita necessidade.

A alcôva das meninas vizinhava do quarto de seu pae, interposta uma sala. Ricardina estava a escrever o seu translado, e déra tento de entrar gente ao aposento da mãe e tirar pela gaveta. Espreitou pelo espelho da fechadura sobre o corredor que conduzia ao quarto do pae, e viu Norberto descalço a evadir-se pé ante pé.

Desconfiou do furto; mas não disse nada.

Sahiu d'ahi a pouco, e encontrou no pomar o creado. Viu-o muito amarello, com os olhos vermelhos de chorar, e perguntou-lhe:

—Tu que tens, Norberto?

—Não tenho nada, fidalga... Então eu que tenho?!

—Estás tão enfiado?!...

—Agora estou eu enfiado!... A fidalga d'onde vem? —perguntou elle inquieto.

—Do meu quarto.

—Do seu quarto? não foi com a mãesinha e com a senhora D. Eugenia ver o linho?!

—Não...

—Não?... Pois onde estava?...—volveu elle já afflicto.

—No meu quarto, já te disse... Tu passaste no corredor muito devagar...

O creado não cogitou na defesa, por isso mesmo que não reflectira no crime. Desatou a chorar, contando á menina a desgraça da mãe, da cunhada e dos filhinhos, pedindo-lhe com as mãos postas que o não accusasse.

—Está descançado, Norberto—disse ella.

Vinham chegando ao portão o pae, a mãe e a irmã. Ricardina sahiu-lhes ao encontro muito folgazã, assertoando na casaca do pae um ramo florido de laranjeira.

—Estou bonito,—disse o abbade, e seguiu para o seu quarto.

A menina foi depós elle e mais a mãe.

—Estou muito contente, meu pae!—disse Ricardina.

—Estimo; então por que estás contente? sahiu-te bom o translado?

—Não é isso: fiz uma boa acção, uma esmola.

—Isso bom é.

—Olhe, meu pae. Era uma velhinha, e uma viuva cega e cinco filhos. Vinham pedir esmola para pagarem uma divida e ficarem na cabana que a justiça lhes tirou.

—Se foi a justiça que lh'a tirou, é que não a podiam possuir sem injustiça—observou o abbade, despindo a casaca, e revestindo-se de chambre—Que velha, que cabana, e que justiça era essa?

—Era a mãe do Norberto. Ella precisava de tres peças, por que o filho só tinha tres moedas e mais não sei quê. E vai eu fui á sua gaveta, e dei as tres peças de esmola á velha.

O abbade olhou para Clementina, murmurando:

—E esta!...

—Estou pasmada!—disse a senhora—Então tu vens á gaveta de teu pae e dás tres peças!...

—Se o pae cá estivesse, tambem lh'as dava...—replicou Ricardina.

—Mas o pae dá o que quer, e tu fizeste uma acção muito feia...

—Deixa a pequena—atalhou o padre.—Se a acção foi feia, o resultado é bonito. Não me tornes mais á gaveta sem minha ordem, Ricardina.

D'ahi a pouco, o abbade chamou Norberto e disse-lhe:

—Olha que eu não quero as tres peças que a menina deu a tua mãe; e se fôr necessario mais algum pinto, fala.

O creado tartamudou. Entendeu o padre que era a gratidão que suffocava o seu estimado servo.

E era com effeito: por que, ageitado o lanço, Norberto ajoelhou diante de Ricardina, e quiz beijar-lhe os pés.

Desde aquelle dia, se ha sentimento mais entranhado que o da idolatria, era o que Norberto Calvo consagrava a sua ama, ao anjo salvador da sua fidelidade, manchada pelo irreflectido amor de filho.

III

REACÇÕES

Jantar na mesa!—tinha dito imperiosamente o abbade.

Jantou á tripa fôrra, tomou café placidamente no caramanchel do jardim, mandou passear as filhas, e ficou palestrando com D. Clementina em assumptos alegres conducentes á elaboração de um bom chylo.

Em seguida, foi vendo os fructos vingados nas arvores, e conversando em termos brandos com a senhora, que lhe admirava o socego, sem atrever-se a abrir-lhe ensejo de falar da filha.

Deu elle azo perguntando a D. Clementina que lhe parecera Ricardina.

—Pobre pequena!—disse a medo a senhora.

—Bem pobre...—confirmou o abbade.

N'isto, como o sol ainda apertasse, entraram n'um tunel de murtas e cyprestes, que não deixavam ao sol zebrar o chão apaúlado, nem entrever para fóra, onde

se alevantava em cerco um renque de faias entrelaçadas com olmeiros. E conversavam.

Norberto Calvo tinha visto as duas meninas no pomar. Ricardina estava chorando encostada ao seio de Eugenia.

O creado não ousou perguntar a sua ama por que chorava. Apartou-se triste, e foi trabalhar no campo convizinho do tunel. Quando passava, ouviu a voz do abbade. Abeirou-se de mansinho, movido pelo desejo de entender as lagrimas da sua adorada salvadora, e ouviu o seguinte:

—Estás enganada, Clementina. Eu não obrigo a filha a casar contra sua vontade; e tambem não consinto que ella case contra a minha. Estes extremos tem o termo medio, que é não casar com teu sobrinho nem com Bernardo Moniz. Não ha pae mais indulgente. Outro qualquer dizia-lhe: «é para diante.» Eu não. Fique embora solteira; mas case-se com o divino esposo.

—Freira!—atalhou a senhora.

—Por que não? Freira, e o mais tardar um mez. Mas não freira á moda—freira delambida e derrancada de chichisbéos em grade. Freira, segundo o instituto, é que eu a quero. Esposa fiel do Espirito Santo. Convento austero e pobre. A riqueza das ordens monasticas é regalo de corpos e fermento de vicios... Hei de pensar ainda a este respeito. Não sei para onde irá.

—E de mais a mais freira pobre!—tornou D. Clementina—O teu meio termo é violento, Leonardo! Antes Deus m'a leve...

—Deus que a leve, se quizer. Por em quanto o que eu quero está dito e ha-de cumprir-se... Nada de lastimas, Clementina! Que queres tu? Justificas o amor de tua filha ao pintor?

—Não, mas...

—Queres ser avó dos netos do Silvestre da Fonte?

—Mas, meu Deus!—exclamou D. Clementina—nós não sabemos ainda em que idéas está nossa filha. Esperemos que ella pense e mude de sentimentos.

—Pois sim, esperemos. Isto não vae de afogadilho. Tem trinta dias para pensar e repensar. Em todo o caso, a questão reduz-se a uma de duas: casar com o primo Carlos, ou ser freira. Uma observação: d'aqui até que ella se resolva, n'esta casa não entra pessoa extranha. Heide ter boas espias... Carta que eu apanhe, entra em buchas no corpo de quem a cá mandar.

—Quem ha de cá mandar cartas?!—acudiu a senhora—O Bernardo está em Coimbra...

—Está de volta para casa. Já começaram os actos. Não me faças reflexões, que eu sei sempre o que digo e porque o digo.

Retirou-se D. Clementina para poder chorar desabafadamente. Ao mesmo tempo, Norberto Calvo, sumindo-se a coberto das ramagens das faias, baixou-se a cegar senradella no hervaçal.

—Estás ahi, Norberto?—disse o abbade á entrada do tunel.

—Saberá vossa senhoria que sim, senhor. Cheguei agora.

—Vem cá. Tenho que te dizer.

Abeirou-se o creado.

—Toma tento, homem. Não me saias do passal por este mez mais chegado, entendes?

—Sim, senhor.

—Pessoa conhecida ou desconhecida que bata ao portão, não entra sem que eu esteja em casa, entendes?

—Sim, senhor.

—De noite, dá-me duas voltas em redor da casa e da parede do passal. Se enxergares vulto de que desconfies, segura-o ou atira-lhe, entendes?

—Sim, senhor. Então ha novidade de maior, senhor abbade?!

—Escusas de saber mais nada.

—Perdoará, senhor abbade... eu perguntava... por que em fim... vossa senhoria cá comigo nunca teve aquellas de segredos...

—Faze o que te digo.

E voltou as costas ao creado com fidalgo orgulho, agastado da liberdade da pergunta.

Norberto, ao soar das Ave-Marias, estava sentado junto do gradeado de madeira onde Ricardina creava perús, e costumava levar, ao entardecer, urtigas e ovos cozidos. Ia sósinha.

—Queria falar-lhe, fidalga — disse Norberto, espreitando que o não vissem.—Eu vou dizer-lhe o que quero pelo outro lado das grades.

Rodeou, e sumiu-se entre um loireiral que formava

tecto de folhagem sobre a capoeira. Ricardina cingiu-se ás ripas do gradeado e escutou:

—O senhor abbade esteve a dizer que a menina havia de ir para um convento pobre, e disse cousas do diabo do senhor Bernardo Moniz. Se fôr preciso alguma cousa, o Norberto está aqui. Elle mandou-me agarrar ou atirar, se visse alguem de noite cá por perto das paredes. A fidalga esteja descançada, que eu não lhe faço mal, se fôr elle. Estou prompto para tudo, menina; mas não me fale diante do paesinho, que se não esbarronda-se o negocio.

—Obrigada, Norberto.

—Não tem de quê...

—Olha...

—Que é, fidalga?

—Fazes-me um favor?

—O que vossa senhoria quizer, se fôr para bem da fidalga.

—Levas-me uma carta ao correio?

—E' para o senhor Bernardo?

—Sim.

—Elle quer casar com a menina?

—Pois então!

—Prompto! se elle quer casar com vossa senhoria, e a fidalga quer, quem os quita?! Elle é bom rapaz e rico a valer. Tambem o senhor abbade tem scismas! Querer á fina força que as suas filhas casem com os da Reboliça!... Não se lembrar que o pae d'elles por um

triz que lhe não mettia trez zagalotes no peito, quando a mãesinha para cá fugiu...

Chamou Clementina a filha. A menina alvoroçou-se, e apenas poude dizer:

—Procura ámanhã ao meio dia debaixo do vaso de marmore por cima da fonte, sim?

—Sim, fidalga.

A mãe já vinha descendo em cata de Ricardina.

—Teu pae já tinha perguntado onde estavas—disse ella.

—Pois não sabia a mãe onde eu estava?!

—Sabia; mas que queres. Está desconfiado...

—Eu que mal faço?

—Nenhum... estás a pagar as imprudencias que fizeste... Foi uma desgraça elle escutar o que diziamos no teu quarto.

Proseguiram conversando até se retirarem á sala mais afastada. Referiu-lhe a mãe o que passára com o abbade, e a ordem positiva de propôr-lhe o casamento ou mosteiro, concedido um mez para deliberar.

Ricardina ia responder logo, optando pelo convento; mas obstou-lhe a mãe, aconselhando-lhe a acceitação de todo o tempo aprazado com admiravel magnanimidade por pessoa de genio tão despotico.

Chorou longo tempo a menina, e acompanhou a mãe á mesa junto da qual o risonho abbade, com a outra filha, esperava que o chá abrisse.

Durante o repasto, palavreou alegremente o padre com

Eugenia, e declinou dos gracejos para o tom sombrio da politica, invectivando rancorosamente contra os liberaes que n'aquelle anno de 1827 assentavam os já minados cimentos do edificio, derruido no seguinte anno.

O padre Leonardo Botelho de Queiroz era primo dos Silveiras, consanguineo ainda mais na politica, realista por linhagem de barões feudaes—se eram barões feudaes em Portugal uns potreiros mestres de estardiota nas suas comarcas—realista por interesses alligados á sua abbadia, realista, emfim, por estupidez, não desfazendo nos espiritos que ainda luzem e abundam nas crenças politicas do abbade de Espinho por illustração.

D. Clementina Pimentel escutava-o por delicadeza e bocejava por não poder ser mais civil, quando o abbade lhe preleccionava os horrores da liberdade, e ao proposito lhe lia um opusculo de certo frade, seu amigo, tendente a provar que o general Gomes Freire de Andrade fôra enforcado como devia ser para desaggravo da justiça e moral. [1]

As duas meninas tinham dispensa de ouvir a christianissima allegação juridica do monge. Pelo ordinario,

---

[1] Devia ser o livro intitulado *Reflexões sobre a conspiração descoberta e castigada em Lisboa no anno de 1817, por um verdadeiro amigo da patria*. Lisboa, 1818. Este verdadeiro amigo da patria, por modestia, e não por vergonha, escondeu o seu nome. Vestia o habito de S. Bento, chamava-se fr. Matheus da Assumpção Brandão, emigrou em 1834 e morreu em Roma no anno de 1837. Deus haja compaixão da sua alma.

assim que tomavam o chá, recolhiam-se á sua alcova, onde esperavam o somno, que facilmente as favorecia aligeirando-lhes os aborrecimentos da solidão.

N'aquella noite porém, Eugenia, sobreexcitada por commoções de noiva, e Ricardina por saudades exacerbadas pela desesperança, não podiam adormecer. Uma chorava, a outra queria consolar; mas espremia fel em vez de lenimento na chaga, quando dissuadia a irmã de amar Bernardo e lhe figurava as delicias de ir com ella para uma vida mais alegre, casada com o primo Carlos.

—Não me digas isso, que não sou tua amiga!—segredava-lhe Ricardina, receosa de ser escutada.—Quero ser freira, e morrer antes de faltar á minha palavra. Amar outro homem não me é possivel. Hei de esquecer o Bernardo só quando morrer.

Eugenia replicava mais brandamente, e assim de argumento em argumento se lhe foi esmorecendo a viveza da contenda, até que emfim, ás tres da manhã, adormeceu.

Levantou-se então subtilmente Ricardina, subtrahiu d'entre os colchões um tinteiro de osso, desarrolhou-o muito acautelada para não ranger, ajoelhou-se á beira de um bahú, e escreveu até ás cinco horas a historia por miudos do funesto dia passado.

A's onze, desceu ao jardim e depositou a carta, a occultas da irmã, debaixo do vaso sobreposto á fonte.

Por volta do meio dia, Norberto recolheu a carta, e foi á hora da sesta pedir a sua mãe que, no dia seguinte, a levasse ao correio de Vizeu.

Bernardo Moniz presagiou desgraça quando reconheceu a lettra. Era a primeira carta que elle recebia em Coimbra. Tal ventura nunca elle se arrojára a pedi'-la. Sobejava-lhe felicidade, consentindo Ricardina em ler as centenas de paginas que semanalmente appareciam pendentes dos festões do roseiral do mirante. Não queria mais. Nem de tanto, em sua consciencia, se reconhecia digno.

Leu, releu, quanto as lagrimas lh'o consentiam.

A menina queixava-se da sua sorte; mas não pedia soccorro nem atrevimentos de fino amante. Acceitava o convento com preferencia a ser esposa de outro. Lastimava o seu amigo como a si propria. Ensinava-lhe a resignação, dando-lhe o exemplo. Queria, porém, que elle não amasse outra, sem ella ter morrido na clausura.

O primeiro pensamento de Bernardo Moniz foi entrar simultaneamente n'um mosteiro da Arrabida, da Falperra, da Serra d'Ossa, do Bussaco, de São Francisco de Vianna, n'um sepulchro bem triste, com a mais pobre das mortalhas.

Mas o coração repulsava a morte. A reacção da saudade foi tão rija e tão de fogo que os ermos cenobiticos se lhe afiguravam infernos, onde a purificação das almas é hypocrita, quando ao sahir do mundo, o monge não chorou desenganado das suas esperanças. Bernardo, aos vinte e tres annos, ainda não tinha perdido nenhuma.

Cada hora lhe desabotoava do coração rebentos novos a florir e a recender. Não tinha ainda vivido. Era-lhe

força suicidar-se ao tempo que apertasse o cordão de frade como esparto de estrangulação. Não podia. Queria antes morrer debaixo dos olhos d'ella.

IV

BERNARDO MONIZ

Da vida anterior do academico já D. Clementina Pimentel referiu o principal. Seu pae tinha oito filhos, e colhia escasso pão com que lhes pagasse o incessante labutar nos campos. Enviára tres ao Brasil, onde tinha um irmão solteiro e sovina. Arranjára dois no Porto em tracto de caixeiros. Mandou, com poucos recursos, Bernardo a Lisboa aprender pintura. Escolheu o mais robusto para o ajudar na lavoura, e a filha para a casar com um dote de duzentos mil réis, quando apparecesse um rapaz videiro, que tivesse de seu algumas leiras.

Já tambem sabem que o irmão sovina morreu atascado em ouro. Se não voasse á gloria de repente, era opinião geral que deixaria os seus quinhentos contos a varias confrarias, sob condição de o baldearem do enxofre e betume do inferno, e o levarem a encontrões de suffragios pelo céo dentro. Se a intenção o salvou, é questão de theologia moral em que não implico: salva-

dos, com toda a certeza, sei eu que foi o irmão e os oito sobrinhos do defuncto, se é profanamente licito suppôr que quinhentos contos salvam do enxofre e betume d'este mundo nove pessoas pobres.

Bernardo Moniz, avisado pelo pae, largou a custo os pinceis. A pintura dera-lhe pabulo ao devanear do espirito, por espheras mais altas e lucidas que a do seu nascimento.

Era a sua poesia e brazão.

A soledade falava-lhe. O céo, as arvores, os ribeiros, os horisontes, o diluculo da manhã e o arrebol da noite entendiam-n'o, davam-lhe em troca do amor as suavidades da contemplação. O moço, ás vezes, na praia de Belem, voltado ao már, ou na quinta de Bellas, emboscado nas ramagens, chorava; mas a soledade enviava-lhe as caricias das suas auras, o trilo das suas aves, e o acre balsamico das suas moutas. E, depois, o pintor, á luz da noite, e nas madrugadas convidativas da inspiração, espelhava o coração na tela, reproduzindo quasi sempre as poucas variantes do mesmo motivo. Umas vezes, era uma menina de oito annos espreitando cautelosamente o ninho de uma toutinegra entre silveiraes enredados á ourela d'um córrego, em quanto a ave irrequieta pousava latejante de susto n'um salgueiro da outra margem. Outras vezes, era a mesma menina sentada no peitoril de um miradouro, com uma abada de rosas de toucar, com as quaes orlava o decote do vestido menos alvo do que ella. A mesma menina lhe sorrìa uma hora, do escuro de um caramanchel, en-

feitando um cesto de pomos com folhagem e grinaldas. Outra hora, sentada nos degráos de um cruzeiro, parecia contemplar com tristeza outra menina que se balouçava n'uma redouça formada pelo esgalho flexivel de um castanheiro.

Esta creança, sempre a mesma e inalteravel na fidelidade das feições angelicas, era Ricardina; a outra, menos frequente e menos poetisada nos seus quadros, era Eugenia.

Admiravel parcimonia de imaginação! Espectaculos tão esplendidos e alma tão capaz de inspirar-se da belleza d'elles, davam de si tão pouco! Sempre as mesmas arvores, o mesmo mirante, o silvedo com o mesmo ninho, e uma só imagem infantil a dar relevo á monotonia das suas copias!

Vinha a ser esta pobreza de fantasia uma exuberancia de thesouros do côração.

Era amor do tempo em que elle, debaixo do mantéo aspero de pastor de pobre rebanho, escondia as azas do anjo, que, a espaços, o remontavam onde elle cuidava que o erguiam sonhos.

Aos doze annos era Bernardo ainda o pegureiro das ovelhas da arribana paterna. Guiava-as aos montados fronteiros da residencia de Espinho. Na volta da noite, passava o ribeiro, e rodeava o passal do abbade. Então acontecia ver na orla do regato Ricardina espreitando o ninho da toutinegra, ou sentada no cruzeiro; alguma hora no miradouro, e uma só vez no caramanchel inflo-

rando o cabazinho da fructa, quando elle foi chamar o abbade para sacramentar sua mãe.

Mas, audaz pastorinho! que douda innocencia foi essa tua de levares retratada no coração a peregrina imagem de menina tão distante do teu mesquinho nascimento, e das palhas onde pequenino choravas, sem mimos que te acalentassem?

Aos quatorze annos, poderia elle responder, apontando os seus quadros imperfeitos: «Eu andava então enthesourando estas memorias, com que a alma vem hoje auxiliar a arte. O aproveitamento que me louvam é o coração que m'o ensina, é a saudade que faz esta luz e sombras, este quê inexplicavel em que scismo e choro.»

Tal era, e d'estas puerilidades affectivas vivia Bernardo Moniz, quando o pae lhe disse: «Escolhe outro modo de vida, que estamos ricos, louvado Deus!»

—Que tem que estejamos ricos?... Serei pintor.

—Não quero. Has de ser o que teus irmãos querem ser. Antonio escolheu ser medico; Francisco quer ser doutor-padre; e tu, vê lá... Queres ser doutor de leis?

—O que meu pae quizer.

—Então é já para Coimbra com teus irmãos.

E partiram os tres estudantes em 1820 para Coimbra começar humanidades.

Bernardo ganhou prodigiosa vantagem aos irmãos e condiscipulos, bem que intervalasse o estudo com exercicios de desenho, cada hora mais aprimorado. Era bom de graduar-lhe o progresso, por que os desenhos, como

em Lisboa, sahiam sempre os mesmos: Ricardina, o ninho, o mirante, o cruzeiro, a gruta, e o cabaz dos pecegos. Os irmãos riam-se, e diziam entre si: «Não sabe mais nada!»

Nas férias grandes do primeiro anno, Bernardo foi a casa. O abbade de Espinho maravilhou-se da latinidade do moço, quando o viu desfazer as difficuldades do Eutropio, defesas ao examinador. E tanto assim que disse a D. Clementina:

—Quem diria que d'aquelle cepo do Silvestre da Fonte havia de sahir um filho esperto! Desconcerto da natureza! Entendam lá isto de um selvagem não produzir outro! Um burro produz sempre um burro, ou um macho, conforme; um alarve não gera sempre outro alarve!

Os talentos do padre Leonardo Botelho de Queiroz ainda abicavam theses zoologicas d'este volume!

Foi Bernardo á residencia abbacial receber para Coimbra as ordens de sua senhoria.

Viu Ricardina. Ousou remira'-la com transportes de artista. Partiu. Começou a retocar as feições da sua inspiradora. Subito, remessa a palheta, e diz de si comsigo:

—Não! Ella era assim, quando eu era pastor. Como não posso nem devo esperar nada, tenho só de meu o passado.

Nos feriados dos seguintes annos, até 1826, o estudante viu Ricardina. Em 1824 ainda a viu florejando graças de creança; um anno adiante, espantou-se da rapida passagem ás fórmas divinas e sisudo porte de senhora. Tinha ella quatorze e elle dezoito annos.

N'aquelle anno de 1826, o fidalgo da Reboliça, irmão de Clementina, sondou-lhe o animo, quanto a intentos matrimoniaes. Como o rapaz não formulou programma de celibato, mandou-lhe offerecer, com rodeios de habil mensageiro, sua filha mais nova. Bernardo agradeceu a honra e furtou-se a responder em quanto se não formasse.

Como nasceu o amor de Ricardina ao antigo ovelheiro, que lhe lucilava ainda nas memorias da infancia?

A pergunta é, sobre ociosa, estólida.

Como nasce o amor? Apenas sabemos como elle morre.

Quando o terceiro-annista de direito, nas férias de 1826, lhe impendeu dos festões do rosal a primeira carta, Ricardina já lh'a tinha lido no coração, e já lhe havia respondido n'um volver de olhos. Valente eloquencia a dos olhos aprendida na rhetorica com que as almas sáem industriadas do seio da NATUREZA, que eu escrevo com respeitosos versaletes, por se me figurar que ELLA e DEUS tudo é um. E não lhe respondeu senão assim a tão amorosa quanto assustada menina,—assustada mais do seu alvoroço que dos pavores do pae.

Abastou á felicidade de Bernardo Moniz que a sua primeira carta recebesse a divinisação de uns olhos indulgentes. Escreveu segunda. E, quando já eram seis, e escassamente expressára muito da flôr d'alma o que não podia desentralhar-lhe do intimo, foi para Coimbra seguir o quarto anno.

Delongue-se o menos que ser possa uma intermitten-

cia enfadosa n'esta narrativa. Duas linhas sobre politica.

Em 1827 referviam as paixões de escravos voluntarios contra a anciedade irreprimivel dos devotos da liberdade. Recendia no ar do Portugal o acre do sangue de Gomes Freire de Andrade. O guião dos temerarios aggressores da tyrannia estupida ondeava nas fortalezas. A victoria incruenta enganava os mais previstos. Conjuravam mais as forças intelligentes a architectar o edificio constitucional, quando lhes cumpria contra-minar as insidias da hespanhala e do filho, que parecia ter sido aleitado nos ubres da hyena materna.

Os academicos, mais de quinhentos, tinham ajudado a rebater os impetos do marquez de Chaves. Venceram. Todavia, restaurada a regencia e a constituição, attentaram para longe, e viram atroados de tempestades os horisontes.

Colligaram-se e conjuraram. Juramentaram-se e offereceram vida e honra em penhor da execução indeclinavel dos seus compromissos. Puzeram ao alcance do punhal e da bala os esbirros abjectos e os despotas coroados. Todos a um tempo gravaram na fronte do cobarde ou do apostata o ferrete da execração, sem cedencia da vida.

N'este congresso de duzentos conjurados alistou-se Bernardo Moniz; por que o verbo do cenaculo era sublime; dizia EGUALDADE; egualdade de direitos, de deveres, de origem, de procedencia diversa ou casual; egualdade em suma de corações, egualdade entre o filho do lavrador e a filha do abbade fidalgo.

E, quando o secretario leu as obrigações temerosas dos juramentos, Bernardo congelou-se de um frio que não era terror. Tranziu-o o murmurar de cada mancebo, filho, amante, esposo, ali, á mesa da presidencia, com a mão posta na lamina da espada, promettendo matar e morrer com egual coragem.

Todavia, jurou.

E tinha jurado, no dia 22 de maio de 1827, poucas horas antes de receber a carta de Ricardina.

V

MÃE E FILHA

Volvidos quinze dias, o academico passou em frente da residencia, caminho de sua casa, com seus dois irmãos.

O abbade atravessava o terreiro intermedio da egreja e residencia. Viu-os. Voltou a cara, quando o cortejaram, e não respondeu á urbanidade dos môços.

Francisco, o terceiro-annista de medicina, disse a Bernardo:

—Vou sacudir-lhe o chapéo com a cauda do macho.

—Não—acudiu o irmão—peço-te encarecidamente...

—Este clerigo devasso... que mal lhe fizemos nós?

—murmurou o indocil Francisco Moniz, já provado em proezas coimbrãs.

O padre não o ouviu. Seria perigoso ouvi'-lo. As antigas clavinas da defesa da residencia eram brunidas mensalmente e experimentadas no alvo em que os creados se exercitavam.

A colerica admiração do medico denota que Bernardo occultava de seus irmãos a carta de Ricardina, e as iras do pae.

No mesmo dia da chegada, o moço, insensivel aos contentamentos da familia e lembranças da infancia, que tão doces lhe despontavam os espinhos da saudade nos antecedentes annos, procurou disfarçadamente a mãe de Norberto Calvo, consoante Ricardina lhe recommendára em segundo aviso. A prevenida velha recebeu uma carta e foi de noite em demanda do filho, que de clavina sobraçada circuitava o muro do passal, segundo as renovadas e mais urgentes ordens do abbade.

Moniz respondia a sabor da sua desesperação. Nenhum expediente se lhe offerecia, mediante o qual saisse com o intento de senhorear-se airosamente de Ricardina. Tinha contra si o pae d'ella e seu proprio pae, homem ignorante da corrupção dos costumes, e conhecedor tão-sómente de um enorme escandalo:—a vida do abbade. Para Silvestre da Fonte as filhas de Clementina eram... filhas de tal mãe. Que Deus livrasse algum dos seus rapazes de tentação matrimonial com alguma das filhas de coito damnado! O possante lavrador, morigerado pela riqueza, já tinha dito que de má vontade daria o seu

Bernardo á filha de Sebastião Pimentel, por ser prima das outras. Com quanta mais repugnancia o não daria á filha de um abbade!

Por tanto, a sahida unica e desafogada em tal angustia era a fuga, enlace mais vulgar então do que hoje. N'aquelle tempo, o transferir judicialmente uma noiva da casa paterna para outra, era cousa de costa acima, se os executores da lei haviam de te'-las com paes de sobrado alto e brazão na padieira da porta. A lei encolhia-se de medo; e as meninas, postas em extremidade, fugiam. Agora, esta cousa chamada rapto em obsequio ao pudor das voluntarias fugitivas, é ave rara que vae passando á phenix dos fabulistas. Graças á pontualidade do juiz e do escrivão do bairro, hoje em dia, donzella que foge para casar não tem desculpa nenhuma, salvo se os seus espiritos romanescos a fazem desadorar vulgaridades.

Não assim a filha de Clementina Pimentel. Ricardina negou-se ás insinuações de Bernardo, recusando annuir ao plano da fuga. Explicava-lhe o seu grande amor sem a ruim prova de algum acto indecoroso: queria morrer, amando-o; mas abençoada de Deus e de sua mãe. Iria para o convento, logo que o pae mandasse, e de lá, em quanto pudesse, lhe iria dando contas da sua vida.

Tão louvavel resposta não demoveu Bernardo Moniz. As inferencias que elle tirou alancearam-lhe coração e amor-proprio. Não ha mais desconfiadas almas que as prevenidas contra o desdem da sua baixa origem. Desconfiadas e orgulhosas. Entrou-o logo a suspeita da má

fé e mal simulada astucia de Ricardina. Arrependera-se, ou offendera-se da proposta irreverente do plebeu; lembraram-lhe ou lembrou-se de o conhecer a guardar ovelhas; cedeu ás instancias do pae ou ás seducções do primo; como quer que fosse, não o amava. Taes eram e tumultuavam as hypotheses no animo do filho de Silvestre Moniz, mais conhecido e sempre conhecido, a despeito de quinhentos contos, pelo tio Silvestre da Fonte. Replicou allucinadamente o academico ás sinceras esquivanças da menina. Explanou os topicos communs dos offendidos na sua plebeia vaidade; porque é singular cousa ver assomar-se em arrogancias de ter nascido povo, propriamente aquelle que reprova a philaucia do fidalgo. E então, n'isto de amoricos de corações desiguaes quanto ao sangue, ha uns fumos de altivez agastadiça no homem de baixa estôfa, que se faz mister muita caridade por sobre paixão requintada na mulher que o atura.

Ricardina chorou quando leu as accusações iniquissimas. Desde ingrata e cruel até desvanecida e perfida, exgotou Bernardo o vocabulario das furias do ciume. Redarguiu o paciente anjo, aprazando-o para lhe fazer justiça, com estas commoventes expressões: «Quando eu estiver no convento, meu amigo, tu me pedirás perdão. Desde já te perdôo...»

Cahiu em si o desatinado moço. Remediou o mal feito, saneou-lhe a chega com o balsamo das lagrimas. Que importava! Ricardina insistia em não fugir de casa. Apuros de tanto decoro não condiziam com o exemplo

da mãe, cujo passado as filhas adivinharam, desde que no livro dos baptismos descobriram que não tinham pae, ou, se o tinham, chamára-lhe *incognito* o abbade, sendo elle, que a si mesmo se desconhecia, o redactor do assento!

Quinze dias, os que restavam ao prazo assignado pelo padre, passaram rapidos.

Ao fim do decimo-quarto, D. Clementina disse á filha:

—Ricardina, faz ámanhã um mez...

—Bem sei, minha mãe.

—Já pensaste no que has de dizer?

—Já, minha mãe. Ha muito que estou decidida. Quando o pae quizer, irei para o convento.

—Que me dizes, filha?! Pois teimas...

—Não teimo nada... Casar com o primo Carlos não posso. Com o Moniz não quer a mãe que eu case. Que hei de eu fazer? O pae determinou que eu fosse para o convento... vou.

—Mas, olha, filha, vae entretendo, pede mais algum tempo...

—Não sei para quê... Afinal, quanto mais tempo estiver a enganar o pae, mais odio elle me ganha. O melhor é ir já. Levo muitas saudades da minha mãe e da minha Eugenia; hei de chorar muito; mas o que vale é que a minha vida tem de ser curta.

—Não é de nós que tu levas saudades... —invectivou a mãe com ingrato animo e sorriso amargo.—As tuas saudades ficam onde deixas o coração...

—Está enganada, minha mãe—balbuciou Ricardina. —Sou muito amiga de Bernardo; mas sou mais ainda da minha familia. Se o não fosse... poderia dar algum passo que lhe causasse muita pena...

—Qual passo?—acudiu D. Clementina, como quem conhecia experimentalmente os passos usuaes em lances analogos.—Que havias tu de fazer? fugir?

A filha não respondeu ás instancias iradas da mãe.

—Fugir? responde... Tu cuidas que Bernardo, se praticasse essa infamia, vivia vinte e quatro horas? Não sabes o pae que tens, nem o filho do Silvestre da Fonte conhece Leonardo Botelho de Queiroz! Matava-o tão certo como dizer-t'o eu; e a ti, desgraçada, não sei se te seria melhor ter sorte egual á do homem que nos fizesse tamanha affronta! Então elle já te convidou a fugir?—exclamou D. Clementina com raivosos tregeitos.

—A mãe está fóra de si!—atalhou amedrontada Ricardina.—Pois eu já lhe disse que queria fugir, ou que elle me...

—Então que querias dizer senão isso?—volveu a mãe já menos incendida.—Apre! que estou a suar! *Fugir!*... Faz-me horror esta palavra!

Concentrou-se com amargurados signaes de dôr profunda, a olhar de fito nos olhos orvalhados da filha; e, á volta de alguns segundos, repetiu:

—*Fugir!*... sabes tu o que é isso?...

E, circumvagando os olhos ás portas por onde podia ser escutada, continuou abaixando a voz, quasi ao ouvido de Ricardina:

—Eu fugi, filha: fugi, cega de luz infernal; e quando abri os olhos, e conheci o que era, e sem remedio havia de ser sempre, tornei-me a desgraçada mais sem consolação que o mundo tem. Olha que eu sou nova. Tenho trinta e sete annos. Vês os meus cabellos quasi brancos? Olha tuas tias e minhas irmãs mais velhas como estão novas! Não as viste já passar ahi a cavallo com tanta gente illustre a acompanha'-las? Vinham mostrar-se, para que eu as invejasse e tivesse pena e vergonha de mim... Tive, filha, tive pena e vergonha. Vi-me n'um espelho depois de as ver a ellas, e fui com os olhos queimados de lagrimas procurar-te, minha filha, a ti e a tua irmã, para me abraçar comvosco, e lembrar-me de que minhas irmãs não tinham duas filhas, dois anjos como eu...

Ricardina abraçou-se palpitante de ternura contra o seio da mãe, beijou-lhe as faces aljofaradas de pranto, e murmurou:

—Não se lembre que eu fuja, não? Se fugir de minha mãe, ha de ser para Deus.

—Mas, Ricardina—voltou a mãe acariciando-a e em tom supplicante: Por que não casas com teu primo? Não é elle um bonito rapaz? Receias que elle seja máo esposo? Ah! eu sei que elle ha de amar muito a minha Ricardina, que é tão linda no rosto como na alma... Filha, a felicidade alcançam-n'a os que mais sacrificam as suas inclinações. Verás como tudo esquece, tudo se desfaz, menos o remorso de uma acção condemnada primeiro pela sociedade e depois pela consciencia... Tu não podes

entender-me estas palavras, filha... Deus permitta que ellas te não lembrem quando as puderes entender, porque serás então desgraçada como tua mãe...

—Não chore, não chore, minha querida mãesinha—obstou a menina, alimpando-lhe o pranto com o seu lenço.

—E tu que me promettes, filha?—sobreveiu D. Clementina, affectando allivio no sorriso.

—Que hei de eu prometter?...

—Casas com meu sobrinho Carlos?

—Não posso, minha mãe, porque tenho odio áquella gente. Nunca os vi n'esta casa senão depois que podiam levar d'aqui não sei que dinheiro. O que elles querem é que eu e minha irmã levemos o dinheiro que lá é preciso...

—Tens razão!—exlamou expansivamente D. Clementina.—Tens razão! a tua alma vê bem as indignidades da minha familia! Agora, imagino quanto será grande a tua repugnancia!.. Não t'a combato... Faze o que te disser o bom anjo das tuas orações... Vae para o convento, vae, meu amor. Os teus primos não me conheciam antes de saber-se que teu pae dava trinta mil cruzados a cada filha. Voltavam-me o rosto, se acaso me viam, quando eu ia para elles com o coração cheio de ternura!... Eram aquelles mesmos que ha um mez me beijaram a mão .. elles, para quem eu tinha olhado com a humildade de peccadora a pedir-lhes que me concedessem o prazer de os contemplar... e me deixassem sentir o contentamento de ainda ter familia, de

pisar ainda as táboas em que passei a mocidade... Vexavam-se de me ver...—proseguiu ella com transportada e vehemente colera.—Fugiam-me... e creio até que o pae os castigaria, se me não fugissem... Oh! tu não sabes as deshonrosas condições que elles puzeram, antes de aqui virem pedir-te e a tua irmã... Nem eu t'as digo, porque quero esconder de ti o orgulho de teu pae, orgulho mixturado com baixeza... Ainda assim, quando vi os filhos de meu irmão, alegrei-me, imaginei-me outra vez na casa de meus paes, rodeada de familia, de tantos parentes, de tantas amigas, que todas me cuspiram na cara, cuidando que não bastavam as lagrimas para tormento!... Pobre mulher! foi uma fraqueza de que tu me levantas, filha! Ensinas-me a ser nobre na desgraça, e mais não sabes quanto me cumpria se'-lo... Não t'o direi; a tua alma adivinha-me... Olha que eu não posso defender-te, porque teu pae tem vontade de ferro, é inflexivel, e eu valho menos nos juizos d'elle que a opinião do Norberto e dos creados, que lhe obedecem e morreriam por lhe satisfazer as vinganças. Minha filha, não pódes contar com tua mãe, senão para tomar o maior quinhão das tuas afflicções. Se fores para o convento, ainda póde ser que eu peça á caridade da tua prelada que me deixe lá ir acabar os dias ao pé de ti. Irei ver-te, se teu pae me deixar; e, se não fôr, hei de escrever-te todos os dias, hei de contar-te a continuação da minha vida, em quanto Deus quizer que eu seja o exemplo da penitencia. Minha filha... meu querido anjo do céo... como eu me sinto tua amiga!—

exclamou a senhora, abraçando soffregamente a menina, que a estreitava ao seio, beijando-lhe a fronte.—Fiz-te minha confidente... Ha dezesete annos que esperava esta hora... Dizia tudo a Deus; mas o coração ficava-me sempre abafado... Respirei agora; já sei que tenho um coração que se condóe... Escuta...—interrompeu-se D. Clementina, fitando o ouvido—chega teu pae... Que me não veja elle signaes de lagrimas...

VI

AGONIAS

—Tua mãe onde está?—perguntou o abbade a Ricardina.

—Penso que está na sala da costura.

—Que venha á minha saleta.

Clementina, ao perpassar pela filha, segredou-lhe:

—Não t'o disse eu? Falta um dia...

—Anime-se, minha mãe... Diga-lhe que vou satisfeita para qualquer convento.

Padre Leonardo passeava offegante ao comprido e ao través da espaçosa quadra.

—Queres saber uma grande maroteira?—bradou elle, assim que a senhora pisou o limiar da porta.

—Que é?

—Estava eu na sacristia, quando Bernardo Moniz entrou na egreja e foi direito a mim. Perguntei-lhe o que queria. Respondeu que o escutasse com socego e bondade.

—Fale lá, que eu estou socegado!—disse-lhe eu. Pespéga-me elle então um grande aranzel, com as bagadas a cahir-lhe pela cara, e acabou por me pedir Ricardina.

—E quem lhe deu ao senhor Bernardo a ousadia de requestar a filha de Leonardo Botelho de Queiroz?—perguntei eu, que já o não via.

—O coração—respondeu elle.

—Qual coração nem qual diabo?! não sei o que é o coração! O que eu sei é que o senhor atreveu-se a pôr os olhos n'uma senhora que não póde ser nora de seu pae, percebeu o senhor?

«E que ha de elle dizer? Impina-se com ares de soberba offendida, e diz de papo empavezado:

—Meu pae é um homem de bem, e eu sou filho de Maria Clara, esposa virtuosa de meu honrado pae.

«Sabes que me deram flatos de o esganar mesmo alli, e desfazer-lhe a cabeça na esquina da porta? Aposto que não intendeste a offensa que elle te atirou á cara? Queria dizer que a mãe d'elle era mais honrada do que tu...

—Se elle queria dizer isso...—observou D. Clementina Pimentel—tem razão...

—Tem razão!?

—Sim... pois que sou eu, Leonardo? que nome me

dá o mundo? que conceito faziam de mim os meus parentes antes de constar que davas sessenta mil cruzados a tuas filhas?

—Por isso mesmo é que eu os obriguei á humilhação de virem aqui; por isso mesmo é que tu has de lá ser recebida com muitos afagos; por isso mesmo é que eu amontoei ouro para carregar de dinheiro os miseraveis, até elles pôrem o nariz nas pontas das minhas botas—percebes?

—Percebo, sim... mas a sociedade depois ha de rir tanto d'elles como de nós...

—De nós?! pareces-me parva! quem é que se ri de mim? quem é?...

—De ti, ninguem que és homem, e és temido e respeitado, mas de mim...

—Quem se ri de ti, Clementina? pois eu consinto que sejas escarnecida? fazes de mim tão vil conceito?

—Não te afflijas, Leonardo...—dize-me o que passaste depois com Bernardo.

—O que passei?... Mandei-o despejar, sob pena de o levar a pontapés fóra do adro... E elle foi-se rebolindo, quando não... fazia-o engulir os dentes. Pedaço de mariola?... o filho do Silvestre da Fonte vir falar-me da honradez do bruto do pae e da virtude da maltrapilha da mãe!... Vamos agora á questão mais importante. Falaste a Ricardina?

—Falei.

—De que bordo está?

—Prompta para entrar no convento.

—Boa palavra. A'manhã cedo faço jornada. Poderei demorar-me tres dias. O convento ha de ser longe e seguro. Emquanto vou e venho, arranja-lhe o enxoval. O que não puder ser, lá se arranjará.

Ao alvejar da manhã seguinte, o abbade de Espinho, affastado com Norberto Calvo no afogado de uma carvalheira, terminava d'esta arte as suas ordens:

—De dia não lhe atires; vigia-lhe sómente os passos, e não me largues de olho a senhora D. Ricardina. Ora agora de noite, aponta-lhe ao peito, e deixa o resto por minha conta. Percebes?

—Sim, senhor. Vá vossa senhoria descançado, que se eu o lobrigar de noite, fica onde estiver.

—Não lhe tenhas medo, ouviste?

—Medo! eu!... Vossa senhoria então ainda me não conhece!...

—Conheço-te, homem; mas vossês por ahi catam respeito a estes bigorrilhas... porque são ricos...

—Que me faz cá a mim que sejam ricos!... Eu cá só cato respeito a meu amo, e tanto monta atirar ao Bernardo como ao diabo do inferno que me appareça!

—Vou descançado, Norberto? O Frazão e o Torto já sabem tambem o que hão de fazer...

—Póde ir com o coração assente e animo á larga.

Norberto, assim que viu a fidalga, fez-lhe signal. Desceu logo ao jardim a sua adorada menina.

—Senhora,—disse elle—faça favor de avisar o senhor Bernardo, que não appareça por aqui de noite. Eu não

lhe quero mal; até, se puder salva'-lo, salvo-o, pondo o peito diante d'elle; mas seu paesinho deu ordem de lhe atirar a matar ao Frazão e ao Torto, que são capazes de acertar n'uma andorinha com uma bala.

Acudiu a sobresaltada menina:

—Manda-lhe lá tua mãe, sim, Norberto? Pelo amor de Deus!...

—Não diga pelo amor de Deus que não é preciso, fidalga. Basta dizer faz isto, faz aquillo. Eu vou já mandar recado á velha.

Inuteis cautelas!

Bernardo Moniz, áquella hora, prostrado no leito, ardia em labaredas de febre, ou escabujava em contorsões delirantes nos braços do pae e irmãos. O sangue congestionado nos olhos, quando o abbade lhe disparou o ultimo insulto, refluira-lhe á cabeça ameaçada de desconcerto cerebral. Estrangulado pelo trago da ira, que a imagem de Ricardina lhe fez retrahir, abraseou-se-lhe no peito aquelle lume que lhe escaldava as arterias e coriscava nos olhos.

A' hora da sésta, disse-lhe o irmão que o estava procurando uma velha já conhecida d'elles. Aquietou-se de subito o anceio. Sentou-se no leito, e pediu a seu pae que deixasse entrar aquella mulher. O consternado velho retirou-se com os filhos, e viu com affavel rosto entrar a velha de quem elle esperava remedio ao seu Bernardo.

Ouvindo o aviso, enviado da fidalga, o moço saltou do leito, e escreveu estas quatro linhas:

«Queres fugir hoje? A'manhã será tarde, porque me «sinto morrer. Teu pae esmagou-me o espirito, mas o «coração salvou-se. Queres fugir hoje? Queres sentir as «delicias de arrancar da sepultura o teu desgraçado «amigo?»

Ao fim da tarde, Norberto entregou a carta a Ricardina, e devolveu pela velha a seguinte resposta:

«Jurei a minha mãe que não fugia. O que eu pre«ciso não é salvar-me das dôres que me esperam: é «morrer. Se Deus me levar primeiro do que a ti, cha«marei a tua alma. Se fôres adiante, não has de espe«rar-me muito tempo. Minha mãe tem chorado muito, «porque meu pae veiu dizer que tu a insultaste no seu «infortunio. Não acreditei. Pago-te com esta justiça as «injustiças que me tens feito. Minha mãe é muito infe«liz. Atormenta'-la ainda mais com a minha fugida, é-me «impossivel. Se eu pudesse dar o passo que me pedes, «seria preciso que ella já não tivesse luz nos olhos, nem «coração para mais esta dôr. Sê meu amigo, Bernardo; «vive por amor de mim. Olha que me sinto amparada «pela tua vida. Se tu morreres, fica-me no mundo só«mente esta pobresinha, que talvez acabe mais cedo do «que pensa. Adeus. Se souberes onde é o meu conven«to, escreve-me, e póde ser que eu lá te veja. Adeus

«que vem ahi minha irmã; e eu já me escondo de to-
«dos...»

Influiu santamente no coração de Bernardo a paciencia adoravel d'esta carta. Como corrido da sua pusillanimidade, o desesperado cobrou alentos, á medida que relia as expressões confortadoras de Ricardina. De esperança não eram ellas; mas sim de exemplar esforço, e valente resistencia a porvindouras agonias.

Renovou-se-lhe, em socegado scismar, a fuga do mundo para algum solitario mosteiro. Pintavam-se-lhe na fantasia as doçuras de tribulação semelhante á de Ricardina. Evasiva que tanto quadrasse ao seu estado não via outra nem queria já pensa'-la. Resolvidamente lh'o declarou assim a ella, despedindo-se em reportados termos e sublime conformidade com os designios do Altissimo.

Redarguiu Ricardina, reprovando-lhe o intento. «Eu
«não vou por vontade para a clausura (escreveu ella).
«Vou constrangida: nunca me hei de arrepender de um
«passo a que sou obrigada; mas tu sacrificas-te sem com
«isso melhorar a minha sorte. Eu ia com esperanças de
«ver-te. Se vaes para o convento, acabou-se-me tudo.
«Peço-te que não vás. Não sei o que me diz o cora-
ção...»

Ao outro dia, por tarde, chegou o padre Botelho de Queiroz, e procurou Norberto antes de perguntar por Clementina.

—Não ha novidade—disse o creado.—Rondámos desde as nove da noite, hora um hora outro, até ao dia. Cá em casa não entrou folego vivo, e as fidalgas nem ás janellas foram, que eu visse.

—Está bom.

As meninas saíram ao patim da escada a beijar-lhe a mão. Cedeu-a com repugnancia a Ricardina, e affagou as faces da outra.

Ceou bem assombrado, e não releu o livro do seu fr. Matheus Brandão contra o atheu Gomes Freire: não leu nada, nem o breviario. O abbade de Espinho, quanto a creanças religiosas, era ultra-liberal, tirante certas superstições, que essas eram archi-estupidas.

Dialogou assim com D. Clementina:

—E então? A rapariga? mudou?

—Não.

—Que lhe disseste?

—Nada. E' escusado prégar-lhe. Quer ir para o convento.

—Depois de ámanhã. Ficou alguem encarregado de tirar as licenças do bispo de Lamego.

—Ella vae para Lamego?...

—Sim, vae para o convento das Chagas. Tem um anno de noviciado. Espero que não chegue a professar. O caso lá muda muito de figura.

—Não chegará a professar, não.. Morrerá antes.

—Deus se compadeça da sua alma. Antes a quero morta que mulher do filho de Silvestre da Fonte. Os mortos não envergonham os vivos...

—Despedaçam-os com saudades—atalhou D. Clementina.

—Quando os vivos tem poucos brios.

—Os brios... os brios...—tornou ella sorrindo tristemente.

—Sim, os brios! que tem?

—Os brios de mãe... são o coração, Leonardo.

—E a darem-lhe com o coração!... Querem governar o mundo com o coração!... A cabeça já passou de moda!... Pois, senhora, eu tenho cá uma regra invariavel... Filha desobediente perde o direito á estima de seus paes.

—E não perde pouco... Perdi-a eu... e sei quanto perdi...

—Pois por isso mesmo—recalcitrou rudemente o descaroado abbade—por isso mesmo. Vives mal? estás arrependida? Mais uma razão para que enfreies as liberdades de tua filha; que não vá acontecer egualar-se comtigo na sorte.

—Deus a mate!—exclamou a senhora, afogada de soluços.

—Está bom! está bom!—resingou o padre—nada de choradeiras intempestivas. O mal feito fez-se; o mal possivel prevê-se e remedeia-se: é o que eu faço.

—Bem!—disse serenamente D. Clementina, sopeando a dor.—Queres que eu a previna?

—Está claro. A'manhã chega a liteira; depois de ámanhã faz jornada.

—Quem vae com ella?

—Tu e dois creados. Lá estão em Lamego os meus primos encarregados de a receber e levar ao convento.

—Não me dispensas de ir a mim?

—Não. E' necessario. Quem ha de ir? Bem sabes que não conhecemos senhora nenhuma no caso.

—Mas eu não posso supportar a dôr da separação! Como hei de eu despedir-me de minha filha!...

—Ahi tornas tu com lastimas de carpideira! Forte zanga! As mulheres parece que trazem as lagrimas n'uma bilha!

—Deixa-me chorar, Leonardo!—clamou ella pondo as mãos.

—Pois chora, chora por uma vez! vociferou o abbade, e sahiu de impeto para o jardim.

D. Clementina sahiu tambem, endireitando ao quarto das filhas.

Abraçou Ricardina, e desafogou os soluços a beija'-la nos labios e nos olhos.

—Vaes depois de ámanhã, meu amor do céo!...

—Paciencia, minha mãe—disse socegadamente a filha—paciencia! Que outra cousa esperavamos? Eu já o sabia...

—E hei de ir comtigo... hei de ir dar-te o ultimo abraço á porta do mosteiro...

—Ultimo, não, minha mãesinha... Eu pedi a Deus que a mandasse comigo. Ouviu-me o Senhor. Quem me havia de dar o exemplo da resignação?

N'este lance, D. Clementina, após uma longa pausa,

fitos os olhos na imagem de um Christo do oratorio das filhas, exclamou:

—Meu Deus, sim?

Que pergunta silenciosa fizera ella a Jesus?

VII

O QUE ELLA PEDIA A JESUS

Consentiu o abbade que sua filha se despedisse d'elle. Eugenia deplorou medianamente a partida da irmã. Quem chorou anciadissima foi Clementina abraçada á filha que ficava. Taes prantos pareciam desarazoados ao entendimento de padre Leonardo, e á propria filha.

Fez-se na casa um silencio triste. Ouvia-se, porém, um alto soluçar na adéga, onde se escondera quem quer que fosse. Era Norberto, atabafando o rosto nas rimas das cepas, com receio de ser ouvido.

Não chorava já ninguem mais.

Dizia o abbade a Eugenia:

—Tu é que és a minha filha. Has de ser muito rica. Mereces-m'o. Tudo o que eu tenho ha de ser teu...

—Isso não—contrariou a menina, dorida de saudades. —Ricardina é minha irmã... O pae não lhe queira mal...

—Achas bonito que ella quizesse casar com Bernardo?

—Coitadinha! apaixonou-se por elle... A gente...

—Qual apaixonou-se! Tua irmã é mulher sem sentimentos nobres... e tua mãe...

Calou-se de si mesmo envergonhado. Ia dizer que a mãe não era mais pundonorosa do que a filha. O receio de injuriar indirectamente Eugenia amordaçou-lhe o insulto.

Para divertir o animo irritado, perguntou á filha se estava prompta a cumprir a sua promessa de casar com o primo.

—Quando o pae quizer.

—As dispensas estão lavradas. Póde marcar-se o dia. Ha de ser logo que tua mãe chegar.

E convieram em esperar a mãe; não por que o abbade julgasse precisa e decorosa á cerimonia a presença maternal de D. Clementina: era o anceio orgulhoso de a ver entrar com a filha em casa de seus paes.

No dia em que se esperavam a senhora e os creados, por noite alta, chegaram elles.

—A fidalga?—perguntou o abbade...

—Ficou lá.

—Aonde?

—No convento com a menina. Aqui está uma carta do primo de vossa senhoria, onde as fidalgas passaram a noite.

Padre Leonardo saltou de entre as cortinas adamascadas do leito, e foi ler a carta á luz da lamparina.

A informação resumida contava que D. Clementina

Pimentel, meia hora depois que se apeou na casa do informador, lhe pedira que mandasse alguem acompanha'-la ao paço do bispo, com quem precisava falar urgentemente. «Foi meu filho acompanha'-la—continuava «o relator—e depois me contou que D. Clementina con«seguira que um famulo a conduzisse á presença do «prelado, onde ella se demorou por espaço de cinco «quartos de hora, a sós com o bispo. Voltou a senhora, «e fechou-se no quarto da filha, sem querer assistir á «ceia, nem tão pouco a menina se apartou da mãe. Por «mais diligencias que fizeram tuas primas, tudo se frus«trou. Não houve traze'-las ao chá, nem obriga'-las com «extremos de delicadeza a receber a ceia no seu apo«sento. Hoje ás onze horas foi a entrada no mosteiro. «D. Clementina entrou no pateo interior com a filha, e «apresentou á prioreza uma licença do bispo em que lhe «é concedida a residencia de secular no mosteiro em «quanto fôr sua vontade residir conventualmente. Quan«tos presenciámos o lance ficámos assombrados, e egual«mente commovidos vendo mãe e filha abraçadas e cho«rosas, ao mesmo passo que D. Clementina, voltada «para uma cruz, exclamava:—Graças, meu Deus, que «ouvistes a minha supplica! Agora, defendei-me, Se«nhor!

«Fechou-se a porta do mosteiro, e eu fui d'alli ao «paço. Ouviu-me o bispo serenamente, e perguntou-me «o que eu queria a final. Disse-lhe que D. Clementi«na... Aqui me interrompeu de chofre o prelado, com «estas palavras:—D. Clementina Pimentel procedeu

«christãmente. O que hoje fez já o devia ter feito. Per-
«mitta Deus que ella persevere e morra na graça de
«Jesus Christo, da qual tão desviada tem vivido na
«companhia do seu cumplice sobre quem pesa tremen-
«da responsabilidade.—Que havia eu de contrapôr a
«isto? Bem sabes que não ha logica nem rhetorica de
«servir em tua defesa, encaradas as cousas pela sua
«face religiosa. N'isto gastei algum tempo, e só agora
«tão tarde pude aviar os creados...»

Seguia um N. B. d'este theor: «D. Clementina man-
«dou n'este instante a inclusa carta.»

Viu o padre que o sobrescripto dizia: *para minha fi-
lha Eugenia.* Abriu. Continha o seguinte: «Minha filha,
«não precisas de mim para ser afortunada. Tens pae, e
«vaes ter esposo. A minha pobre Ricardina é que não
«tinha ninguem, se eu lhe faltasse. Recebe a minha
«benção, e acode ás tribulações de teu pae quando lhe
«chegar a hora de as experimentar. Tua mãe *Clemen-
«tina.*

O abbade rasgou a carta de tres repuxões, e come-
çou a enfiar as pantalonas. Esperou a luz da manhã, e
chamou Norberto. Mandou sellar os dois machos, foi ba-
ter á porta de Eugenia, disse-lhe que ia para fóra, e jor-
nadeou para Lamego.

Descavalgou no pateo da residencia episcopal. Era
noite. Enviou o seu nome. O bispo, receoso do hospe-
de, acercou-se de famulos, e mandou entrar á sua pre-

sença o abbade de Espinho. Apenas se defrontaram, os olhos de padre Leonardo menos escarlates que as incendidas belfas afusilavam faúlhas.

Latejavam-lhe as cordoveias do pescoço esticadas pela tumidez dos gorgomilos, onde as vozes se represavam abafadas pelo rancor.

O prelado esperava, não sem assombro, o estalar d'aquella borrasca.

Estourou emfim, perguntando com que direito lhe era roubada a mãe de suas filhas?

A inepcia da pergunta fez sorrir o bispo:

—Quem roubou a mãe de suas filhas? A mãe de suas filhas é uma peccadora, manceba de um padre, e padre pastor de almas?

—E'!—bradou o abbade.

—Pois se é, incline-se diante de Deus, como ella.

—Quem é Deus? é vossa excellencia?—tornou o clerigo.

—Deus é Aquelle!—e apontou para um retabulo em que se figurava o lance do horto de Gethsemani.

Padre Leonardo não seguiu de olhos o dedo indicador do venerando prelado. Deu dois passos tremulos, apertou entre as mãos convulsas o chapéo de seda, e rouquejou:

—Sabe quem sou eu?

—Já recebi a noticia de seu nome, senhor abbade de Espinho.

—Não sou abbade de Espinho: sou homem; e, como homem, o meu nome é Leonardo Botelho de Queiroz.

Guarde bem de memoria este nome, senhor bispo.

—O seu nome não me pertence. Respeite a jurisdicção do seu prelado, senhor abbade. Queira recommendar-se ao senhor bispo de Vizeu, que me dizem ser bom theologo e exemplar principe da egreja. No entanto, direi ao senhor Leonardo Botelho de Queiroz o que se diz a todo homem vicioso e corrompido: *Nisi pœnitentiam habueritis omnes similiter peribitis.* Palavras de S. Lucas, senhor abbade... *Et... annunciabam ut pœnitentiam ægerent et converterentur ad Deum, digna pœnitentiæ opera facientes.* Palavras dos «Actos dos Apostolos» senhor abbade.

O padre Leonardo não sabia bastante latim: sem embargo, percebeu que o bispo lhe aconselhava penitencia; com o quê, espirrou uma guinada de riso cynico, e voltou as costas ao respeitavel admoestador, dizendo:

—Nós conversaremos em idioma portuguez, senhor bispo.

—Necessario lhe será, senhor abbade de Espinho—replicou suave e risonho o prelado.

Já se tinha divulgado em Lamego a chegada do tonsurado valentão, que por ali, na mocidade, afamára o nome com façanhas condignas de outras da começada velhice. Os parentes esperavam-no atemorisados defronte do paço, e lastimavam a posição perigosa do bispo. Saíram-lhe ao encontro, quebrando-lhe os assomos com judiciosas reflexões, tendentes a convencerem-n'o da desairosa saída que elle ia dando em conjuncção de ta-

manho melindre para si e mais ainda para D. Clementina Pimentel, illustremente apparentada n'aquella terra.

Reduziu-se algum tanto o abbade, assediado de cavalheiros e senhoras, suas primas, ás quaes prometteu portar-se de modo adequado ao seu nascimento e estado. Levaram-no pelos brios jerarchicos.

A noite desvelou-a, cançado de espirito e macerado de corpo, resultas do muito que chotára no macho por aquellas penhascosas nove leguas de sua casa a Lamego.

Sol nado, saíu do quarto furtivamente e encaminhou-se ao convento das Chagas. Esperou que se abrissem as portas, e annunciou-se a sua filha. Conduziram-no ao locutorio, onde já o esperava Ricardina.

Algumas memorias resam que o padre Botelho de Queiroz chorára, quando viu a filha. Duvida a minha sciencia experimental do coração humano. Dê-se, porém, de barato que chorasse. O que pertence aos factos averiguados d'esta historia é que o abbade perguntou á filha:

—Tua mãe?

—Está doente.

—Quero ve'-la.

—Está de cama com febre desde que entrou; mas, se o pae quer, digo-lhe que...

—Preciso fallar-lhe—concluiu o pae.

Saíu a noviça e voltou com a resposta:

—A mãe não póde erguer-se; e pede ao pae que a não procure mais.

— Disse-te isso tua mãe?

— Sim, senhor.

— Pois dize-lhe que eu vou mandar a sege de meus primos busca'-la; que se está doente, é melhor tratar-se cá fóra.

— A mãe não póde ir, meu pae. O meu dever é evitar que ella se afflija mais do que está. Perdoe-me, por quem é; que eu esse recado não lh'o levo.

— Conluiou-se comtigo? — bradou o padre. — Estão vossês apostadas a dar cabo de mim? Pois enganam-se... Lá tenho uma filha a quem amar muito e dar tudo que tenho.

— Aqui pouco nos basta — replicou Ricardina. — Seja minha irmã feliz.

— Então tua mãe sahiria do convento — redarguiu ironicamente o abbade — se eu te deixasse casar com o Bernardo? Responde a isso!

Ricardina abaixou os olhos, e cobriu duas lagrimas com as pestanudas palpebras.

— E' assim ou não é? — repisou o pae. — O que tua mãe quer é ser sogra do filho do Silvestre da Fonte?

— Não se fala em tal cousa, meu pae.

— Não se fala? Então em que se fala? Por que se metteu aqui tua mãe?

— A mim não me conta os segredos da sua alma. Diz que me tem muito amor, e quer morrer ao meu lado.

— Faz muito bem — concluiu o abbado, e saíu mal seguro nas pernas, que vergavam sob o peso da ira.

Da casa hospedeira escreveu a D. Clementina. A má

indole reluzia d'entre contrafeitas expressões de estima. Atraiçoava-se a cada phrase. O filho do Silvestre da Fonte dava-lhe os realces do estylo sarcastico. Arguia a fugitiva senhora de má filha e má mãe. Que mais hervada injuria podia expedir-lhe ao coração a proterva alma do padre?

Concluida a leitura, D. Clementina queimou a carta, dizendo á filha:

—E' cousa que não pódes ler, menina. Manda dizer que responderei, quando Deus me der força.

Desenganou-se o padre. Os parentes louvaram-lhe notavelmente a sua prudencia e honestidade quando o viram partir, limitando-se a vociferar maldições á filha, que lhe pervertera o coração da mãe.

Seria ridiculo, se não fosse ignobil, o seductor da pura e formosa Clementina Pimentel.

VIII

O BEM-FAZER DA MORTE

Desafogou-se o espirito do abbade, negociando rapidamente o casamento de Eugenia. Sobrepoz nova condição ao noivo: que Luiz Pimentel viria para sua casa, visto que a solidão lhe era penosa.

Concordancia absoluta dos Pimenteis, dobradamente satisfeitos da resolução da contricta Clementina. O tropeço que, apesar da sua philosophia, ainda lhes dava rebates de vergonha, era a entrada escandalosa da «perdida» como elles a alcunhavam, na casa cujo brasão d'armas enlameára.

Realisaram-se as escripturas e casamento em principios de outubro de 1827. Luiz Pimentel contou os trinta mil cruzados do ajuste, e afagou a esperança de abarcar ainda os destinados a seu irmão Carlos.

A casa da Reboliça desapressou-se dos credores que a traziam em agonias de penhoras. Uns dias por outros, o abbade entrava ovantemente nas salas—onde dezoito annos antes tecera a deshonra d'aquella familia—e gizava obras de gosto e primor architectonico, dispendendo-se em dadivas computadas para as liberalissimas despezas.

Era para ver e pasmar os abraços estremecidos que elle trocava com o irmão de Clementina, um velho ainda fresco, genealogico de polpa, que, no seu parafusar constante dos ramos esgalhados de D. Ordonho, rei das Austurias, vingára tirar a limpo, fóra toda a lisonja, que o decimo quinto neto d'aquelle principe foi D. João Affonso Pimentel, 1.º conde de Benavente; e que o quinto neto d'este conde casára com D. Izabel Botelho Pimentel, a qual era duodecima avó de Leonardo Botelho de Queiroz. Em conclusão, a consanguinidade de Queirozes com Pimenteis era tal e tanta que o abbade foi proclamado primo em quinto gráo do irmão de Clemen-

tina, e os noivos, pelo conseguinte, primos co-irmãos pela mãe, e em sexto gráo pelo pae. Com isto, a consciencia dos Pimenteis, no artigo pundonor, desobstruiu-se de travancos impertinentes. Quasi que dispensavam a philosophia!

Correram as cousas mirificamente e a bel-prazer de sogro e genro até fins de novembro. Um dia, porém, Luiz Pimentel estomagou-se contra Frazão e Torto, creados de predilecção do bbbade, á conta de elles acobertarem os machos do sogro com os xaireis dos seus cavallos.

Os eguariços abespinharam-se fiados no arrimo do patrão. Luiz remetteu contra elles armado de estadulho; os aggredidos, porém, defenderam-se com identica arma, buscando occasião de o esquadrilhar com alguma lombada.

Aquietou a desordem Norberto, que era temido dos seus companheiros.

Pimentel queixou-se ao abbade, exigindo que os petulantes fossem despedidos. Quiz o padre amaciar o genro, obrigando os seus fieis creados a darem-lhe satisfação. Luiz desprezou tal desforço, como indigno de si, e sobresteve na exigencia da saída dos creados. Contraveiu o padre amontoando razões que lhe atavam os pulsos, fundadas todas em gratidão aos bons serviços de vinte annos. Redarguiu o genro que, em tal caso, sairia elle com sua mulher. O abbade encolheu os hombros e esbugalhou os olhos, como quem diz: «faça o que quizer».

Consultou Luiz a esposa:

—Vamos d'aqui embora, Eugenia?

—Morta por isso estou eu—acudiu a senhora, que idolatrava seu marido.

—O peor é...

—O quê?...

—O dinheiro...

—A quem ha-de elle deixa'-lo? A mana Ricardina vae ser freira. Quem póde herdar senão nós?

—Dizes bem.

—Vamos—insistiu ella—que esta canalha dos creados é insupportavel. O pae é tão fidalgo n'umas cousas e tão plebeu em outras!... Não o entendo...

—E, se elle nos não fôr procurar, terás saudades?

—Eu!... ora!... o que eu quero é ter-te ao pé de mim, filho. Tenho mais medo que amizade a meu pae. Quando me lembro o que minha mãe padeceu, dá-me vontade de chorar!...

—Está decidido—fechou Luiz Pimentel.

E, buscando animosamente o sogro, disse-lhe:

—Tio Queiroz (desde o descobrimento da duodecima avó, chamava-lhe tio) visto que não despede os creados, permitta-me dizer-lhe que mudamos de casa. A nossa, na Reboliça, está sempre ás ordens de vossa senhoria.

—Obrigado. Façam o que quizerem. Viverei sósinho. Tenho sobrinhos em Amarante; manda'-los-hei chamar para aqui. Ainda posso dotar guapamente dois.

—Um Pimentel não se assusta com taes ameaças, tio Queiroz...—redarguiu o genro.

—Então um Pimentel que é?

—E' um homem brioso que não vende a sua dignidade por trinta ou cem mil cruzados.

—Ora, adeus! Um Pimentel... sabe o senhor o que é um Pimentel? quer que eu lh'o diga?...

—Ouvirei.

—Um Pimentel... é um asno. Acredite isto que lh'o digo eu... Em summa, faça o que quizer e mais a sua esposa.

—Felizmente—retorquiu Luiz—que o amor de minha mulher quebra as pontas d'esses dardos que vossa senhoria despede contra o marido d'ella. Eu não sou tão asno que o não conheça ao senhor...

—Está bom; não me turve o juizo... vá com Deus, senhor Luiz, e deixe-me .. Vá, e pergunte a seu pae quem eu sou...

Allusão pungentissima, se o broquel da philosophia a não rebatesse.

Na mesma hora, apparelharam-se os cavallos.

Eugenia saíu, sem despedir-se do pae. Era medo ou odio? Ambas as cousas talvez, porque o marido lhe reproduzira o dialogo e a petulante injuria do sogro.

Por maneira que está sósinho o padre Leonardo! Tem que ver o esforço com que elle quer esmagar na alma o pesar de ver-se desprendido de todos os affectos que alguma hora lhe foram caros. Os relampagos da saudade queimam-no, porque tem o ardor do castigo. Revira-se contra si propric, se a solidão o atterra. Quer espancar a imagem de Clementina e de Ricardina que, a es-

paços, se lhe figuram sentadas nas cadeiras á volta da mesa em que elle violenta a deglutinação do bocado. Foge de si mesmo, e cada hora se sente a cavar mais fundo no lodo da consciencia. As camadas sobrepostas ao remorso são espessas; mas afinal a faisca resalta, invade-lhe o peito, e pega-lhe no bravio resecco do coração. Começa o condemnado a temer Deus. A sua fé não transluz da desgraça, nem do raio influido do alto, nem do reconcentrar-se a indagar a causa dos effeitos: a sua fé não é senão cobardia, medo de soffrer. O sybarita, estribado no seu ouro e na provada força das victorias sobre os revéses, espanta-se da subitanea transformação da vida. A dôr ainda assim não o amolga. Pouco vae além dos quarenta annos. Se a alma lhe fraqueja, o corpo reage e sacode de si a importuna hospeda, sem a qual poude saborear as cousas boas d'este mundo, que todas são doçura extreme quando assim as tempera o despejo. Está elle já remoçando ás praticas da sua mocidade dissoluta. Lembra-se da mulher que antecedera os amores de Clementina, e da presteza com que a segunda lhe despintára da phantasia afogueada os traços da outra. Como aquella alma se ia atolando na lama que o esgoto do remorso lhe desenchia da consciencia! Abrangeu de um lance de olhos as ovelhas mais nedias do rebanho, e andava confrontando as recenseadas no proposito de eleger a mais de feição para fazer luz e vida na escuridade das suas salas desertas.

N'estas cogitações com que ia entretendo o mez de janeiro de 1828, o encontrou uma carta vinda dos pri-

mos lamecenses, com a nova de que D. Clementina Pimentel estava muito enferma e já desconfiada dos medicos. Accrescentava o commovido primo que as religiosas, edificadas pela contricção da peccadora, oravam incessantemente, pedindo a Deus a conservação d'aquelle raro exemplo da divina graça. Concluia a carta, rogando que, em acatamento á opinião publica, não apparecesse em Lamego, nem fosse de qualquer maneira perturbar os ultimos dias da moribunda.

Leonardo Botelho sentiu a primeira e sincera agonia na alma encouraçada ás dores que dobram as compleições mais rijas. Ficaram-lhe enxutos os olhos porque as lagrimas são o limbo: além d'estas está céo, consolação, desafogo. Então que flecha vingou fender-lhe o aço do peito? Devia de ser o desprezo, se não odio d'elle, com que a esceta Clementina se voltára para as chimeras d'além-mundo, deixando-o apontado como algoz de uma alma, que lhe fugiu para salvar-se. Esta satanica soberba afogava os germens da compaixão. A cada assomo de remorso correspondia a força reactiva da sua razão, desvanecendo lh'o com a ira de se ver sem familia, ludibriado por uma filha, que o deixa por lhe ser negada licença para honorificar um villão; ludibriado pela mãe que se bandeára com a filha rebelde; ludibriado pela outra filha, que, decorridos dois mezes de apartamento, não mandára saber de seu pae.

Mais suaves angustias, ao mesmo tempo, eram as de Clementina. A sua cella desbordava de amigas extremosas que se pasmavam a contemplar-lhe a paciencia

invencivel ás ancias de uma hypertrophia do coração.

Não havia ter as lagrimas quem lhe escutava o confessar-se do seu desmerecimento para tanto amor de senhoras sem macula. Póde ser que a enferma se enganasse no juizo das caridosas amigas; sem embargo, deviam de ser boas almas aquellas que se não melindravam de confortar peccadora tão inveterada no crime.

Chegada ao termo, e já entrevendo por olhos baços as alvoradas do dia eterno, disse á filha:

—Ricardina, deixo-te em meio do teu noviciado. Tens ainda sete mezes para sondar a tua inclinação. Por obediencia não professes; se amares ainda Bernardo, não professes tambem. Espera com esse habito o chamamento de Deus, que te ha de mover alegremente. Sem isso não te offereças a um sacrificio inutil para o Senhor, e perigoso, e desgraçadissimo para ti. Não me palpita o coração...—pobre coração que está morto!—qual seja o teu futuro... Quem sabe! Talvez ainda venhas a casar com Bernardo. Se tal acontecer, Ricardina, dize-lhe que eu tambem lhe quiz como podem querer as mães aos que tão nobremente lhes amam as filhas. Era merecedor da tua alma, era... Deus vê tudo... Espera, filha. Póde ser... eu vou pedir muito ao Senhor que te deixe ser feliz.

Descançou a doente, atormentada pelas dôres do seio, e continuou:

—E Eugenia que não veiu ver-me!... Quantas cartas lhe escreveste, Ricardina?

—Tres, minha mãe.

—Que te disse ella?

—Primeiro, que estava tambem doente... Depois que estava doente o primo Luiz. A' terceira, tambem...

—Não respondeu?

—Não, minha mãe.

—Pois perdôo-lhe... Se ella se ligou a meus parentes contra sua mãe, tambem lhe perdôo... Disse-te ella que era feliz?

—Ah! isso escreve ella sempre...

—Ainda bem. O Luiz será muito amigo d'ella?

—Diz que não ha esposa mais adorada, e pede-me que vá gosar a felicidade que ella gosa.

—Não é bom conselho... Cada qual tem o seu modo de ser feliz... E do pae não diz nada?

—Não se lembra, mãe? Fala muito mal d'elle... Chama-lhe cruel e barbaro.

—Pobre homem! que velhice ha de ser a d'elle...

N'este ponto, recresceu-lhe a anciedade, aggravada pelos soluços tirados do peito sem ar. Pediu por acenos á filha que lhe chegasse aos labios o crucifixo. Apertou-o ao peito convulsivamente, em quanto Ricardina foi chamar as religiosas das cellas proximas.

Clementina chamou a si a filha, e volteou-lhe o braço pelo pescoço, inclinando-lhe para o hombro a face esmaecida. N'esta postura entre-abriu um sorriso ás religiosas soluçantes, arrancou um suspiro com o qual todo o corpo vibrou, descaiu a cabeça sobre o ante-braço de Ricardina e... já não ouviu os gritos da filha, e o psalmear das freiras ajoelhadas.

IX

ATÉ QUE EMFIM...

Bernardo Moniz estava em Coimbra desde a abertura das aulas. A vontade supplicante de Ricardina demudára-o do intento de enclaustrar-se. As palavras «não sei o que me diz o coração...» da ultima carta d'ella, rasgaram-lhe horisontes d'onde bafejavam auras de esperança.

Dizemos a «ultima carta» das que o leitor conhece. Ha outras, porém, escriptas no convento das Chagas, e enviadas por mediação de certa freira, irmã de um condiscipulo de Bernardo. A correspondencia ligou-se regular e de todo insuspeita. Os espias do padre não descortinaram o segredo nem se empenhavam zelosamente n'isso; antes se espantavam de que o soberbo e contradictorio pae da menina lhe impedisse o casamento com um dos mais ricos moços da Beira.

Na linguagem de Ricardina transluzia sempre aquelle moderado enthusiasmo que não inculca paixão superior á temperatura da intima estima. A de Bernardo Moniz, com breves intercadencias de resignação, era, pelo ordinario, arrebatada. Insistia elle agora em tolher-lhe os votos, facilitando-lhe planos de fuga, mas ella perdoando

ás instancias do amor desvairado, tinha-lhe emfim rebatido a pertinacia, escrevendo que lhe seria menos doloroso fugir de casa que do mosteiro, onde sua mãe se encerrára. Conformou-se o academico durante alguns dias; mas vencida a prudencia pela saudade, renasciam os queixumes e propositos de se recolher ao Bussaco.

A noticia da perigosa enfermidade de D. Clementina, actuando sobre aquella especie de lacerante egoismo de Bernardo Moniz, desentranhou-o de si para o converter todo a compadecer-se da tão affligida menina. Consolativas foram então as suas cartas. As expressões eram fagueiras como as do irmão já adulto que distráe e acaricia a irmãsinha chorosa á beira do esquife de sua mãe. A' noticia da morte de Clementina, seguiu-se o silencio de duas semanas, bem que a freira, escrevendo ao irmão, lhe pedia que explicasse ao seu amigo o silencio de Ricardina, forçado pela doença e mais ainda pela incessante companhia das religiosas, que se revezavam ao pé d'ella, noite e dia.

Proseguiu a correspondencia depois com a mesma regularidade. Os sentimentos da noviça eram já diversos quanto a professar. Tinham feito grande abalo em seu animo as derradeiras palavras da mãe: «espera» quando acabava de louvar o exaltado amor de Bernardo. Facilmente cuidou a filha que vinham inspiradas do céo as ordens da moribunda, santificada por vinte annos de secretas angustias, a tempo que todos a julgavam tão criminosa quanto feliz. Deliberada, pois, a protrahir os votos, em quanto pudesse, Ricardina referiu a Bernardo

as palavras da mãe e a promessa de ir rogar a Deus que os unisse.

Reanimou-se o academico.

No principio de fevereiro d'aquelle anno de 1828, o abbade de Espinho passou em Lamego, caminho de Amarante, onde tinha o irmão morgado. Procurou a filha, disse-lhe benignamente que lhe perdoava os desgostos recebidos por causa d'ella, e contou que ia espairecer com seu irmão, por sentir-se morrer na solitaria residencia da abbadia. No objecto da profissão disse que o mundo ainda podia dar muitas voltas.

Ricardina decifrou do mysterioso d'estas possiveis voltas do mundo que seu pae se ia amollecendo a favor de Bernardo, quer por efficacia das orações de sua mãe, quer por se ter desavindo com Eugenia. Assim o communicou a esperançada menina ao estudante.

Corridos quinze dias, voltou de Amarante o padre, acompanhado de um sobrinho, filho segundo de seu irmão. Chegados a Lamego, seguiram para o convento. O abbade apresentou á filha seu primo Gastão Botelho de Queiroz, que ella ainda se lembrava de ter visto na infancia em Espinho.

Succedeu á visita da apresentação a da despedida. Iam ambos para a Beira. Isto nem levemente insinuou desconfianças em Ricardina.

Mas, passados dias, recebeu ella, incluida na carta do pae, uma de seu primo Gaspar, recheada de galanterias e devaneios de um coração amante. O abbade, por seu lado, confirmando á filha o conteudo epistolar do

sobrinho, significava-lhe o desejo e a *deliberação feita* de a ir buscar ao convento para os casar, logo que a dispensa viesse da nunciatura.

Foi embate que desvairou o espirito sereno de Ricardina, tão forte e discreta em mais apertados conflictos!

Revelou a Bernardo as desventuras sobrevindas quando começava a crear esperanças; pedia-lhe que a não julgasse capaz de faltar á sua palavra. E dado que o pae a quizesse tirar do mosteiro, não saíria; e, se a prelada e o bispo a mandassem obedecer, então fugiria para onde o esposo da sua alma quizesse.

Explosão de fogo que o cegou! Não precisava o academico de outro aviso. Dispensa-se de esperar que as condições estipuladas se realisem. Rasga com jubiloso delirio o véo do segredo a seus irmãos. Não os consulta nem quer conselhos. Communica-lhes a sua felicidade e agasta-se porque os vê melancolicos.

O medico receia resultados funestos: o theologo acha immoral o feito da fuga e abominavel a profanação do mosteiro. Refuta-os o jurista: ao primeiro impugna com o mysterio em que ha de ficar o destino e paragem de Ricardina; ao theologo apoda-o de ignorar o que seja profanação, não pensando elle em pôr pés debaixo dos tectos sagrados da clausura.

Procura o condiscipulo confidente das cartas. Pede-lhe fervorosamente protecção como se n'isso lhe fosse a vida. Consegue senhorear-se de uma quinta convizinha de Lamego, onde o amigo tem caseiros. Ao mesmo tempo circumvaga nos arrebaldes de Coimbra em pes-

quiza de uma casa bem insulada, e cingida de arvoredos. Por terceiras pessoas de segura confiança aluga a mais apropositada vivenda á orla esquerda do Mondego. As arvores estão núas e tristes, o rio vae torvo, as aves não cantam quando o céo está em lucto. Aquillo é inspirativo de fastio e amargura; mas o seu delirio deleitou-lhe magicamente o que dias antes lhe pareceria estancia de degredo. Não ha senão dois creadores: Deus e o amor.

Mobilado o predio com as melhores alfaias que um seu confidente escolheu, partiu para a quinta suburbana de Lamego. Ao mesmo tempo eram avisadas a irmã do academico e Ricardina.

A noviça esperava algum lance arrojado; mas muito áquem da temeridade realisada. Trespassou-a frio e febre de medo. Queria offender-se da precipitação do passo, e manda'-lo saír de tão perto do convento; mas o coração reprovava as demasias de tão severa prudencia. Propriamente a freira se admirava do hyperbolico juizo da sua amiga, malsinando-lhe de ingratidão caprichosa o desamor com que respondia aos cuidados do pobre moço. E a falar verdade, Ricardina gostava de ser reprehendida para se ir compenetrando do pesar de ingrata.

Graças ao poder da sensibilidade, respondeu cordealmente a noviça ao ditoso Bernardo; todavia não se dispensou de lhe reprovar a vinda intempestiva, segurando-lhe que sómente fugiria na extrema certesa de ser levada do convento para casar com o primo.

A condição verificou-se depressa.

Annunciou-lhe o pae, irritado pelo silencio d'ella, que se preparasse para saír no prazo de oito dias. O remate da carta merece traslado: «Quero castigar tua irmã, «mostrando-lhe que és mais rica e feliz que ella. Heide «comprar-te um palacete em Vizeu, e dar-te sege. Pas«sarás com teu marido lá o inverno, e eu, que heide «brevemente ser nomeado deão da sé, irei tambem para «lá. Faze-me a vontade sem me desconsolar com as tuas «creancices; que tu me dirás ainda que és a mulher «mais afortunada do mundo. Teu primo Gaspar é a «bondade em pessoa, e jura-me que nunca has de arre«pender-te de ser sua esposa» etc.

A fuga estava delineada. Encarregárase- a freira do traçado por ter recolhido as tradições de deserções, mais ou menos antigas d'aquelle colmeal de virgens cançadas de fabricar mel para os anjos.

De Ricardina todas as religiosas formavam conceito sem laivo de desconfiança. Deixavam-n'a as superioras deter-se na cerca até noite, suavisando-lhe as asperezas claustraes, já pelo affecto que lhe tinham, já por devoção com a memoria da mãe, e não menos pelo empenho de verem o seu habito franciscano vestido em menina tão luzidamente aparentada.

A cerca tinha uma porta da serventia do hortelão e outra dos carros. A evasiva era facil por ali, á hora em que o pomareiro, occupado no seu lavor, deixava descuidosamente a chave na porta do seu uso.

Prevenido do dia e hora, Bernardo Moniz transferiu-se de noite, de S. Sebastião de Arneiroz para Lamego, onde o condiscipulo preparára a resguardada hospedagem.

Grande parte da manhã do dia aprazado, passou-a Ricardina ajoelhada na claustra á beira da campa da mãe. Lá se ajoelharam de par com ella as mais reformadas franciscanas, aguardando entreaberta de a consolarem. Assistiu ao refeitorio sem tocar na sua ração; ouviu ler as piedosas admoestações no pulpito, concernentes ás delicias da virgindade e da magnificencia com que o divino esposo esperava no paraizo celestial as suas esposas.

A's quatro horas abraçou a sua amiga, cujas lagrimas borbulhavam dignas da saudade da outra. O frio era glacial; mas Ricardina, com o rosto e o coração em fogo, se tiritava, era de medo.

Anoiteceu.

A demora da noviça impressionou a prelada, unicamente receosa de algum accidente. Mandou as creadas á cerca, a tempo que o hortelão vinha perguntando se faltava alguem, porque encontrára, ao saír, a porta aberta.

Estrondeou grande e confusa grita no mosteiro. Espreitaram-se os recantos todos da cerca. O espanto não dava logar a nenhum outro sentimento. Ia-se já virando do avesso o bom nome da noviça no espirito da communidade. Até certo ponto era natural a mudança. As freiras ecleticas, quer dizer, as que tinham um pouca-

chinho de critica e philosophia para entenderem que o bem e o mal estão ouro fio na condição humana, diziam que Ricardina era filha do abbade de Espinho, e herdára o peccado da mãe, esperando talvez a edade propria de lhe herdar a contricção. As mysticas propendiam a crer que andava influencia demoniaca n'aquelle successo, bem como em outros mais feios de que a memoria lhes não era esquiva.

Como quer que fosse, a indignação monastica recresceu, e logo n'aquella mesma noite se enviou aviso ao prelado, ao corregedor e ao juiz de fóra.

Todos os avisados dormiram a trancos, até que no dia seguinte se começaram a mecher as justiças seculares e ecclesiasticas mandando devassar no convento e vizinhança.

A devassa tirou a limpo que, por volta de onze horas da noite, um barco atracado defronte da Regua recebera duas pessoas e derivára rio abaixo, a quatro remos.

O carregador avisou os parentes da noviça, e estes fizeram um proprio ao abbade, como a pessoa idonea para rastrear a piugada dos fugitivos.

Quando o proprio chegou a Espinho, estavam Bernardo e Ricardina em Villa Nova de Gaya, esperando transporte—o rapido transporte da caleça—para Coimbra. Ao fim do segundo dia de viagem, apeavam nos Fornos, e entravam cavalgando jumentos, por veredas mal trilhadas entre matas de pinheiros, caminhando a sul, para onde os guiava o academico irmão da religiosa, desde que apearam da caleça.

Ricardina entrou na casa triste á margem do Mondego. Bernardo ajoelhou-se aos pés d'ella, que se assentára quebrantada n'um canapé. Tomou-lhe as mãos regeladas, aqueceu-as no ardor da sua respiração e disse:

—Nunca te has de arrepender, esposa da minha alma?

—Não, meu querido amigo—respondeu ella firmemente.

—E se a desgraça te perseguir?...

—Tu me defenderás... Pois a desgraça não estará cançada?

—Que pergunta! A desgraça cançada! Teria ella começado?...

X

A SORTE

O abbade de Espinho, vencido o impulso de ir em pessoa a Coimbra, sem ter sobre o certo o destino da filha, pediu á justiça de Vizeu providencias e ordens de captura para o academico Bernardo Moniz, raptor de Ricardina Pimentel. O corregedor duvidou passar mandados de prisão sem certeza de ser réo aquelle que o auctor não indiciava com provas sequer deminutas.

O corregedor pertencia ao bando liberal: está expli-

cada a hesitação, sabido que os tres irmãos Monizes eram dos mais exaltados amigos da revolução, á qual o corregedor viziense devia a magistratura.

Apesar d'isso, mandou devassar do estudante arguido, e colheu que Bernardo Moniz vivia, como sempre, em Coimbra, com seus irmãos e dois creados, sem companhia de senhora alguma no caso da indigitada fugitiva do convento. Ajuntava o magistrado de Coimbra que Bernardo frequentava os bancos escolares assiduamente, e das aulas ia para casa, onde procedia como estudioso exemplar de academicos melhormente morigerados.

O padre Botelho de Queiroz, tendo ouvido ler a resposta á deprecada, irrompeu em diatribes contra os dois magistrados, taxando-os de desprezadores da honra das familias, razão de serem inimigos do altar e do throno —malhados emfim.

Repellido severamente pelo corregedor, bramiu:

—Se o senhor D. Miguel não vier cedo fazer-me justiça, eu a farei por minhas mãos.

—Ha carrascos legaes, senhor abbade...—atalhou o magistrado.—O sr. D. Miguel, se voltar ao throno absoluto, estou que os patibulos serão tantos que seja mister vossa senhoria funccionar...

—O senhor corregedor...—contrariou o padre com sangue de Queirozes aferventado nas arterias palpitantes.

—Que quer dizer?

—Que, se estivesse fóra d'este tribunal, levava duas bofetadas.

O corregedor gritou pelo meirinho geral e deu voz de preso ao abbade. Cercou-o possante quadrilha de aguasis que o levou ás boas para a cadeia. A favor do padre saíram incontinente o bispo D. Alexandre Lobo, á frente dos fidalgos da sua côr politica. Manteve-se o magistrado integerrimamente, instaurando processo ao petulante ameaçador dos homens constituidos no sacerdocio da justiça.

Em 22 de fevereiro ainda estava preso o abbade de Espinho, á espera, desde o fim do mez anterior, que o citassem para julgamento. Era um tigre em jaula, remettendo sanhudo ás grades, e revolvendo se no leito da insomnia, ou recruzando a saltos o estreito pavimento do seu recinto.

—Eu heide sair d'aqui um dia!—rugia elle aos seus visitantes.—Heide nadar em sangue!

No dia 24, chegou a noticia a Vizeu do desembarque do regente D. Miguel, logo acclamado rei absoluto. Sabido isto, ordenou o abbade que lhe abrissem as portas da cadeia. O carcereiro não reconheceu a legitimidade da ordem.

N'este em meio o previsto corregedor ia entrouxando para o caso urgente da fuga.

No dia 30, chegou a nova de ter sido formado novo ministerio, em que entrou o bispo D. Alexandre, protector do abbade. Divulgada a noticia, o corregedor sumiu-se, e o padre Leonardo cobrou a liberdade.

Para Coimbra é que o odio lhe atirava as esporadas mais penetrantes. Recorreu ás novas auctoridades, requerendo a captura de Bernardo Moniz. O vice-reitor Pinheiro, figadal inimigo dos liberaes, lançou espias ao academico e não logrou minima prova ou sequer indicio. O abbade insistia, e as auctoridades recusavam-se á perseguição, talvez temerosas dos congressos demagogos d'alguns centenares de academicos. Este medo condizia com um assalto de embuçados que cercaram o abbade, por noite, debaixo das torres da sé velha, e lhe fizeram lampejar perto dos olhos as laminas dos punhaes, intimando-o a sair de Coimbra.

Acobardou-se o aggredido e saiu para a sua abbadia, no proposito de planear mais estrondosa vingança.

N'este tempo, a parte liberal da academia reunia-se nos seus clandestinos esconderijos sob o nome de *Club republicano escolastico,* disposta a resistir á perfidia do regente, já demonstrada nos actos iniciaes de governo absoluto.

Era notorio que se preparava uma deputação do corpo cathedratico e do cabido de Coimbra, enviada a felicitar D. Miguel. Constava que os lentes eleitos seriam os dois mais entranhados inimigos dos estudantes que se haviam manifestado contra o insurgente marquez de Chaves. Grassou outro sim o boato de que os dois lentes, adrêde escolhidos, Matheus de Sousa Coutinho e Jeronymo Joaquim de Figueiredo, colligiam uma lista dos academicos suspeitos, afim de os fazer punir e riscar da universidade, delatando-os ao infante.

Expendidas as novas aterradoras n'uma sessão de duzentos academicos nomeados maçonicamente os DIVODIS, surdiu unisono o grito de morte aos dois lentes.

....

....

Bernardo Moniz, á hora da conjuração funesta, pernoitava emboscado entre as arvores já floridas, onde Ricardina lhe desprendia o animo da paixão politica.

De nenhum peso lhe eram no espirito embevecido em tanto amor as convulsões da republica. Quando os irmãos o chamavam ás velhas praticas de despotismo e liberdade, furtava-se ás enojosas questões e dizia:

—Meus amigos, a politica é boa distracção para quem não ama. A mim que me importam liberdades? O que eu quero é amar livremente. Achei a felicidade. Acabaram-se as minhas pendencias com o mundo.

E assás o provava, refugiando-se nocturnamente para os silencios do seu bosque apenas quebrados pelo dulcissimo dialogar de beijos mais que de palavras.

Já elle tinha obtido por intervenção do seu contemporaneo Domingos Joaquim dos Reis, filho do poderoso capitão-mór de Cintra, e afilhado da infanta D. Isabel Maria, a certeza da licença para esposar-se com Ricardina, sem impedimento da recusação do abbade. Louco da ventura em que ella via o honesto amor do seu leal amigo, voltou para Coimbra antes do romper do dia, e encontrou os irmãos ainda a pé.

—Vossês já se ergueram?!—perguntou elle espantado.

—Ainda nos não deitámos—respondeu o medico fundamente triste.

— Que tens? — tornou Bernardo Moniz. — Por que mandaram chamar-me?!... Vossês estão funebres! Esperam ser riscados? isso que faz? Precisaremos nós do gráo de bachareis para viver?

—Estás longe de comprehender a nossa agonia—disse o theologo.

—Fala, homem! Historias do abbade?

—Não. Sabe'-lo-ias, se cá tivesses passado esta noite, a mais horrorosa que ainda tivemos...

—Vossês?!

—Sim... Sabias que nos reuniamos esta noite por causa da deputação?

—Sim, sabia.

—O Matheus e o Figueiredo foram votados á morte.

—Era de esperar essa rapaziada—objectou Bernardo. —E vossês não se oppozeram?

—Quizemos; mas suffocou-nos a maioria.

—E' uma tolice que não póde ir ávante—volveu o jurista.—Na primeira reunião irei falar.

—Vaes tarde, Bernardo. Os lentes foram condemnados a morrer no caminho de Lisboa.

—E' horrivel; mas então!... vossês definham-se por isso?... Provavelmente hão-de tirar-se á sorte os executores... E' isso que vos aterra? São duzentos os sorteados...

—Já se tiraram...

—Quantos?

—Treze.

—Quem saíu? algum de vossês!?—perguntou impetuosamente Bernardo.

Calaram-se os irmãos, olhando um no outro com os olhos humidos.

Bernardo levou as mãos ao seio onde sentira o trespassar de uma lança. Tinha lido a resposta nas lagrimas dos irmãos. Avançou de salto para elles; fitou-os muito de chapa, e desafogou estas vozes roucas:

—Sou eu um dos sorteados?

—E's—conclamaram os irmãos, abraçando-o.

—Oh meu Deus! isto é impossivel!—exclamou Bernardo caindo sobre os joelhos.—Valei-me, meus irmãos, que eu não posso ir... eu não tenho coração onde entre o pensamento de matar um homem...

O medico levantou-o, achegou-o do peito, e disse-lhe:

—Ha um remedio...

—Qual?

—Foge... foge com ella...

—Fugir...!—acudiu Bernardo espavorido do alvitre.

—Sim, fugir; por que bem sabes os artigos dos estatutos dos «Divodis»; collaboraste n'elles. Lá diz que o sorteado para o effeito de maximo perigo, se se recusar, será morto e execrada a sua memoria. Isto são palavras; mas ha ahi homens capacissimos de executa'-las á letra. Podes tu com a execração? Foge com a vida. Nós te defenderemos; nós te desculparemos; mas foge, e quanto antes, por que hoje são 16, e a deputação parte no dia 18. Foge para Hespanha. Onde quer

que estiveres, lá irá ter o teu patrimonio. Passados annos, a tal execração estará esquecida, e tu talvez louvado pela tua prudencia. Foge, Bernardo...

—Não!—bradou energicamente o sorteado com as faces já demudadas da lividez em que lh'as alvejára o refluxo do sangue ao coração—Não fujo! A palavra «execração» sôa-me peor que «morrer». Lembráste bem: fui um dos collaboradores dos estatutos: não redigi esse artigo; mas approvei-o. E' necessario que eu vá!

Deteve-se por momentos silencioso e arquejante; em seguida saltaram-lhe dos olhos as lagrimas em torrentes, e os soluços pareciam um arrancar fulminante da vida.

Os irmãos diziam-lhe palavras consoladoras.

—Deixae-me chorar!—exclamou elle.—Isto não é cobardia... é ella que me está apertando e matando o coração... a minha pobre Ricardina...

—De maneira que—interrompeu o medico sinceramente maravilhado—tu choras a perda de Ricardina como se o condemnado a morrer fosses tu!

Bernardo fitou de golpe o irmão e cuidou entre si que o medico, dizendo uma cousa trivial, parecia inspirado.

—Que é o que te repugna? insistiu—Francisco Moniz—é matar? Não mates. Vocês são treze. Dois tiros matam dois homens. Outros dois tiros assustam os deputados cathedraticos, que não foram votados á morte. Restam nove homens para conter em respeito os caleceiros. Porque não has de pertencer aos nove da missão incruenta? Deixa-me sorrir, que não é muito para cho-

rar o caso... Além de que, vocês vão mascarados com lenços. Quem ha de conhece'-los? Se não entrevier desastre imprevisto, espero que vocês entrem cada um em sua casa desassombradamente.

Reanimava-se Bernardo ao compasso das confortadoras e algum tanto facetas razões do medico. O theologo permanecia triste, cabisbaixo, e sempre enxugando pranto, a occultas do irmão.

—Bem!—disse reanimado o moço.—Lembráste, Francisco, a intervenção possivel de um desastre...

—Sim.

—Conjecturemos que se realisa a pessima hypothese...

—De que modo?

—Que eu sou morto, ou me expatrio para não ir ao patibulo dos socios de Gomes Freire...

—Que pessimista!

—Suppondo. Vamos conversar tranquillamente. Morto ou fugitivo, deixo ali Ricardina. Que lhe fareis?

—Dize-nos a tua vontade, se queres que persistamos na hypothese pessima.

—A minha vontade...

Demorou-se na resposta, porque os soluços o embargaram.

—A tua vontade—proseguiu o medico—é que ella volte para um mosteiro?

—Não.

—Pois quê?

—Que digam a meu pae e a toda a gente que ella

era minha esposa clandestina. Se fôr necessario, falsificareis uma certidão de casamento; dareis muito dinheiro a um vigario que a passe. Isto é possivel, meus bons amigos? é possivel?—clamava elle, abraçando-os.

—E'—responderam simultaneamente os irmãos.—Ricardina irá para nossa casa.

—Respiro, meus irmãos! Agora, perdoae-me as lagrimas e absolvei-me da fraqueza. Lá vou expiar a leviandade de me intrometter na politica, já quando tinha toda a minha intelligencia e affectos empregados no santo amor d'aquelle anjo! Prevariquei levado pelas torrentes. Agora, serei assassino, visto que a dignidade e bravura dos nossos irmãos politicos se quer assim recommendar á posteridade. Deixo-me ir acorrentado para uma infamia que nunca nos será perdoada, ainda mesmo que as nossas cabeças passadas do cadafalso a um espeque fiquem pedindo caridade e misericordia aos juizos dos vindouros.

—Que estás ahi fabulando cadafalsos!—interrompeu o medico.

—E' que eu insisto na peor das hypotheses. Os cadafalsos vem ahi...

—Vem?...

—Pois vossês não ouvem já o ranger das rodas que tecem as cordas de esparto? Vão ás masmorras, se querem ver os carrascos já arremangados, para subirem ao tablado. Isto é cousa clara. Os cadafalsos vem. E, se elles não servirem para os assassinos politicos, onde estão victimas mais benemeritas? O feito que vamos pra-

ticar será dos reservados no livro v para castigo d'outro mundo?

—Mas que doudos serão vossês, treze homens, se se entregarem aos quadrilheiros!...—redarguiu Francisco Moniz.

—Tens razão—sorriu Bernardo—treze homens não se deixam assim agarrar, quando a Providencia não vae atraz d'elles.

—Dizes bem—entreveiu o theologo—dizes bem, Bernardo... *Se a Providencia Divina não fôr atraz d'elles.*

XI

MEMORIAS DOLOROSAS

N'este mesmo dia, foi intimado Bernardo Moniz para comparecer irremissivelmente em designada hora da noite no club. O aprazado pediu aos irmãos que o representassem e em seu nome recebessem o plano da emboscada.

—Não sei se será a ultima noite que dou a Ricardina—disse Bernardo.—O homem do coração primeiro; depois o assassino: são cousas que se compadecem perfeitamente.

—Não vás á quinta—obstou o medico.

—Que não vá?!

—Que intento levas? Dizer a Ricardina que na seguinte noite vaes esperar a deputação? Tens coragem de lh'o dizer? Tencionas convence'-la da necessidade politica de tal empresa?

—Não: Deus me livre que ella me julgasse capaz de tal. Uma mulher póde lá comprehender sem horror estas heroicas infamias?!

—Bem. Mas terás a superior valentia de passar com ella as horas chegadas ao transe do assalto, sem que a tristeza te accuse? Se podes encarar serenamente Ricardina, vae. Se receias de ti, poupa-te a essa entrevista. Eu iria mais depressa trucidar o corpo cathedratico e os verdeaes, que sujeitar-me a tal dilaceração.

—Pensas bem—condescendeu Bernardo.—Não vou. Irás tu dizer-lhe que estou ligeiramente incommodado na cama d'onde não posso sair dois dias. Nem sequer posso escrever-lhe... Não posso...

Bernardo já com muito esforço vingava represar as lagrimas; todavia, dos irmãos não as escondia elle, porque o tremor da voz, a cada instante cortada e desfallecida, o denunciava. O que o medico fazia, sem auxilio do consternado theologo, era pintar-lhe a facilidade da façanha e o segredo inviolavel dos compromettidos.

D'ahi a pouco entraram dois dos sorteados, intimos de Bernardo: um era Domingos Joaquim dos Reis, moço de vinte annos, indole branda e triste; o segundo, de vinte e dois annos, gentil rapaz, estudante distincto, e de condição faceta, chamado Carlos Lidoro de Sousa

Pinto Bandeira. Abraçaram-se taciturnos, desluzidos do menor lume de enthusiasmo, pedindo tacitamente coragem uns aos outros. N'este lance, sobreveiu outro sorteado, Bento Adjuto Soares Couceiro de vinte e quatro annos, possante, destemeroso, sedento de perigos, e bom para zombar d'elles na aresta da voragem. Entrou representando a passagem de *Orestes,* famoso baile tragico, que elle tinha visto representar no theatro de S. João em agosto do anno anterior. Figurou-se elle de Pilades apresentando a urna com as cinzas de Orestes. A urna era o gorro; e as cinzas eram castanhas piladas que elle depunha aos pés de Egisto, que vinha a ser Bernardo. Depois voltando-se para o filho do capitão-mór de Cintra, exclamou:

—Faze tu de Clitemnastra, ó Réis, que és bonito!

O moço olhava triste para as truanices de Couceiro. Os outros pareciam invejar-lhe o grande animo ou a carnivora crueldade.

Quasi agastado da indifferença do auditorio, Bento Adjuto compoz sisudamente o aspecto, e disse:

—Temos homens ou meninas? Podemos contar com treze irmãos juramentados, ou faz-se votação nova?...

—Quem te disse que a nossa seriedade é medo?—respondeu com hombridade Bernardo Moniz.—Se não rimos das tuas pilherias, a culpa é tua, Couceiro, dá-nos scenas mais salgadas, se podes.

—Folgo da altivez! sim, senhor!—volveu Couceiro. —Parecias-me agora grego ou romano pelo tom e pela postura!

—Portuguez, sómente—replicou o medico, satisfeito do aprumo do irmão.

Seguiu-se uma pratica ordenada a discutir a materia que na reunião nocturna havia de votar-se. Era simplesmente o local da emboscada; que o restante fôra decidido na vespera.

A' proporção que se afogueava o assumpto, ardentemente debatido por Couceiro, os tres consortes ganharam o enthusiasmo proprio dos annos, e sairam do quebranto em que os atonisára menos o medo das leis que a repugnancia de matar sem o incentivo do extremo odio.

Assim discorrendo, passaram juntos o dia. Ao jantar, brindaram á liberdade, transportados pela eloquencia spartiaca de Couceiro. O theologo saíra da mesa com qualquer disfarce, porque as lagrimas o tornavam indigno d'aquelle repasto de homicidas, laureados á grega e romana. Ao entardecer, entraram um a um, os outros seis dos nove sorteados para a immolação das duas victimas. Eram o barcellense Delphino Antonio de Miranda e Mattos chegado momentos antes de Barcellos [1],

---

[1] Este moço vivera alguns annos em Coimbra, desamparado do pae, advogado de Barcellos. O motivo do desamor paterno dera-o a negligencia de Delphino recusando-se a estudar sequer preparatorios, não lhe faltando aliás entendimento. Um distincto litterato que ainda vive, e gasalhou o barcellense em sua casa, quando frequentava a universidade em 1826, me contou que Delphino era um bom e estimavel

Urbano de Figueiredo, o algarviense Francisco do Amor, o irrequieto filho do Porto Antonio Corrêa Megre, Do-

---

moço, pospondo a rebeldia permanente em que estava com a sciencia. O estudioso contemporaneo e bemfeitor do pobre rapaz quiz insinuar-lhe affecto á leitura, encarecendo-lhe o prazer da sabedoria.

— Estou que, se me affizer a ler, heide gostar muito — dizia o barcellense.

Um dia o meu douto amigo de quem recebi estas informações, (era José Gomes Monteiro, já fallecido), tentou-lhe o espirito com as bellezas da linguagem e da fantasia de Fernão Mendes Pinto. Retirou-se Delphino de Mattos com o in-folio das *Peregrinações*, e voltou corridos poucos minutos a entregar o livro, dizendo:

— Isto é muito bonito; mas já me ardem os olhos. Heide ler outro pedaço a ver se me habituo.

Nunca se habituou, com grande pesar seu.

Quando os academicos liberaes sairam até Vizeu contra a Silveirada, foi tambem Delphino de Mattos.

O pae, que abrira mão d'elle, assim que o viu na lista dos inimigos dos despotas, escreveu-lhe abençoando-o, e ordenando-lhe que fosse para Barcellos gosar as caricias e bens paternos.

Saíu o moço de Coimbra para os braços do pae, cujo espirito primava entre os mais calorosos enthusiastas do governo representativo.

Um dia estava Delphino em uma reunião, quando se lhe deu um recado ao ouvido. Saíu. Horas depois caminhava á redea solta para Coimbra.

Tinha sido um dos treze sorteados.

Tres mezes depois, a sua cabeça era uma das tres expostas no angulo da forca no Caes do Tojo.

mingos Barata Delgado, Manuel Innocencio d'Araujo Mansilha, de Villa Real, Antonio Maria das Neves Carneiro, do Alemtejo. Faltavam dois, cujos nomes a tradição conserva, e o melindre pede que não se escrevam.

Tocaram-se de novo os copos impulsados pela vehemencia de que já todos se tinham conflagrado, sem excepção de Bernardo Moniz que se distinguiu a beber. Queria esquecer-se; queria passar da tumulencia ao crime, turvejando o coração para que a imagem de Ricardina Pimentel não transparecesse n'elle.

Noite alta, saíram separados e circularam pelas alfurjas lamacentas dos «Paços confusos» onde negrejava o casarão quasi subterreo das suas assembléas.

Os treze «divodis» sorteados juraram cumprir as deliberações da junta. Voz contraria ao accôrdo feito não se levantou nenhuma. Planearam o assalto e as medidas de segurança na retirada. Treze homens eram de sobra para matar dois; urgia, porém, amarrar os caleceiros e creados, incutindo com a sobeja força terror aos outros deputados, menos odiosos e por isso isentos da pena ultima.

A' uma hora da manhã debandaram os conjurados.

Quando Bernardo chegou a casa já Francisco Moniz tinha voltado do retiro de Ricardina. Referiu elle que a senhora se affligira com a inesperada noticia; mas socegára e confiára no medico, rogando-lhe muito que de manhã lhe désse aviso do estado do enfermo.

A carta que ella recebeu no dia seguinte escreveu-a Bernardo. No *post-scriptum* dizia duas palavras das suas

melhoras; o restante, que era muitas paginas, continha um pungente recordar-se de sua infancia, desde pastorinho de um rebanho de seu pobre pae, desde aprendiz de pintura, através dos annos escuros da sua mocidade, alheio das alegrias que o ouro levára ao casal de seus avós. Que lhe fazia a elle riqueza? Sempre triste e scismador nos beneficios da morte, sempre a deseja'-la, até áquella hora roubada aos prazeres do céo, se o céo os tinha eguaes á felicidade humana,—hora suprema em que ajoelhára aos pés da mulher amada por espaço de quatorze annos, primeiro com o amor do innocente, depois com a paixão do homem, arrancado á mortalha de um habito...

Ricardina leu alvoroçada a longa carta em que apenas se lhe transluzia palavra de esperança. Devia de estar mui escurecida e excruciada de máos presagios a alma que se empenhava tanto em desafogar vagamente angustias sem justificado nem claro motivo!

Quedou-se Ricardina todo dia pensativa e chorosa, ideando conjecturas despropositadas até ao desatino de entrever a possibilidade de ser aborrecida do homem a quem não dava o contentamento absoluto. A suspeita seria incompativel com a innocencia, se Ricardina ignorasse do coração humano as revelações que a triste mãe lhe fizera no convento, contando-lhe, com expansão de amiga, o castigo da sua cegueira.

E, como durante o dia, não recebesse novas de Bernardo, nem ás 10 da noite o medico tivesse ido explicar-lhe a tristeza do irmão, Ricardina, ás onze horas,

ordenou a um creado que lhe ensinasse o caminho e casa de seu amo. Espantou-se, mas não a contrariou o servo.

Saiu Ricardina, a pé, atravessando os choupaes que entremeavam por distancia de legua e meia.

Soavam tres horas da manhã, quando o creado lhe mostrou a janella do quarto de Bernardo Moniz. Via-se luz pelos resquicios das portas entre-cerradas.

O creado bateu.

Abriu-se outra janella, e saiu o medico perguntando. Respondeu o creado conhecido. Desceu Francisco Moniz atemorisado e perdeu a côr e a voz quando viu Ricardina.

—Aqui...—balbuciou elle.

—Venho ver Bernardo...—disse a senhora entrando e subindo offegante de cançasso.

—Jesus!—murmurou Moniz.

—Que é?!—Exclamou ella, aterrada pela hesitação do medico.—Elle está peor?...

—Não, minha senhora, não está; mas...

Ricardina subiu pressurosamente as escadas; e, como no primeiro andar ficasse perplexa sem saber por qual dos lados entraria, chamou Bernardo em gritos afflictivos.

O theologo, que vinha então sahindo do seu quarto, deu com ella de rosto, e disse a meia voz:

—Senhora D. Ricardina, entre, entre. Meu irmão não está em casa; mas volta d'aqui a poucas horas. Peço-lhe encarecidamente que não levante a voz: porque

será perigoso saber-se que meu irmão Bernardo não está em casa.

—Mas aonde está?—murmurou Ricardina a tremer.

—Queira sentar-se e socegar. Conversaremos de espaço.

—Mas diga-me pelo amor de Deus que é isto? Elle escreveu-me uma carta muito amargurada... Ai! que o meu coração me disse que havia uma grande desgraça...

—Grande desgraça, não, minha senhora—interveiu o medico.—O mano Bernardo foi tratar de certos negocios respectivos á politica; não podia deixar de ir esta noite; mas na volta das dez horas da manhã, está em casa. Descance, menina. Perigo não terá nenhum, se os seus gemidos não chegarem á casa d'este lado, onde moram estudantes, e podem suscitar desconfianças...

—Então o pae procura-me?—interrompeu ella sem entender de outra sorte o perigo das desconfianças.

—Não, minha senhora. Seu pae está na abbadia—proseguiu o medico, logrando prender-lhe o agitado espirito.—Dizem-nos cartas da terra que elle tem ataques de furia e ameaça o nosso velho pae de lhe queimar as casas; mas, querendo Deus, a proeza não lhe será facil, salvo se, como lá cuidam, elle capitanear algumas guerrilhas que já se movem na Beira a favor de D. Miguel absoluto. Não é, porém, de esperar que o pae de vossa senhoria, além de sacerdote, cavalheiro, e sobre tudo ministro de paz, se manche nas demasias populares, sobrepondo em si toda a responsabilidade das mal-

feitorias que se praticarem. Seu pae não será tão rancoroso, que sabendo que a senhora D. Ricardina é esposa de nosso irmão... Não tardará que o seja. Vi uma carta do capitão-mór de Cintra annunciando ao filho que, na volta do segundo correio, viria a provisão régia para se realisar o casamento, sem intervenção do pae de vossa senhoria.

Prolongou-se a pratica, em que D. Ricardina escassamente falou, até ás seis da manhã. Queixou-se ella de forte dôr de cabeça. O medico e o theologo sairam da alcova de Bernardo, pedindo-lhe que conciliasse o somno.

Eram sete horas, quando Ricardina caiu n'um marasmo somnolento com intermittentes de dormir e despertar sobresaltado.

A' mesma hora, uma legua além de Condeixa, no sitio chamado Cartaxinho, sairam de subito á comitiva da deputação, treze homens armados, com os rostos mascarados ou cobertos de lenços. Pararam as caleças diante das clavinas abocadas aos peitos dos conductores. O aggressor que parecia acaudilhar a jolda, abeirou-se das caleças, com a arma inclinada sobre o antebraço esquerdo, pêrro levantado, e o dedo no gatilho.

—Saltem cá fóra!—bradou elle.

Os lentes e os conegos apearam.

—Sigam para além—tornou Bento Adjuto, apontando para uma charneca na ourela esquerda da estrada.

Os treze formaram filas ao lado dos deputados, de tres innocentes meninos parentes d'elles, e dos caleceiros e creados.

Dados alguns passos, maneataram os arrieiros e creados, com ameaça de os arcabuzarem se boquejassem um gemido. Em seguida, emboscaram-se com os outros na espessura de arvores mal folhadas ainda.

—Deitem-se em terra!—ordenou Couceiro.

Emquanto os deputados se estiravam, exclamando clamorosas supplicas, Bernardo acercou-se do companheiro que cavalgára um possante cavallo do deão, e disse-lhe:

—Queres mata'-los todos?!

—Sei o que faço—respondeu Bento Adjuto.

—Mas não é isso que se tratou...

—Amarram-se?—perguntou Megre.

—Nada de amarras, n.º 5! [1]—respondeu o commandante, que assim se arvorára por se ter em conta de mais sanguinario.—Segurem-os a punhal e tiro!

Detonou a descarga de cinco arcabuzes. Os craneos dos dois lentes, Matheus e Figueiredo, abriram largas fendas por onde esvurmava o cerebro sanguento.

—Aos outros!—bradou Couceiro.

—Isso é atroz!—atalhou Bernardo.

—Aos outros!—repetiu o chefe.—Leva rumor, n.º 2!

Outra descarga de tres tiros feriu gravemente os conegos, e levemente os dois meninos.

Bernardo remessou o bacamarte, exclamando:

—Isto é infame!...

---

[1] Os individuos iam numerados.

—Não se alteraram as ordens—redarguiu Couceiro.
—Os outros não morrem... são apenas avisados. Agora, fujamos!

E desataram em velocissima corrida pelas gandras marginaes da estrada.

—E a lista dos accusados?—perguntou Mattos.

—Deve estar nos bahús—disse Couceiro.—Voltemos atraz!...

Voltaram ás caleças; arrombaram os bahús; encontraram papeis que rasgaram, e entre a roupa, alguns saquinhos de dinheiro.

—Ser-nos-ha necessario?—exclamou um dos treze.

—Deve ser...—respondeu outro, dando o exemplo de embolsar um dos sacos.

—Outra infamia!—murmurou Bernardo Moniz, rompendo a fuga com os dedos fincados na fronte, e apartando-se dos companheiros.

—Olha que não é esse o itinerario!—lhe bradou Urbano de Figueiredo.

—Já não recebo ordens—replicou o beirão, cozendo-se com uma ribanceira.

—Deixa'-lo ir—disse Couceiro.—A occasião é má para o fazer entrar na ordem... Sigam-me.

Tres dos treze detiveram-se um momento, indecisos sobre seguir Bernardo ou Couceiro. Decidiu-os pelo primeiro o apoio que lhe haviam dado na repugnante e desnecessaria crueldade afeiada pela ignominia do roubo.

Uniram-se, pois, os quatro nomes que ninguem ouviu nos pregões levantados desde o Limoeiro até á forca,

no dia 20 de junho de 1828. Um dos tres, que o seguiram, era Antonio Maria das Neves Carneiro.

A minudenciosa descripção dos factos decorridos desde o crime até ao supplicio, na morosa agonia de tres mezes, é alheia do nosso intento. Escreveram pouco do feito reprovadissimo os coevos. Propriamente os liberaes esconderam o rosto para lhes não bater a bofetada dos inimigos. As lagrimas, derramadas no seio das familias cobertas de vilipendioso crepe, não bastaram a fazer levantar olhos piedosos ás cabeças de Mattos, Megre e Couceiro, expostas nos angulos da forca.

Não paremos diante d'este espectaculo, leitor. Se tem filhos, se um dia os ha de affastar longe de si, onde os braços do seu amor não cheguem para salva'-los, pense e chore. Depois, estreite-os ao coração, deixe que elles se revejam nos seus olhos embaciados de lagrimas, e diga-lhes:

—Todos estes moços tinham mãe ou pae que os choraram. Até a sepultura lhes foi defesa; porque não houve ahi pae que ousasse pedir os ossos de seu filho. E, se a tivessem, o estigma de indelevel deshonra seria tal sobre a pedra dos infamados, que o insulto do mundo responderia aos gemidos da oração.

XII

ESPERANÇAS

A's onze horas chegaram a Coimbra dois soldados de cavallaria a todo o galope, noticiando o assassinio dos doutores e a captura de cinco estudantes, devida ao povo das aldeias vizinhas, alvoroçadas pelos brados de uma mulher que testemunhára a carnificina, e aos soldados dos esquadrões do general Agostinho Luiz, que passára na conjunctura de se apinhar o povo na estrada.

Os «divodis» ainda projectaram saír armados ao encontro dos presos, e arranca'-los; mas paralisou-os não já o medo, senão a geral manifestação do odio publico a tão covarde feito. Além d'isso, a maxima parte da academia liberal, não juramentada no club republicano, estigmatisou a protervia, ao mesmo passo que tremia de ir incorrer nas suspeitas da justiça.

Francisco Moniz estava na rua da Calçada, quando a nova se divulgou. Foi um dos que incitaram o club a um rasgo de heroica desesperação. Os applausos esfriaram logo que os academicos realistas e a gente cor-

data saíram armados vociferando contra os assassinos. [1]

Moniz foi encontrar o theologo fulminado pela nova dos cinco presos. Ricardina, já tambem avisada pelo seu creado, puzera as mãos diante dos dois irmãos de Bernardo, pedindo-lhes a verdade do que soubessem.

—Senhora—exclamou o medico—tenha alma! a nossa situação é tão horrorosa, que eu não sei que lhe diga... se não: «coragem!» Por tudo quanto ha sagrado, lhe peço em nome de Bernardo que não aggrave com as suas lastimas a deploravel situação em que nos vemos. Bernardo e mais doze mataram dois homens. Cinco foram presos. Não sabemos se elle ahi vem nos cinco. Se não vier, ha ainda esperanças de salvação... Se é um dos cinco...

Ricardina já não ouviu a ultima condicional. Desfallecera, amparada nos braços de Francisco Moniz, quando caía hirta e livida, expedindo um arranco dilacerante.

—Salva-a, se puderes...—disse o medico ao irmão, e saiu.

—Foi á Ponte, coberta de academicos e povo. Contrafez-se, quando um amigo lhe disse: «Cuidado, que te denuncias!»

Perguntava serenamente se já viera noticia dos no-

---

[1] O *Correio do Porto*, periodico contemporaneo, louva encomiasticamente um estudante realista que sahiu á ponte de Coimbra com um machado para matar os presos, que iam entrando. Deu muito que fazer á escolta livra'-los das furias carniceiras do heroe do *Correio do Porto*.

mes dos presos, e quantos eram. Cinco, todos sabiam; mas ninguem dava a certeza dos nomes.

Ao meio dia, entraram os presos por entre as turbas que voz em grita levantava «vivas» a D. Miguel I.

Francisco Moniz examinou o trajo dos cinco presos que traziam as caras ainda cobertas, exceptuando Couceiro, que entrou sem o lenço, sorrindo aos conhecidos, e zombando sarcasticamente dos insultadores.

Respirou o medico. Nenhum dos quatro vestia como seu irmão.

Correu a casa, encontrou Ricardina de joelhos, ao lado do theologo, que tambem orava. Abraçou-os ambos, e clamou soffreando o jubilo:

— Não é nenhum dos cinco... Salvou-se...

— Salvar-se-ia?! — perguntou o irmão desconfiado. — Não será ainda preso, ou denunciado pelos cumplices?

— Bem fundado receio! — obtemperou Francisco Moniz. — Que resolves tu?

— Que fujamos.

Será bastante para nos denunciarmos.

— E cuidas que nos salva o ficar? Crês que Bernardo volte a Coimbra? Nunca mais. Se poude fugir, procuremo'-lo em nossa casa. Que nos disse elle? Lembras-te? Que levassemos esta senhora a casa de nosso pae...

Ricardina seguia com um vivo movimento de olhos o dialogo dos dois; mas o restante da physionomia parecia marasmado. O mèdico attentava n'ella suspeitoso

de máos symptomas. Incitou-a com perguntas; mas nem sequer respondia soluçando. No entanto, o pulso batia acceleradissimo, e as faces conservavam a compostura não indiciativa da demencia, chamada *espasmodica*. Levaram-na ao quarto de Bernardo.

N'este comenos, voltou um academico visinho com a noticia de terem sido presos quatro estudantes no Rabaçal, dois na Ega e um em Pereira. [1]

— Isto agora é horrivel! — disse o medico ao irmão, chamando-o á escada para que Ricardina o não ouvisse. — Estão presos doze. Falta um... Que esperanças temos de que seja este o nosso?... Então é certo que está tudo perdido, não é?

— Ainda m'o perguntas...

— E agora? fugir?

— Não. Esperemos que chegue Bernardo. Quem o ha de soccorrer no carcere?

— E não seremos nós tambem presos?

— De certo... E esta desgraçada? que ha de ser de Ricardina?

— Já resolvi, porque tive um presagio de tudo, ha poucos momentos. Ricardina sáe d'aqui com o seu creado, á noite. Vae direita para nossa casa...

— Bem; mas hasde tu acompanha'-la.

— E deixar-te?

---

[1] Esta falsa atoarda chegou assim ao *Correio do Porto*, no dia 22 em correspondencia de Coimbra.

— Sim. De que me serves tu? Vae apresenta'-la ao nosso bom bae. Conta-lhe tudo. Vae; mas acautela-te, que o abbade não saiba que ella chegou. Entra de noite, pelos caminhos menos trilhados. Ahi estão os nossos cavallos.

— E terá ella forças? — obviou o theologo.

— Ha de te'-las. Dize-lhe que Bernardo fugiu para casa. Mente-lhe. A questão é tira'-la d'aqui. Não ha nada mais infernal que saber ella que Bernardo está preso e arriscado á forca. Tira-m'a de Coimbra, que o nosso pobre irmão suicida-se, despedaça-se contra os ferros, se souber que Ricardina aqui está contando-lhe os dias da vida...

Entrou Francisco Moniz, entalado de soluços, que em vão forçava reprimir, no quarto de Ricardina.

— Que é? — clamou ella.

— Boa nova!...

— Qual? — Acudiu Ricardina erguendo-se ainda com as mãos erguidas.

— Bernardo foi para casa. Está livre.

— Quem o disse?

— Um enviado que elle mandou. A' noite partimos para Espinho. Vamos encontra'-lo.

— Vamos? O' Virgem Nossa Senhora! ó alma de minha santa mãe, que me ouviste! Vamos encontra'-lo? Tem a certeza d'isso? Vamos?

— Sim, minha senhora, tenho a certeza de que elle está caminho de casa e livre de perseguição.

— O' meu Deus! quanto sois bom para os afflictos!

—exclamou ella, ajoelhando outra vez, debulhada em pranto.

Quem poderia dizer o tormento de Francisco Moniz n'aquella hora!

Até ao cair da noite, as noticias vindas confirmavam o boato da prisão dos sete estudantes; mas não se diziam nomes nem signaes.

O medico entrou á hora em que o irmão devia sair com Ricardina. Despediu-se a chorar de ambos, e disse ao ouvido do irmão:

—Ampara os dias de nosso velho pae, que perde dois filhos. Assim que souberes que eu fui preso, emigra. Olha sempre por esta infeliz senhora, e...—Fez uma breve pausa e continuou:—Devo dizer-te que Ricardina é mãe, se a dôr lhe não houver matado o feto. Bernardo já o suspeitava, e com razão. Aviso-te d'isto para que te abstenhas de a recolher n'algum convento em tal estado. Não sei dizer-te o que devas fazer. Pensarás, segundo as circumstancias. Tem tu animo; segue os conselhos da tua virtude.

Partiram caminho de Vizeu.

E, ao mesmo tempo, Francisco Moniz, esforçado pela deliberação de arrojar-se aos perigos, montou a cavallo e saíu pela estrada de Coimbra.

Chegou a Condeixa á meia noite. Indagou dos presos, e soube que estavam em ferros quatro, capturados no Rabaçal. Teve meios de os vêr na madrugada, quan-

do saíam do carcere para meio da cavallaria e povo armado. Não estava seu irmão entre elles.

Perguntou pelos três que tinham sido agarrados na Ega e em Pereira. Disseram-lhe que, afóra os nove, todos tinham fugido por arte de satanaz.

Ourou-se-lhe a cabeça de alegria. Renasceu n'aquelle momento! Orou: sentiu a precisão de crêr que brilhava um reflexo divino na exultação da sua alma. Lembrou-se de sua mãe, que morrera chorada dos pobres, porque, ainda em tempo de pobreza, repartia o pão de seus filhos pelas creancinhas mais indigentes.

—Agora, guiae os meus passos, minha santa mãe!— disse entre si levantando ao céo os olhos orvalhados de doces lagrimas.

Meditou sobre o caminho de casa mais desempeçado de perigos. Era-lhe já aprazivel a vida e a segurança.

Temia-se de encontrar povo, que o suspeitasse, e perseguisse. Confiava muito no cavallo, mas receava-se das balas.

Aventurou-se com o espirito confiado e enlevado na santa alma de sua mãe. Como a desgraça, a um tempo, escurenta e alumia este confuso cháos da razão!

Internou-se n'um caminho travesso que, ao fim da tarde, o conduziu a santo Antonio de Cantaro, nove leguas distante de Vizeu.

Ao outro dia, por noite, chegou a casa, ladeando as montanhas vizinhas para não passar na estrada proxima da residencia abbacial.

Ouviram os de dentro o tropel de cavallo. Corre

ram Ricardina, os irmãos e o velho ao pateo. O theologo lançou-se-lhe aos braços, exclamando:

—Perdido?

—Não, salvo.

—Onde está?

—Não sei. Está salvo. Sei tudo quanto queria.

Ricardina, que ouvira o rapido dialogo, lançou-se entre os irmãos, perguntando.

—Elle não veiu?

—Hade vir, talvez hoje, talvez ámanhã. Está vivo, minha senhora! E estar vivo é tudo.

XIII

NORBERTO CALVO

Bernardo Moniz, Antonio Maria das Neves Carneiro e os dois innominados fugitivos [1], quando ouviram o tro-

[1] Vem a ponto declarar-se que um dos não nomeados era padre. Desterrou-se e voltou a Portugal na expedição do Mindello, sem vestigios de corôa, e fardado de caçador. Em 1847 serviu a junta do Porto, commandando um dos batalhões da legião. Não sabemos se o divulgar-lhe o nome faz implicancia ao cuidado com que o padre de 1828 o esconde. Na incerteza, respeite-se o arrependimento.

pel de cavallos e grita do povo a distancia tão curta que apenas se interpunha o respaldo de um outeirinho, desceram por barrocas precipitosas procurando o sopé da escarpa que entestava com um ribeiro fundo, cortado por ponte de um arco.

Chegados ao rio, lançaram-se á corrente, e foram ao arripio até ganharem, acobertados pelos salgueiros, o arco da ponte. A este tempo, já o alarido e tinir das espadas nos ilhaes dos cavallos soava perto d'elles ao alcance de tiro. Cingidos com o arco, fincados ás pedras escorregadias dos limos, e com agua pelos peitos, ouviram a estrupiada da cavallaria que passava a trote pela curvatura da ponte vacilante. Os aldeãos corriam na frente dos cavallos, galgando a ladeira da outra margem, e opinando desencontradamente. Uns diziam: «ficam já atraz!» outros teimavam que os tinham visto passar n'um tezo distante dois tiros.

A maioria decidiu-se pelo testemunho ocular, e redobrando a velocidade da carreira, transpuzeram todos de roldão as penedias e pinheiraes que recortavam o horisonte.

—Não sei qual das mortes é mais suave, se a da polvora quente se a da agua fria... Hei-de consultar o corpo cathedratico...—disse Antonio Maria Carneiro, tiritando em convulsões glaciaes.

—Parece-me que esta morte é a mais ignominiosa das duas—observou Bernardo.

—Seneca morreu n'um banho; mas banho de agua tépida—tornou Carneiro.

—Os romanos sabiam morrer confortavelmente—ajuntou o padre.

—Vamos vêr se ainda conservamos a natureza de phocas?—tornou Carneiro.—Declaremo nos animaes amphibios, e vamos um pouco para terra.

—Parece incrivel—disse o outro innominado—que vossês, depois de uma hora de môlho, ainda tenham sal! Eu declaro-me estupido como um carapáo.

—Sejamos cordatos—volveu Antonio Maria—parece-me acertado que não nos deixemos matar, ou pescar, que importa o mesmo, senão é peor. Sair d'aqui é temeridade; passar para acolá é prudencia, porque alli reflue menos agua, e poderemos esperar algum tempo a ver se o inimigo retrocede.

—Pois vamos para além—concordaram, atravessando de mãos dadas até se acocorarem cosidos com o pilar fronteiro.

O padre, passada meia hora de silencio nos caminhos e montes, pediu que o deixassem espiar de um alto por entre os rochedos.

—Vae—disse Antonio Maria—mas não faças como a pomba da arca. Em vez de ramo de oliveira, traz algum fructo d'estas arvores paradisiacas.

—Bolotas, por exemplo?

—Boletas, é mais portuguez.—Ceva-te, e conduz as que te sobejarem. Volveu o futuro commandante do corpo legionario da junta suprema, dizendo que não vira fôlego vivo.

—Nem morto?—perguntou Antonio Maria.—Convencidos de que somos amphibios, convinha saber se tambem somos carnivoros. Qual de vossês não comia agora um boi?

—Eu por mim—disse Bernardo—não tenho sombra de appetite. O homem é uma rija monstruosidade, não te parece?

—Rija e abominavel...—accrescentou o alemtejano. —Esta força que nos permitte encarar sem lagrimas a nossa situação, que é? Impassibilidade de tigre que extende as garras sobre o cadaver da presa e encara destemido o caçador que lhe faz a pontaria ás espaduas. Nenhum de nós se lembrou ainda que está desgraçado e perdido para sempre?

—Todos se lembrariam...—murmurou Bernardo.

—A perdição relativa—emendou o padre.

—Que é a perdição relativa?—perguntou Carneiro.

—E' a comparada ao aproveitamento que se perdeu. Eu não acho abominavel a valentia da alma, que sobreveiu á fraqueza de um vil feito. Quando a tristeza me cravar as unhas hei-de sacudi'-la. Tenho a meu favor que o remorso de assassino me não ha-de entrar no peito com ella.

—Mas a honra, a patria, a familia?... que cousas são estas, padre? poderemos jámais restaura'-las?

—Não sei. Conservemos a vida.

—Boa palavra!—tornou Antonio Maria.—Segue-se por tanto deliberarmos ácerca do nosso destino. Para onde vaes tu, Bernardo?

—Para minha casa, e de lá não sei para onde.

—E tu, padre?

—Para onde os fados me levarem.

—Cesar era mais christão, que disse *Deus* e não *fados. Quo Deus impulerit.* E tu?—perguntou ao innominado.

—Que sei eu! Não tenho mãe, nem pae, nem irmãos. Leva-me comtigo.

—Eu vou para o Alemtejo, e de lá para Hespanha. Mas é forçoso que sigamos d'aqui ávante separados. A união póde perder-nos. Quem quizer ajuntar-se comigo, e quinhoar do meu pão, espere-me ou espere na raia de Hespanha.

Ao caír da tarde, abraçaram-se, e deram o ultimo adeus com os olhos enxutos [1].

---

[1] Do padre já se disse em nota o essencial. Do innominado escasseiam-me as noticias. Quanto a Neves Carneiro sabe-se que passou a Hespanha, onde foi gasalhado cuidadosamente por um lavrador, cuja filha se lhe affeiçoou. Estes amores propendiam por parte da moça ao mais honesto desenlace. Antonio Maria (se a tradição não lhe denigre a memoria) recusou-se ás solicitações da rapariga, provavelmente justificadas por compromissos que deviam ir muito na sua rehabilitação. O pae da moça, em despique do ultraje, delatou o fugitivo ás justiças portuguezas. A' denuncia seguiu-se a traição. Convidou-o a passear incognito n'uma feira em territorio de cá. Antonio Maria foi preso, ferropeado, conduzido ao Limoeiro, e d'aqui á forca em julho de 1830. Antonio Maria das Neves Carneiro foi um dos estudantes mais esperançosos e

Tres leguas arredadas do ponto em que se apartaram cuidou Bernardo Moniz que teria palmilhado, quando, ao romper da manhã, se sentiu desfallecer de cançasso e extenuação. Não obstante a sua crença da rija monstruosidade do homem, cuidou que a morte lhe não deixaria ver as alvoradas de mais um dia. Figurou-se-lhe uma visão que lhe dulcificava a morte. Ricardina com a fronte caída para o peito, amarellida e arregoada de lagrimas já frias, ia tambem morrer. Os objectos mostravam-se-lhes todos á feição da sua agonia. As nuvens alvacentas, as estrellas esmaecidas, as boninas, as arvores, os fragoedos, os corregos, tudo se lhe desfazia n'um vortice de cinzas, que lhe regirava em redor da cabeça aturdida. O desgraçado apertava as fontes e cerrava os olhos. Queria reabri'-los para os levantar á piedade do céo. Recrudesciam-lhe as angustias; mas as do coração não as sabia extremar das outras. Pendeu a face sobre

---

illustrados. Quem o tratou especialmente e com muita estimação, me disse que o assombro gelou o animo de todos quando correu a nova de ter sido o grave e estudioso mancebo um dos treze criminosos. Prudencia, convicções liberaes moderadas, tolerancia e pacatez nas crises em que os dois bandos academicos se digladiavam, promettiam destinos bem avessos de patibulo tão vituperoso! Perdeu o a «honra» da sua palavra juramentada. A honra, sem o amor de Deus e o amor do proximo, é a «honra» dos suicidios, dos duellos, e dos facinoras juramentados. O genero humano ha de ser bom, quando a *caridade* repulsar do commercio das almas a moeda falsa da «honra».

os joelhos, enclavinhou os dedos sobre a cabeça, e disse entre si:

—Quem me dera morrer...

Nasceu o sol. Os primeiros raios aqueceram-lhe as mãos. Espertou da lethargia, com renovado alento, como se anjos andassem nos infernos d'esta vida em busca de uns infelizes que Deus ainda não condemnou.

Ergueu-se cambaleando, encostado ás arvores que o ajudavam a ensaiar as forças.

Olhava á volta e ao longe. Quem lhe poderia dizer onde estava?

A distancia de meia legua via uns coruchéos de torres por entre nevoeiros.

A vinte passos de distancia alvejava um trilho de pé posto que descia da serra por entre olivedos, e se espraiava n'um caminho espaçoso.

—Estou perto de uma estrada e de uma villa—pensou Bernardo.—Perdi-me, provavelmente. Caminhava para a serra, e estou n'uma chã povoada. Quando saír gente aos campos, serei preso. Mas, se volto a embrenhar-me nas mattas, lá me colherá a morte. Que importa aqui ou além?

Viu passar dois caminheiros na estrada. Apalpou as algibeiras. Tinha ouro sobejo para comprar o segredo e a piedade de um pobre.

Abeirou-se do caminho. Atravessou-o para um bosquete de olmos. Esperou largo tempo. Ninguem passava. Assomou na revolta da estrada um cavalleiro a trote. Primeiro, o fugitivo recuou para a espessura dos olmos;

depois, sem temor nem alento, levado automaticamente pela indifferença de morte ou vida, abeirou-se da estrada, disposto a perguntar ao viandante que terra era aquella.

O passageiro, a poucos passos de distancia, deu tino do outro que o esperava, apoiado o hombro contra uma arvore.

Soffreou as redeas do macho, estacando-o de subito.

Bernardo Moniz não lhe via senão os olhos; que o viageiro se envolvia n'um farto capote de saragoça, e as abas do chapéo lhe cobriam os hombros.

A paragem repentina do macho e a fixidez do cavalleiro deviam aterrar o foragido; mas nem de leve o abalaram. Desencostou-se da arvore, deu dois passos vacilantes para o outro, e disse:

— O senhor faz favor de me dizer que terra é aquella onde se vê uma torre?

— O' senhor doutor!... — bradou o assombrado passageiro, deixando caír as bandas do capote. — E' vossa senhoria?... é o senhor doutor?

E, dizendo, apeou de um salto, e correu para Bernardo Moniz que lhe abria os braços, exclamando:

— Tu aqui, Norberto!... que vens fazer? onde estamos nós?

— Perto de Condeixa, senhor.

— De Condeixa?! ó meu Deus! pois eu estou em Condeixa? Andei mais de tres leguas e estou no mesmo ponto d'onde fugi!...

— E' meia legua d'aqui lá... — disse Norberto. — Querem ver que vossa senhoria...

— Acaba, meu amigo!... perguntas-me se sou um dos desgraçados estudantes que mataram os lentes?

— E' que alli atraz encontrei muita gente no sitio onde os mataram, e fui vêr o sangue. Valha-me Deus!... Vamos embora d'aqui, porque andam esses caminhos até Freirigo cheios de povo na cola dos estudantes, e já lá vão para Coimbra nove, que eu ouvi dizer. Salte para cima do macho, senhor doutor. Vamos sahir da estrada por este caminho de cabras até arribarmos lá pr'á serra. Ande depressa, que não vá o diabo armar das suas Vossa senhoria está a perder a côr... Valha-me S. Pedro.

— Não como ha dois dias, sinto-me desfallecer... murmurou Bernardo.

— Ha aqui que comer, graças a Deus. Os alforges trazem provimento. Toca a sahir da estrada, que é o principal.

Bernardo Moniz cavalgou ajudado pelo hombro de Norberto Calvo. Subiram o escarpado trilho por onde o fugitivo descera á estrada, e contornearam a parede de uma devêza de carvalhos até encontrarem passagem para dentro. Depois, como a bouça era entremeada de grandes clareiras, visiveis dos picotos da montanha eminente, proseguiram até se embrenharem n'um pinhal, cujas ramarias estilavam ainda o orvalho da noite.

Apeou-se Bernardo nos braços do confidente de Ri-

cardina, e voltando-se peito com peito abraçou-o com effusão de lagrimas, exclamando:

— Foi Deus que te enviou em meu soccorro, meu amigo!

— Agora é comer! — disse Norberto, despejando os alforges. — Ainda temos meia gallinha, dois salpicões cozidos e pão branco. Vinho não no ha; mas bebe-se agua, que corre lá em baixo um regato. Ande-me, senhor doutor! Coma bem, se tem vontade. Olhe esta perna de gallinha; vá mixturando com o salpicão. Se quizer agua, vou-lh'a buscar nas abas do chapéo. De fome já não morremos hoje. O peor é o macho que não come rama de pinho; mas o descanço tambem é mantença.

Recobrou côres o estudante assim que deglutiu os primeiros bocados.

— Para onde ias, Norberto? — perguntou Bernardo.

— Para Coimbra.

— Teu amo já sabia da morte dos lentes?

— Não, senhor; pois como havia de elle saber, se eu fiquei *atolito*, quando m'o contaram hontem á noite na estalagem de Porto Coelheiro!

— Mas que caminho trouxeste de Vizeu para aqui?

— E' que meu amo mandou-me á Redinha com carta a um fidalgo não sei para quê. Acho que é cousa de partidos pr'a se levantarem guerrilhas por todo o reino; que eu tambem desconfio que o senhor abbade o que quer é saber se está em Pombal o corregedor que fugiu de Vizeu, quando meu amo sahiu da cadeia.

— Mas que ias tu fazer a Coimbra?

—Ia ver a fidalga. Vossa senhoria já casou com ella?

—Ainda não.

—Pois é preciso casar, senão arrenego-me, e vae tudo c'os diabos. E' ao que eu ia.

—E sabias onde ella estava?

—Não; mas o meu fito era procurar o senhor doutor, e dizer-lhe: «quero vêr a minha menina; diga-lhe que está em Coimbra o Calvo». Morra eu, se ella me não mandasse logo entrar!

—Mandava, Norberto; mas, se a quizeres ver, has de ir a casa de meu pae, onde ella deve estar a esta hora.

—Vossa senhoria que me diz! em casa de seu pae!?

—Sim.

—Oh! com mil diabos! se o abbade o sabe! Olhe que elle já tem mais de trinta homens a receber soldada para sahirem armados á primeira ordem. Só lá em casa tem sete de Midões a comer e beber e a ganhar doze vintens por dia. Os outros estão á espera que eu os vá reunir. E ninguem me tira da cabeça que a primeira fachina é em casa de vossa senhoria; depois não sei se escapará a familia da Reboliça, e mais tem lá casada a senhora D. Eugeninha. Diz elle que os ha de perseguir até os metter no inferno aos fidalgos lá da parte da senhora fidalga velha que Deus lhe fale n'alma. De maneira que a senhora D. Ricardina foi mal guiada lá para Espinho; que não vá isso assanhar mais o pae e ir ahi o diabo a quatro!

Prolongou-se a conversação animada. Combinaram

sahir de noite, e seguir a estrada até encontrarem vereda transversal que por entre serranias os levasse ao Criz.

Ao meio dia, Norberto foi a Condeixa sob o disfarce de colher novas dos estudantes presos. Proveu-se de alimentos, arraçoou o macho fartamente, e voltou ao pinhal onde deixára Bernardo Moniz enroupado no seu capote.

Assim que escureceu, tirou o bacamarte do arção, escorvou-o com polvora nova, accommodou o estudante agasalhando-lhe as pernas entorpecidas da submersão em que as tivera debaixo da ponte, sahiu á frente do macho, e disse:

—Vamos lá com Deus! O senhor doutor, se vir que nos sáe gente, não espere por mim. Esporas ao macho, e não olhe para traz. Eu lá irei ter, se me deixarem. E se eu por cá der a ossada, diga vossa senhoria á senhora D. Ricardina que o Norberto sabia ser amigo.

XIV

PLANOS DO ABBADE

Acredita-se que os nove estudantes processados guardaram inviolado segredo, por mais induzidos que foram a declarar os cumplices.

Ainda assim, a justiça, devassando, achou provas convincentes da cumplicidade dos quatro.

E não se fazia mister grande faro para ir na pista de Bernardo Moniz, combinando-se os indicios por maneira insolita nos casos contingentes.

Primeiro, as idéas politicas. Depois a notoria amizade entre Bernardo e Domingos dos Reis. Além d'isto, a frequente hospedagem que os Monizes davam ao maior numero, senão a todos os presos. Accrescia o testemunho de academicos vizinhos que deram fé e noticia dos extraordinarios movimentos na casa dos Monizes, durante a noite da vespera, e durante o dia do assalto. Por ultima e maxima prova, o desapparecimento inesperado dos dois irmãos com creados e cavallos, sem de antemão terem annunciado a alguem o proposito.

A prova maxima para a justiça não era assim mesmo concludente. Alguns estudantes sairam logo de Coimbra, sem leve incriminação no inexcusavel attentado: para intimida'-los bastava a restauração do absolutismo contra o qual se tinham arregimentado, e a maior ou menor convivencia com alguns dos presos. Muitos saíram e voltaram a concluir formatura cinco annos depois; outros emigraram e desistiram de graduar-se.

Porém, de todos os Monizes e mórmente de Bernardo, a justiça conimbricence formou logo conceito idoneo e bastante a expedir secretas ordens de prisão ao juiz de fóra de Vizeu, levadas por aguazil que jornadeou toda a noite de 19 para 20 de março.

O esbirro chegou a Vizeu no dia 20 ás duas horas da tarde, e Bernardo Moniz, á vista de Vizeu, endireitou para Espinho por atalhos montanhosos já conhecidos

desde a infancia, em quanto Norberto seguiu estrada direita, e chegou de noite á residencia.

Quando entrou á presença do amo, cresceu para elle o abbade, exclamando:

—Estava cá morto por ti, homem!... Que diabo de demora!

—Aqui estou, meu amo.

—Esperava-te já de manhã.

—Encravou-se o macho, e tive de esperar tres horas que apparecesse ferrador. Aqui está a resposta.

E entregou-lhe uma carta.

—Que ouviste por lá dizer?—tornou o abbade, lendo rapidamente.

—Dos lentes? mataram-nos não sei quantos estudantes.

—E sabes que o Bernardo foi dos matadores?

—Não ouvi nada d'isso, fidalgo.

—Pois foi. Já está em Vizeu ordem de prisão para todos. Cheguei de lá agora. Amanhã ou depois cerca-se a casa, e, se elles lá estão, como já tive noticia, vão todos malhar á forca, que nem Deus nem o diabo lhes póde valer.

—E a fidalga?—atalhou Norberto, apiedando o rosto.

—Que vens tu cá falar-me n'essa mulher perdida?... Se eu a lá encontrasse... essa quem na enforcava era eu no galho de um castanheiro. Eu não tenho filha nenhuma, percebes?

—Sim, senhor.

—Então nem mais palavra a tal respeito!—ordenou rispidamente o abbade.

—Não que vossa senhoria tem razão—remediou Norberto.—Eu disse isto; mas não é por querer que vossa senhoria perdôe á menina, nem a elle. Quem primeiro lhe atira, se o vir, é cá o Calvo. Lobrigue-o eu, que á forca não vae elle. Qual forca? isto de homens ricos não vão á forca. O melhor é dar-lhe cá o passaporte para o outro mundo, e pô'-lo logo a responder de facto direito, como o outro que diz.

Jubilou o abbade, riram-se-lhe olhos e dentes, e desbordou-lhe a ternura do seio n'esta doçura de falas quasi segredadas:

—Olha cá, Norberto! O meu homem has de ser tu sempre! Não me fio do Frazão nem do Torto que são bravos, mas muito brutos. Vamos arranjar o plano. O que tu disseste é o que eu quero. O Bernardo, se estiver ahi, ha de morrer.

—Pudéra!... E' como vossa senhoria diz.

—O juiz de fóra de Vizeu já hoje queria mandar cercar-lhe a casa, e consultou-me a esse respeito; mas eu, que não tinha o meu plano traçado, convenci o juiz a esperar até depois de ámanhã á noite, para eu lhe preparar os meios de não perder a diligencia, espionando primeiro se elles ahi estão. Logo que cheguei, me contou o Torto que ouvira dizer que esta madrugada, ainda não se via bem, tinham passado pelo menos tres pessoas a cavallo e duas ou tres a pé, acolá pelo caminho das Rechousas. Não podiam ser senão os tres e mais os crea-

dos. Bem estamos. Pilhados são elles; mas o meu empenho é que o Bernardo morra. Como ha de ser isto? Dá lá a tua idéa, Norberto.

—A minha idéa, senhor abbade, não lh'a dou já. Deixe-me vossa senhoria pensar duas horas, que ainda ha muito tempo. Vou cear alguma cousa, e depois hei de dar uma volta cá p'ra certas congeminencias. Quero ver as entradas e saídas da casa da Fonte. Eu logo vejo por onde elles hão de querer fugir; e ahi é que é atirar-lhe á cara; mas de modo que a gente não fique culpada na morte; porque a justiça não ha de querer isso.

—Que me importa a mim a justiça?

—Pois sim; está visto que o fidalgo tanto se lhe dá como se lhe deu; mas diz lá o outro, melhor é que se não saiba. Deixe-me cá o senhor abbade; que eu gosto de me saír bem das cousas em que me metto, e até agora não me saí mal.

—Pois vae, vae lá fazer as tuas descobertas: mas olha que te não vejam.

—A mim? hão de ter bom olho... Até de manhã ou até logo, senhor abbade. Vossa senhoria vae-se deitar?

—Vou que estou moído; mas assim que fôr dia vem chamar-me.

Norberto ceou e saiu. Foi por casa da mãe e levou-a comsigo. A menos de oitavo de legua demorava o magestoso palacete dos Monizes, levantado sobre o terreno do antigo casalejo.

O amigo de Ricardina mandou a mãe bater á porta. Saiu um creado, perguntando quem buscava.

—Diga ao sr. dr. Bernardo que está aqui a evlha.

O creado ia dizer que não estava em casa o senhor doutor, quando Bernardo o mandou retirar da janella, e disse á velha que esperasse.

Desceu ao pateo e abriu o portão.

—Está alli o meu Norberto que lhe quer falar, senhor doutor—disse a velhinha.

—Vá dizer-lhe que ninguem o vê n'este pateo, e que venha cá.

Emquanto a velha levou o recado, Bernardo subiu, chamou Ricardina, e desceu com ella a tempo que o Calvo chegava com o rosto occulto n'um cobrejão, por debaixo do qual se viam os dois canos da clavina.

—Entra, Norberto—disse Bernardo commovido—aqui tens a tua amiguinha de infancia que te vem agradecer.

Ricardina deu-lhe as mãos, que elle não ousava acceitar nas suas. Forcejou ella por tomar-lh'as, e disse banhada em alegre pranto:

—Como poderei eu pagar os favores que te devo, Norberto!

—Vamos ao caso, fidalga...—disse o creado rossando as palpebras com o punho direito da véstia—Olhem que isto está muito máo. O juiz de fóra vem depois de ámanhã cercar esta casa, porque já chegou ordem de Coimbra para serem todos presos. O senhor abbade, se não vier, manda gente com os milicianos, e olhe que a idéa d'elle é vêr se o matam, senhor doutor, antes de vossa senhoria ser preso. Eu que lh'o digo é que o sei tão bem como estarmos aqui todos os tres. Agora o que

devem fazer é pôr-se ao largo. Toca para Hespanha o mais tardar depois de ámanhã, senão está tudo perdido.

Ricardina tremia, trespassada de glacial terror. Bernardo aconchegou-a do seio e disse-lhe:

—Minha filha, não tenhas medo, que o teu Norberto ainda nos salvou d'esta vez. Entre ámanhã e depois prepara-se tudo, e vamos para Hespanha. Obrigado, honrado homem! Deus te pague com as alegrias de salvar da forca o futuro marido da tua querida menina. Mas olha, Norberto, sabes tu que nos custa deixar-te? Queres tu vir comnosco? queres ser um amigo da nossa familia, um irmão que a tua probidade nos deu?

—Vem, vem, Norberto!—interveiu Ricardina—e deixa á tua mãe e teus sobrinhos o dinheiro que quizeres.

—Tudo que quizeres—confirmou Bernardo.

—Já, não posso ir...—disse o creado—mas, passados alguns dias, lá vou ter onde estiverem vossas senhorias. Acho que ainda sou cá preciso... E, com isto, adeusinho. Não me posso demorar. Andem depressa com os arranjos que não ha tempo a perder. Não deixem nada de valor á vista dentro do palacio, porque o senhor abbade tem lá por casa todos os criminosos e ladrões que não podem ir ás suas terras, á espera da occasião para fazer estardalhaço por essa Beira fóra. Adeusinho, fidalga, até mais ver.

Ricardina e Bernardo abraçaram-n'o. Ao tempo que o cingia ao peito, o estudante introduziu-lhe na algibeira da jaqueta um rolo de dinheiro, que touxera quando desceu com Ricardina.

Norberto fez pé atraz e disse, tirando o rolo:

—Isto que é, senhor doutor?!

—E' de tua mãe e de teus sobrinhos. Se recusares acceitar o que é dos pobres, fazes uma acção má, e quasi um roubo á tua familia.

—Pois, bem haja!—disse Norberto.—Bem pobrinhos são todos!

E retirou-se a depôr nas mãos de sua mãe todo o dinheiro recebido, dizendo-lhe:

—Peça muito a Nossa Senhora que guarde esta boa gente dos seus inimigos.

A familia de Bernardo esperava anciosissima as novidades levadas por Norberto.

O ancião, que ainda ignorava as ameaças que rodeavam os filhos, assim que ouviu dizer que iam fugir, e a casa havia de ficar abandonada ao saque, rompeu em clamores, pedindo a Deus que lhe acabasse a velhice tão amargurada. Aquietaram-n'o as supplicas de todos e as admoestações um tanto severas do filho Francisco, arguindo-o de demasiadamente egoista do seu descanço, quando nada menos que a forca lhe ameaçava os filhos.

Desde logo principiaram a encher bahús com as preciosidades de mais vulto, que eram sacas de dinheiro em ouro, a maxima parte da grande herança, que o velho muito se saboreava de ver amoedada, contando-a e recontando-a com o jubilo não de avaro, mas de pae que deixava riquissimos seus filhos, tão pobremente nascidos e creados.

Ao romper do dia tinham encaixotado a bagagem que devia ser transportada em duas cargas.

O medo estimulava a energia de todos; o velho Moniz, porém, atirára-se desanimado para um velho catre, e continuava a pedir a Deus em silencio que o deixasse acabar na cama onde tinha nascido.

XV

COMO O SENTIMENTO DA GRATIDÃO FEZ UM TIGRE

Uma creada dos Monizes, como désse tino do reboliço de bahús que se arrastavam, fechavam e abriam, e não recebesse aviso nem preceito de calar-se, contou ao outro dia ao seu conversado o acontecido, dando-lhe a entender que os amos ou tratavam de fugir com medo ao senhor D. Miguel ou então iam esconder as riquezas para lh'as não roubar a tropa.

Esta noticia, atravessando em segredo varios ouvidos, chegou aos do abbade ao escurecer, já tão augmentada que lhe disseram estar tudo prompto em casa dos Monizes para fugir de noite.

O padre Leonardo Botelho de Queiroz expediu um urro, e chamou a gritos Norberto e os mais façanhosos réos que tinha refugiados em casa.

—Sois onze homens!—disse elle.—Algum de vossês será tão fraco e cobarde que não se atreva a deitar a

mão aos matadores dos lentes de Coimbra que iam beijar as mãos ao senhor D. Miguel I? Se ahi está entre vós algum que tenha medo, póde retirar-se.

—Quem é que tem medo aqui?—perguntou o Torto, correndo com os olhos os dez companheiros, que pareciam indignados da suspeita aviltadora do abbade.

—Aqui ninguem tem medo!—bradou o João Rolhas de Midões.

—Póde dizer vossa senhoria á vontade o que quer de nós, que estamos ás ordens—accrescentou o Izidro Cambado, esfregando as mãos callosas, que davam o som rispido de duas lixas friccionadas.

Conclamaram todos então com diversos brados as manifestações ruidosas da sua bravura.

O abbade proseguiu:

—Saibam vossês que eu esperava ámanhã, por noite, tropa de Vizeu para prender os Monizes, que mataram os lentes; mas acabo de saber agora que elles fogem esta noite. Se lhes não acudirmos, ámanhã já ninguem os pilha. São vossês capazes de os prender?

—Somos! e é já!—saíram varias vozes da turba.

—Se os prenderem—continuou o padre—o governo do senhor D. Miguel ha de saber pagar o serviço que fazem á moral publica, ao throno e ao altar. Os que tiverem crimes, serão perdoados, que lh'o prometto eu, e além de perdoados eu os gratificarei liberalmente.

—Está dito!—ulularam os benemeritos das promettidas graças e mercês.

—N'esse caso vão cear, e armem-se.

Retiraram para a cozinha, a fóra Norberto Calvo que ficou, obrigado por um aceno que lhe fez o amo.

—Rapaz!—disse-lhe o abbade, pondo-lhe a mão no hombro—entrego-te o commando d'esta gente. O que hontem dissemos a respeito do Bernardo, torno a repetir-t'o. Lá tu, como cousa tua, diz aos de Midões que lhe atirem a segurar. O Frazão e o Torto já sabem que a minha vontade é essa. Confio de ti o bom resultado da empresa. Vossês são onze: e elles, além de não serem tantos, nem tem armas nem estão prevenidos. Vae á adega, e distribue agua-ardente pelos homens, para que vão bem quentes.

—Não é preciso mais nada, fidalgo?

—Mais nada.

—E se os homens quizerem roubar a casa?... Vossa senhoria bem sabe que tudo isto são ladrões de estrada...

—Deixa-os lá: não te importe com isso. Eu não quero saber lá do que elles fazem.

—Mas, em fim, como por ahi os tem visto cá em casa de vossa senhoria... é mau que elles roubem.

—Lembraste bem, homem! O odio até me cega que não vejo se não a minha vingança... O que eu quero é o sangue do canalha que me roubou a filha do convento e m'a reduziu á sua vil condição, entendes?

—Sim, senhor.

—Vê se tens mão dos homens, caso elles queiram roubar.

—Farei o que puder—concluiu Norberto.

Em quanto os da malta ceavam e segredavam entre si uma visita á burra dos Monizes, que elles traziam desde muito d'olho, Norberto, saltando de varzea em varzea, descalço, e lavado em suor da rapida corrida, foi dizer á mãe que avisasse o doutor de que a sua casa era assaltada á meia noite por dez homens; mas que juntamente com os dez ia elle.

— E não lhe diga mais nada, senão que eu vou tambem — rematou o Calvo.

Bem informado tinha dito o abbade que os Monizes possuiam poucas armas e poucos homens de defesa. Ainda assim eram sete.

O theologo opinou que fugissem immediatamente todos. Contestou Francisco, arrazoando que não havia tempo de carregar bahus, nem, se partissem, evitariam que os salteadores alojados na abbadia, picando-lhes a rectaguarda, se não senhoreassem da bagagem, cuja defesa era impossivel por homens mal armados, contra dez facinoras de officio.

O que a todos affligia era a presença de Ricardina. Bernardo meditava em transferi'-la para casa segura na vizinhança.

Perto d'ali demorava uma familia de lavradores e padres, aparentados com os Monizes. O alvoroço de todos não dava largas a discussões. Ricardina pallida de terror aceitava tudo com tanto que Bernardo se não separasse d'ella. O theologo reduziu-a a dispensar-se da companhia de seu irmão, visto que a falta d'elle perigava muito a defesa da casa. Convieram em sacrificar á ne-

nessidade as lagrimas da senhora. Abraçaram-se os dois soluçando anciadamente.

Saíu o theologo a levar Ricardina e o velho a casa dos padres, cuja amizade e parentesco, sendo capaz de muitas provas, vacilou em tomar conta da filha do sanguinario abbade, cuja notoria fereza os atemorisava, e nem elles sympathisavam grandemente com o procedimento da fugitiva noviça. Sem embargo da repugnancia, deram agasalho ao velho e a Ricardina, recommendando-lhes de antemão o maior segredo, por medo que tinham da colera do abbade.

Quatro irmãos e tres creados eram os preparados defensores. Lembrou o theologo que se tocasse a rebate na sineta da capella, assim que os salteadores fossem presentidos. Approvou-se o alvitre. Accrescentou um velho creado que se incendiassem as medas de palhas que estavam na eira para que as freguezias visinhas acudissem cuidando que era fogo; e argumentavam em pró da sua lembrança dizendo que o povo não acudiria, se soubesse que eram ladrões, e se ficaria a dar tiros lá de longe, soccorro que não valia de nada.

Pareceu excellente o parecer do creado.

Bernardo encarregou-se de fazer sentinella no angulo do muro, onde se abria um mirante gradeado sobre o caminho.

Por volta da meia noite, soou-lhe ao ouvido attento uma toada rumorosa de passos e vozes. Deteve-se até divisar os vultos e o lampejar dos cigarros. Acolheu-se

então a casa, mandou incendiar as medas e tanger a fogo na sineta da capella.

Os salteadores, acaudilhados por Norberto Calvo, estacaram, logo que o rebate e o clarão das labaredas estrugiu e rompeu simultaneamente.

—Ha fogo na casa!—disse Norberto.

—Estamos como queremos!—exultou o Torto.—Elles hão de sair cá fóra, e vem-nos ás mãos como coelhos da toca.

—Salta dentro, rapazes!—disse Frazão.

—Tu é que mandas?—perguntou o Calvo.—O patrão deu-me o governo a mim.

—Então que fazes?—tornou o temivel scelerado, apoiado pelos hospedes do abbade.

—Que faço? estou cá a malucar, que isto não está bom como tu pensas. D'aqui a nada está ahi povo que se não ha de mecher ninguem.

—Isso cá fica por minha conta—disse um dos sicarios de Midões.—Duas balas a cantar-lhe pelas orelhas mettem o povo em casa.

—Aqui não ha generaes nem soldados!—clamou outro da phalange em rebellião contra o absolutismo do commando.—Cada qual faça o que quizer; eu vou por aqui.

E trepando por uma olaia encostada ao muro, saltou das ramadas ao pomar, seguido de todos os seus conterraneos.

Faiscaram duas escorvas nas janellas da casa, e as balas bateram nas parreiras, lascando os caibros.

Os invasores correram a cingir-se com a casa, rodearam-n'a a coberto da espingardaria, e saíram ao eirado onde ardiam as medas.

O rebate continuava, já respondido pelo toque de duas freguezias proximas.

No entanto, os tres creados da abbadia, correndo ao longo da fachada do palacete, entestaram com uma porta estreita, contigua á capella. Os pujantes Frazão e Torto levaram-n'a ás recuadas, quebrando a lingueta da fechadura. Mas, ao entrarem pelo outro lado da eira, afuzilaram tres tiros das janellas, e logo o Torto, saltando para traz, disse que uma bala lhe tinha dado na canella.

E, ao mesmo tempo, avançando enfurecido, bradou:

—E' p'ráqui, rapazes!

N'este comenos, cinco dos de Midões, obedecendo ao conselho de João Rolhas, o mais previsto e afamado em assaltos, remetteram com uma porta, que se lhes figurou a mais fraca. Era, com effeito, a entrada do palheiro. Ao segundo embate as almofadas racharam. Um d'elles metteu o braço, e levantou uma aldraba.

— Não vos disse eu?—gritou o do alvitre. — Atirem fogo cá p'ra dentro, que o palheiro chega ao tecto.

Quatro homens arrancaram gabellas das medas que ainda não ardiam, accenderam-nas nas outras incendiadas, e remessaram o fogo ao palheiro.

Norberto Calvo confrangeu-se até á medula dos ossos.

Entendeu que o palacete ia arder, e os cercados ou

morriam no fogo ou caiam varados de balas, quando saissem.

— Que é do Calvo? — perguntou o Torto ao seu companheiro.

— Disse que ficava a ter mão no povo, que não chegasse para cá.

— Tem medo o valentão — observou o outro rindo. — Olha que chefe nos deu o senhor abbade!...

— Estão aqui estão fóra da lura — disse o Rolhas inventor do incendio. — Agora repartam-se vossês pelas portas da casa... Olha como elles perdem tiros! que bestas! — E notava judiciosamente o de Midões, ouvindo o estampido quasi perpendicular, e o chofrar das balas n'um tanque proximo, onde se espelhavam as labaredas das medas.

O que fizera a zombeteira observação caíu fulminado por um pelouro que lhe vasou o ventre. O tiro não podia ser feito de cima. A pontaria vinha fronteira.

— Olha que nos atiram do lado d'além! — disse Frazão, apontando para um arvoredo mais entenebrecido aos olhos d'elles, approximados das fogueiras. — Já por ahi está povo!

Correram cinco em direcção do bosque. Não viram nada.

Norberto Calvo internára-se entre uns choupos, a sevar um dos dois canos despejados da sua clavina. Estava contente da pontaria; mas o coração retalhava-selhe a cada lufada de fumo que golphava das frestas do palheiro.

Cuidava elle que Ricardina estava alli; e, em meio dos impetos ferozes que lhe saíam á flor da cara em suor de sangue, pedia á Virgem do céo que salvasse a sua ama.

Já não eram rolos de fumo, senão de chammas, que iam rompendo o sobrado do primeiro andar, estalando os fechaes, os barrotes e o vigamento.

Os Monizes e os creados estavam no segundo pavimento, e só déram tento do fogo quando a fumarada toldou o ar e lhes offegou a respiração. As serpentes de lume, já enroscadas nas alfaias do primeiro andar, medravam nas tintas e oleos, crepitando.

A's vezes, cuidavam que as portas fendidas a machado abriam fenda ao roldão dos invasores. Enganavam-se. Era o fragor dos moveis a ruirem nas lojas, assim que as traves estallejavam.

Os sinos tangiam sem cessar; mas o povo, aconchegado em grupos, nos pontos mais eminentes dos arredores, a cada surriada de espingarda ria, lembrava-se dos seus filhos, das suas mulheres, do socego das suas casas, e recuava até ganhar outro ponto de observação menos arriscado. Ainda assim, os mais audazes despejavam as suas caçadeiras, gritando: *acudam! acudam!*

Os salteadores respondiam enviando lá para o escuro de onde vinha o alarido balas não de todo perdidas; porque o silvar de um pelouro nas ramagens do arvoredo era que farte prova de não ser desprezivel o soccorro, visto que os ladrões o temiam. Entretanto, debandavam os aldeãos, como se desdenhassem da victoria.

O posto dos assediados èra só comparavel, na afflicção, ao de Norberto Calvo.

Bernardo Moniz foi de aviso que rompessem todos ao portão, e arrostassem com os salteadores.

— Morrer queimados—dizia elle—ou morrer a tiro importa o mesmo!

—Vamos sair; mas não juntos—obstou o medico.— —Abram-se a um tempo as seis saídas da casa, e cada qual rompa, não contra elles, que são muito; mas vamos chamar o povo, que ha de soccorrer-nos em nos vendo fóra. Salvemos as vidas; mas não esqueçamos que estão ahi quatro bahús com toda a nossa fortuna!

—Depressa, que d'aqui a pouco estamos asphixiados! —exclamou Bernardo.—Quem me dá balas?

—Temos polvora sómente—disse o padre, e apontando para os tres creados, continuou: Estes homens déram mais de cincoenta tiros ao ar. Eu bem lhes dizia...

—De que nos servem as balas?—tornou Francisco Moniz.—A nossa salvação é fugir, não é atacar.

N'este lance, ouviram um grande tropel de quem subia a escada de communicação para a parte da casa por onde as linguas de fogo já espadanavam nas hombreiras das janellas.

—Ahi estão!—exclamou o theologo.

—Fidalga! fidalga!—ouviram elles gritar.

—E' Norberto!—disse Bernardo Moniz.

Era. Era elle, atabafando o lume pegado na jaqueta e esfriando com as mãos as longas barbas crestadas.

—A fidalga?—exclamou elle.

—Não está aqui—disse Bernardo.

—Está fóra?

—Está.

—Que fazem os senhores?—voltou o Calvo, sacudindo os braços freneticamente, e batendo com a coronha da clavina no taboado.—Querem aqui morrer? Que diabo de defesa foi esta? Porque não saíram logo que pegou o fogo? Saiam, saiam, pelo amor de Deus ou do diabo!

—E' o que iamos fazer—disse o medico.—Vão abrir-se as portas, para não sairmos juntos; parece-te o melhor?

—Vá então, depressa; que por este lado já mal se póde sair.

—Temos outras portas.

—Então, repartam-se — clamou Norberto. — Senhor Bernardo, havemos de sair juntos, por este lado por onde eu vim.

—Mas tu vinhas a arder...—objectou o estudante.

—Vinha; mas não ardi. Cá me entendo. Logo lhe direi por que vamos por este lado. Vossa senhoria atire dois saltos assim que passar pelo fogo. Havemos de sair pela porta da capella, que está a arder. E' já!

Bernardo acompanhou-o, quasi affogado do fumo, e sentindo estalar e gretar lume os degráos da escada. Passaram por um corredor estreito á tribuna da capella, que principiava a esboroar-se pelo tabique divisorio do restante edificio. A fragil porta, em que o artista alar-

deára engenho de lavores, sem olhar á robustez, tinha saltado em rachas, batida por uma especie de catapulta que os inventivos Frazão e Torto amanharam com o cabeçalho de um carro mettido de pontoada á franzina madeira.

— E' por ali! — disse Norberto, apontando a porta e levando comsigo Bernardo.

— Estão lá dois homens...

— Bem sei... são os creados do abbade.

— E eu não tenho arma...

— Nem é preciso. Venha.

O clarão interior mostrou a Frazão e Torto o seu companheiro, que levava pelo braço o raptor de Ricardina.

Exclamava Norberto:

— Rapazes, vinde cá! Aqui está o homem!

Os dois creados, cuidando que Norberto lhes pedia soccorro para o prenderem, entraram, de clavinas aperradas, dispostos a cumprir as secretas ordens do patrão; mas, apenas déram o primeiro passo dentro da capella, Norberto bateu o cão dos dois canos com o intervallo necessario para duas pontarias. O Torto caiu de bôrco, ao mesmo tempo que o cerebro lhe espirrava á face do outro, que se mantinha em pé cambaleando. Fez ainda fogo Frazão. Norberto expediu um rugido, e cresceu sobre o moribundo, cortando-lhe as veias jugulares a golpes de punhal.

— Foram-se? — disse Norberto, ligeiramente agitado.

— Estou ferido! — disse Bernardo.

— Aonde?

—N'este hombro direito.

—Não ha de ser nada. Póde saltar o muro?

—Talvez possa.

—Se não puder, vae ás minhas costas.

Atravessaram o vasto pateo. Os demais salteadores tinham corrido a defender as saidas do outro lado. Ninguem os viu.

Chegados á parede, Norberto perguntou a Bernardo:

—Sabe ir d'aqui para casa de minha mãe?

—Sei.

—Vá de rastos, se fôr preciso, para que o não vejam. Vossa senhoria está perdido, se o abbade sabe que ficou vivo. A senhora D. Ricardina ha de sabe'-lo, e mais ninguem. Fuja por esse mundo fóra, senão a justiça agarra-o. Olhe que eu tinha ordem de o matar, e vou dizer que o vi morto. Se o senhor doutor não estivesse ferido, ia já por ahi fóra até Hespanha; mas é preciso curar-se; e a justiça vae dar com o senhor em casa do diabo. Bata á porta de minha mãe, que ha de estar a pé, e diga-lhe que o esconda, que eu ámanhã, assim que puder, lá vou vêr essa ferida.

Dobrou-se Norberto rente com a parede. Bernardo subiu-lhe ás costas, e foi-se alteando ajudado pelo apoio. Vingou dobrar a parede, saltou e foi caminho da arribana.

Assim que o sangue lhe arrefeceu, Bernardo insinuou a mão esquerda entre o seio e a camisa, para sondar o tamanho da ferida. Encontrou banhada em sangue uma medalha, em que se moldurava o retrato de Ricardina.

O contacto do sangue, coagulado na frescura do metal, coou-lhe ás entranhas um estremecer de superstícioso pavor.

—Não te verei mais, Ricardina?—disse elle entre si.

E de ali até á choupana, nem imagem de irmãos, nem de pae, nem o esplendido horror do incendio lhe travaram da alma.

Não pensou se os irmãos estariam em lucta com os assassinos, se o pae viria caminho das ruinas para lhes abraçar os cadaveres.

Via Ricardina; e parava a instantes, perguntando á desvairada alma:

—Porque não hei de ir eu busca'-la?

XVI

E O SOL NASCIA FORMOSO!...

Desandando para o lado do edificio, onde os de Midões discutiam o modo do saque, e vigiavam as avenidas, Norberto exclamou:

—Rapazes, um já está morto na capella! O Bernardo já vos não faz mal; mas o Frazão e o Torto lá ficaram a escutar a cavallaria! O homem era tezo, que mandou os dois ao inferno! Vossês tenham cuidado comsigo, que os Monizes são de má raça. Tres dos nossos já lá vão!

—Não ha de ficar vivo nenhum d'elles, ou eu não sou o Isidro Cambado!

—Fiquem vossês, que eu vou dar uma vista a certa porta que não está guardada—recommendou Norberto.

E, desviando-se cosido com as paredes vasadas de lavaredas e catadupas de faiscas, internou-se no arvoredo, d'onde a sua fiel clavina cuspira a primeira bala com tão terceiro fito.

Corridos alguns segundos, abateram tecto e paredes da capella atroadoramente. Norberto esperava ancioso aquelle effeito previsto, para poder asseverar que Bernardo Moniz jazia soterrado no entulho. O contentamento redobrou-lhe as delicias de se estar agachado entre dois troncos de carvalho com a clavina á cara, espiando o lanço de proteger a fuga dos cercados.

Escancararam-se a um tempo as portas, sobrepostas a tres patins que ornamentavam com symetricas escadarias o portal do palacete. Assim que o primeiro vulto assomou no limiar, deu tento Norberto que dois tiros o fizeram recuar; se vivo, se morto não poude elle entrever. Ao mesmo passo, pelas outras portas sairam quatro vultos, a grandes saltos em direitura ao bosque, onde Calvo se entranhára.

Por entre elles principiou então o salvador de Bernardo a cortar nos perseguidores dos fugitivos com tal destreza e olho, que os mais dianteiros, encontrados pelos zagalotes que lhes batiam no peito, fizeram pé atraz, duvidando entrar no escuro, onde lhes relampagueava o afuzilar das escorvas.

O theologo, outro irmão, e tres creados julgavam-se já cortados pelo fogo que lhes saía da carvalheira, quando Norberto lhes bradou:

—Fujam, que sou eu!

—Meu irmão Bernardo?—perguntou o theologo.

Norberto, para que os creados o não contradissessem, respondeu:

—Ficou morto.

A' volta de um dos feridos no seguimento dos que fugiam, juntaram-se todos os outros. E' que Isidoro Cambado, arrancando a repellões o colete reçumado de sangue, rugia:

—Mataram-me?

Norberto sahiu da moita, rodeou por longe e surgiu no angulo da casa por onde se escapulira.

—Cá pelo meu lado ninguem se pirou!—bradava elle.—E vossês deixaram-nos ir?!...

—Com dez milhões de diabos!...—bramiu raivoso um de Midões.—Já morreram quatro! Anda ver o Isidoro Cambado que está a expedir!

Norberto abeirou-se do grupo e observou:

—Bem vos dizia eu, que isto não estava bom! Ora aqui tendes!... Morreu só um d'elles!...

—Dois!—emendou um dos cinco de Midões.

—Então que é do outro?—perguntou o Calvo.

—Ha de lá estar dentro d'aquella porta—e apontou para o patim contra o qual atiraram, assim que assomou o primeiro vulto.—Se eu lhe não metti a bala na arca do peito, venha já um raio que me parta!

Norberto galgou as escadas e viu, á brilhante lumieira das traves accesas, o cadaver de Francisco Moniz. Desceu vagarosamente e disse com mal dissimulada pena:

— E' verdade... Lá está morto o medico... Agora que querem d'aqui? Vamos embora. A casa parece-me que está sem folego vivo. Ou vossês querem ir lá dentro? Arranjem agora a ficar debaixo das paredes que é o que falta... Eu cá de mim vou-me esgueirando. Leve o diabo a empresa! Ora vejam se, á conta de matar o Bernardo, valia a pena deixarmos mortos quatro homens valentes como torres! Do Frazão e do Torto não fica no mundo casta! Em fim, o senhor abbade assim o quiz... Agora tomem o meu conselho... Os que fugiram podem cahir sobre nós com o povo, e não nos deixam uma orelha, que nós somos já poucos e não temos provimento. Os sinos lá tornam a tocar, rapazes... Pisguem-se!...

Conspiraram todos no applauso da retirada proposta.

Ao repontar do dia, chegaram centenares de homens armados. Encararam despavoridos no local onde horas antes tinham visto o palacete dos Monizes. Era um acervo de ruinarias, entre as quaes os creados procuravam os cadaveres de dois dos seus amos: que do mais velho e do theologo sabiam elles que uns lavradores os tinham recolhido, dando-lhes enxergas onde se atirassem a chorar.

A' mesma hora, Ricardina Pimentel, cedendo ao medo clamoroso dos padres em cuja casa a hospedaram, aceitou o violento alvitre de acolher-se á Reboliça onde sua

irmã e parentes não corriam perigo de serem atacados tambem pelos incendiarios. Os padres aventaram logo que o assalto era vingança do cruel abbade, e inferiram acertadamente que sorte egual e provocada lhes poderia decretar o rancoroso pae de Ricardina, sabendo que elles a tinham asilado e furtado ás suas iras. Por sobre isto, já os padres sabiam que de Vizeu ia sahir tropa em busca dos Monizes, accusados de assassinos dos seus honrados mestres. Não havia piedade que resistisse a tantos impulsos para guarda e salvação de suas pessoas, tendo elles, de fóra parte, em conta de deshonesta a sua hospeda.

Por tanto, compelliram com razões e phrases agastadas D. Ricardina a buscar refugio na protecção de Eugenia.

Foi a pobresinha. Levaram-n'a. Ia tão areada, tão sem siso e sem consciencia da sua desgraça, que não ha ahi compara'-la senão a padecente que se deixa levar sem accordo e já sem sentimento para a estrangulação do patibulo. D'alli em diante, a demencia ou a morte; se lhe não estivesse reservado o maximo supplicio: a vida com a razão.

A casa da Reboliça distava do incendio tres quartos de legua. Ao entreluzir da manhã, Eugenia, marido, e cunhados ainda contemplavam os rolos denegridos de fumo, relampadejando a espaços uns vasquejos arroxados. Da velha torre solarenga, onde tinham subido, viam os differentes caminhos convergentes ao espaçoso terreiro da casa, e n'um d'elles enxergaram dois vultos a cavallo.

—Vem gente acolá...—disse Eugenia.

—E' verdade—confirmou o marido.—Lá vem uma mulher... não te parece?...

—Tem geito d'isso...

—E' provavelmente o filho do Silvestre e mais a mulher, que vem fugindo. Vou ao portão.

—Vou comtigo—disse Eugenia.

Quando abriram a porta, já Ricardina descia das andilhas amparada nos braços do padre que a acompanhava.

—Ah!—exclamou a esposa de Luiz Pimentel, reconhecendo a irmã.—E's tu, Ricardina? D'onde vens! como estás aqui, desgraçadinha!?

A interrogada não respondeu nem se lançou nos braços da irmã que parecia obedecer ao amoroso impulso de abraça'-la. Quedou-se immovel, com os braços cahidos, e os olhos no chão a borbulharem lagrimas. A palavra *desgraçadinha,* proferida por sua irmã, soou-lhe como insulto contrafeito em piedade.

—Ricardina!—voltou Eugenia, tomando-lhe as mãos frigidissimas.—Não me respondes? D'onde vens?

O padre entremetteu as suas explicações:

—Esta senhora—disse elle em conclusão de comprido azanzel—em minha casa não estava segura, se o pae soubesse que lá parava. Vossas senhorias bem sabem—proseguiu voltado para Luiz e para o velho irmão de Clementina—que o senhor abbade de Espinho não é homem de meias medidas, e melhor é ter por inimigo o diabo e não elle. Era capaz de mandar-me arrasar a

casa, á conta de eu recolher esta senhora... Emfim, acompanhei-a até aqui. Não póde estar em melhor casa e em melhor companhia. O senhor abbade respeitará vossas senhorias; e aos pobres padres filhos de lavrador é capaz de os fazer em postas. E que gente elle lá tem azada para o effeito! O Rolhas, e o Cambado de Midões, não falando no Norberto Calvo que é capaz de dar um tiro em Nosso Senhor Jesus Christo!...

Ricardina levantou os olhos contra o padre, e abaixou-os sustendo a custo o impulso que a instigava a defender o protector de Bernardo.

Eugenia, ouvidas as explicações, olhou para Luiz Pimentel.

—Bem. Queira entrar, prima Ricardina—disse elle. —Depois veremos o que hade fazer-se em seu beneficio.

O padre deu de esporas, contente do desimpêço da *deshonesta*.

Eugenia tomou o braço da irmã e conduziu-a a uma saleta onde Luiz as seguiu.

—Como estava a prima Ricardina em casa de Felisberto? Nós cuidavamos que tivesse ido para Coimbra... —disse Pimentel.

—Vim de Coimbra antes de hontem—respondeu a cunhada.

—Com Bernardo Moniz?

—Não.

—Seria certo, como dizem, ser elle um dos assassinos dos lentes?

— E' mentira.

— Mas ha ordem de prisão em Vizeu para elle e para or irmãos.

Ricardina rompeu em pranto desfeito, pedindo ao primo que lhe soubesse alguma cousa de Bernardo.

— Mas elle está na casa da Fonte? — perguntou o primo.

— Sim, está.

— E quando chegou?

— Antes de hontem á noite.

— A prima está casada com elle?

— Ainda não — respondeu Ricardina.

— E' admiravel!... — tornou Luiz. — Um homem de tal nascimento que esperava? A senhora D. Ricardina estaria no caso de ser a manceba de um filho de Felisberto da Fonte?! Agora comprehendo o motivo da vingança de seu pae... O que Bernardo immediatamente devia fazer, se fosse homem de tino e de coração, era, á custa de muitos contos de réis, casar-se com a senhora, para evitar desgraças e escandalos; ir a Roma, se fosse necessario, e pedir ao santo Padre que os casasse...

— Não se trata d'isso agora... — atalhou D. Eugenia, compadecida do angustiado aspeito da irmã. — Olha se mandas algum creado indagar o que se passa... E' impossivel que os Monizes não fugissem de casa assim que principiou o fogo!...

Luiz Pimentel saíu da ante-sala, e encontrou fóra o pae, que lhe disse mal encarado:

— Não nos convém cá esta mulher!... Vês o exemplo na casa dos Monizes? Pois conta com o abbade á frente dos salteadores, assim que lhe rosnar a estada da filha aqui. Vae cuidando em muda'-la, que eu testilhas com o pae não as quero, e principalmente agora, que elle levanta comsigo trezentos homens na Beira, se quizer.

— Mas que se ha de fazer a esta pobre senhora, que de mais a mais é minha cunhada e sobrinha de meu pae?...

— Não sei; não quero saber. O que tu sabes é que o abbade nos ameaça; e, logo que se lhe abra occasião, vinga-se de ti que o trataste mal, e havemos todos de pagar os teus arrufos. Ora faze de conta que o Bernardo Moniz, á conta de estar aqui tua cunhada, se nos mette pela porta dentro!

— Isso de modo nenhum!—protestou Luiz Pimentel. —Mando-o escorraçar pelos lacaios se cá vier... Mas o pae cuida que elle, se escapasse hoje, põe mais o pé n'estes sitios? Das duas uma: ou se desterra, ou se deixa enforcar...

A ponto chegou um creado dos Pimenteis, que vinha de espreitar de longe o incendio e a peleja na casa da Fonte. Contou o que ouvira dizer aos convizinhos dos Monizes: que o entulho da capella sepultára tres cadaveres; que no eirado estavam dois, e outro n'uma loja de todo carbonisado, sendo um dos mortos Bernardo, e o outro Francisco Moniz.

Pimentel subiu a informar a esposa; mas tão sem

piedade da cunhada falou em voz alta, que Ricardina, attenta ao minimo rumor, escutou e ouviu.

— Que foi? — exclamou ella correndo em vertiginosos saltos para o primo. — Mataram o Bernardo? que disse ahi, primo?... Mataram-n'o?

— E' o que me contou agora um creado que vem de lá — respondeu placidamente Luiz.

Ricardina expediu, uns após outros, espantosos gritos, sem palavra articulada. Remessava-se de impeto contra as portadas da janella, impulsada pelo intento do suicidio. Retrocedia repuxada por Eugenia, cujos braços cediam ao debater-se frenetico da irmã. Luiz Pimentel, mais cauto que condoído, pedia-lhe que não désse tamanhos brados. A infeliz não dava tento da observação: sobejava-lhe inferno para que em sua alma não coubesse mais aquelle espicassar affrontoso do barbaro que a mandava suffocar os gritos. Eugenia fitava o marido com reprovador silencio, quando elle tregeitava em signal de aborrecido de taes lastimas. Sebastião Pimentel bufava de raivoso contra a vergonha de se estar carpindo em sua casa a envilecida amante de Bernardo Moniz, do filho de Felisberto da Fonte, do antigo pastor de cabras... que lhe rejeitára sua filha Mathilde.

Quem não viu, nem quiz ver Ricardina foi Carlos Pimentel, o noivo repellido. Ouvia-lhe os clamores, e fechava os ouvidos para não lh'os ouvir. E' que em sua alma, onde uma vez se abrira a imagem de Ricardina, sombra de outra imagem, não pudéra ainda delir-se-lhe a saudade.

Caiu alfim succumbida. Já não se lhe ouviam sequer os soluços. Devia de estar exulcerado aquelle seio que espirára fogo. Caíu aos pés da irmã que a não poude amparar no baque. Levantaram-n'a sem accordo. As faces estavam frias; mas as lagrimas deslisavam ardentes do rescaldado sangue que lhe arfava nas veias do colo.

—E se ella morria...—exclamou Eugenia lavada em lagrimas...

—Era uma felicidade para ella e para nós—disse de si comsigo Luiz Pimentel.

Desculpe-se-lhe o mental soliloquio.

Luiz sobre ser descendente de D. Ordonho I, rei das Asturias, tinha-se em conta de provavel herdeiro do abbade de Espinho, quer o sogro morresse de uma apoplexia, quer de uma bala—morte provavel no juizo do genro.

O acabar-se alli Ricardina forrava os Pimenteis de uma vergonha, e, peor ainda, de uma co-herdeira.

Não condemnemos os pensamentos de ninguem, antes de os examinar de raiz.

Olhemos antes para o céo d'aquelle dia 26 de março de 1828.

Que formoso nascia o sol! que chilreado de aves, e perfumado das auras pernoitadas nas urnas das flores!

Se ha de cuidar-se que o creador d'aquella manhã tinha sido o mesmo que fizéra as trevas e os homens da noite passada!

XVII

ENTRE A DEMENCIA E A MORTE

—Conta-me lá isso outra vez, Norberto!—dizia o padre Botelho de Queiroz, fechado com o caudilho da jolda no seu quarto.—Então tu mesmo viste...

—Saberá vossa senhoria que vi com estes dois o Bernardo a descer as escadas de dentro da capella... sim, as que vem do côro...

—Bem sei, e n'essa occasião o Torto...

—E o Frazão, que estavam á espreita, cresceram sobre elle. O que eu ouvi cá de fóra foi quatros tiros ao mesmo tempo; e, quando entrei lá dentro, estavam todos tres mortos. D'ahi a pedaço desabou o tecto e as paredes da capella, e lá ficaram enterrados todos. O entulho tem mais de seis palmos sobre a soleira da porta. Olhe, meu amo—continuou o Calvo, cossando a orelha direita—o que me levou dos diabos foi ser elles e não eu que matou o tal Bernardo...

—Em fim, o que eu queria fez-se; e a ter elle de matar alguem, antes aos outros do que a ti, que sempre foste o meu homem.

—Isso são favores; mas o que vossa senhoria quizer de mim, inda que seja ir ao inferno e voltar...

—Bem sei, rapaz... E tambem viste o medico?

—Lá estava todo queimadinho como um carvão...

—E os outros? Esses não se lhe põe mais olho...

—Sim, a esta hora onde irão elles?

—Agora, sabes que tens de me fazer um grande serviço?

—A's ordens, meu amo!

—Has de ir a Coimbra saber onde pára a senhora D. Ricardina.

—E vossa senhoria ..

Norberto conteve a pergunta, por temeroso de imprudencia.

—Que ias tu dizer?

—O que quer que eu lhe diga á senhora?—emendou elle o impulso de perguntar o que queria á fidalga.

—Quero que lhe digas cousa nenhuma. O que tu vaes é saber onde ella pára; que eu depois lhe direi onde ella ha de ir parar. A *Casa da estôpa,* no Porto, fez-se para as perdidas da laia d'ella.

Norberto fitou o abbade, e baixou os olhos coriscantes que podiam atraiçoa'-lo.

—Quando quer vossa senhoria que eu parta?

—Já, almoça e vae. Monta no macho russo, que é mais andador.

Norberto recebeu as ultimas ordens e partiu para Vizeu.

Andada uma legua, encontrou os milicianos, cujo alferes lhe perguntou d'onde era.

—De Espinho,—disse elle—sou creado do senhor abbade.

—A casa da Fonte é perto de lá?

—Muito perto. Os senhores, ainda que eu seja confiado, vão prender o Bernardo Moniz?

—Que lhe importa a vossê?!

—E' que se vão a isso, escusam de ir, que elle foi morto a tiro esta noite.

—Por quem?

—Lá por uns homens.

—E o Francisco estará lá?

—Tambem morreu.

—E o padre que tambem era estudante?

—D'esse ouvi dizer que fugiu.

—A diligencia ha de cumprir-se até voltarmos com a certeza do que este homem conta—disse o meirinho geral ao alferes.

—Passem muito bem—concluiu Norberto.

Chegou a Vizeu. Pôz o macho na mangedoura, comprou unguentos em uma botica, e por atalhos da serra foi a casa de sua mãe.

Era meio dia.

Bernardo Moniz estava sentado na enxerga da velha, que lhe lavava o ferimento: era superficial, bom de cicatrisar sem intervenção cirurgica.

Norberto, depois de exordiar incutindo animo no seu amigo, contou-lhe o restante da tragedia, quanto ao irmão assassinado. De Ricardina disse-lhe que não pudera saber nada. Referiu-lhe o encontro que tivera com a tropa, e terminou d'este modo:

—A ferida não presta. Vossa senhoria esta noite faz

jornada, e vae para Hespanha. Tenho ás minhas ordens o macho em que o patrão me mandou a Coimbra saber onde está a fidalga, porque a quer mandar para a *Casa da estôpa*. Logo que o senhor doutor esteja em Hespanha, volto para casa, e digo ao abbade que ninguem me deu novas da senhora. Depois, mando recado á fidalga, e digo-lhe que se prepare que a vou levar ao senhor doutor. Vou á cavallariça, apparelho dois machos, e por aqui me sirvo. Logo que chegarmos á raia, mando os machos ao dono, e boas noites... Lá vou para onde vossas senhorias forem.

Bernardo, no apogeu da commoção, beijou as barbas grisalhas de Norberto, e quasi caiu de joelhos diante do incansavel valedor, que tantas vezes torcera e partira o grilhão de ferro que o chumbava á sepultura.

Ao cerrar da noite, Norberto voltou a Vizeu, apossou-se do macho e voltou a logar indicado na estrada de Moimenta. Era nado o sol quando chegaram a Moreirinhas, e ao cair da noite estavam na Praça d'Almeida.

De madrugada, Bernardo passou a fronteira, e Norberto voltou a Vizeu.

Chegado á abbadia, saiu-lhe ao encontro o padre, exclamando:

—Perdeste o tempo: não podias saber nada...

—Nada, meu amo.

—Ella, a perdida, estava em casa dos Pimenteis...

—Como assim?—acudiu sinceramente espantado o Calvo.

— E' o que te digo: de casa dos Monizes passou para a dos padres do Sobral, e de lá para a Reboliça.

— E agora?

— Já os mandei avisar que lá vou busca'-la pelas orelhas, e que se preparem para uma festa como a dos Monizes.

— Oh! c'os diabos! que franciscanada! — exclamou o creado, revolvendo no espirito os recursos do seu tão afortunado engenho.

— Quando é a péga? — perguntou elle.

— Ainda não sei: estou a ver o que os Pimenteis fazem de hoje até ámanhã. Se m'a entregarem, vae d'alli debaixo de prisão, com um official de justiça para o Porto; se não, vamos a elles, que chegou a hora de saldar contas.

— A elles! — concitou Norberto, esfregando os joelhos.

— Esta gentalha de brazão e sem brazão ha de afinal saber quem são Botelhos de Queiroz — bradou o padre. — Roubaram-me as filhas? perverteram-m'as, fizeram-lhes odioso seu pae que as enriqueceu? Pois bem: hão de pagar-m'as caras elles e ellas. Em quanto eu tiver gotta de sangue, hei de cuspi'-lo na cara de quem envergonhou a minha. Olé, se hei de!... Eu sou Botelho de Queiroz, por pae e mãe. Vão a Amarante saber como até as mulheres da minha familia se vingam...[1] Os

[1] Alludia ao caso escripto nas genealogias de Queiroz. Foi uma senhora que amou um primo e depois amou outro primo, com quem se contractou em casamento, infrigida a palavra dada ao primeiro. Este desbocou-se malsinando a honra

covardes, se começarem n'esta illustre linhagem, não ha de ser por mim.

Norberto era auditorio indigno do tragico monologo. Esbugalhava os olhos a ver se lhe atinava com o intento, ou, mais sobre o certo, imaginava o que havia de fazer para arrancar Ricardina de casa dos Pimenteis.

O que mais lhe urgia era poder falar-lhe ou conseguir que a mãe a visse. Aproveitado o lanço favoravel, enviou a velha á Reboliça.

Era já noite.

A velha voltou dizendo que todas as portas estavam trancadas.

Norberto saíu, fóra de horas, e affoutou-se a vizinhar das solarengas torres dos Pimenteis, afortalezadas com duas peças de artilharia e suas atalaias que sobre-roldavam, na incerteza do ataque. A distancia de vinte passos trovejaram-lhe um *quem vem lá!* Como elle não respondesse, silvou-lhe uma balla por cima da cabeça, escodeando a cortiça de um sobereiro, cujas lascas lhe rossaram as barbas.

Desanimou Norberto Calvo, e retrocedeu dizendo entre si:

— Se estes diabos me matavam, quando eu ando aqui só para fazer bem!...

---

da perfida, e ella, para se forrar a maiores incommodos e não andar com ditos para cá e para lá, matou-o a tiro. O abbade de Espinho gostava muito de ser descendente d'esta façanhosa dama.

Ao outro dia, Sebastião Pimentel, intimados os caseiros para guarnecerem a casa, enviou um mensageiro ao abbade com a seguinte nota: «Que D. Ricardina de «Queiroz já não residia n'aquella casa. Que o entrega«rem-na a um pae cego de odio seria acção reprovada e «indigna de Pimenteis. Que o conservarem-na, tambem «impugnava ao seu pundonor. Pelo que, deliberaram «envia'-la para mais de cincoenta leguas de distancia, e «tomavam a seu encargo dar-lhe os necessarios alimen«tos, no mosteiro onde ella provavelmente ia recolher«se. Dito isto, concluia Sebastião Pimentel, as provi«dencias estão dadas para resistir aos assaltos, venham «elles d'onde vierem, já que a fidalguia de certos ho«mens os não embaraça de ameaçarem de morte os seus «proprios parentes.»

E em testemunho de verdade, assignavam os tres Pimenteis, pae e filhos, o cartel enviado ao neto da senhora de Amarante que matava homens a tiro.

Norberto Calvo rodeava anciadissimo o patrão, esperando palavra que o illucidasse.

O abbade concentrou-se ponderando o appello feito á sua clara geração, e sentiu-se brandamente descido da contradictoria soberbia de seus foros.

Não respondera ao mensageiro; mas despedira bem galardoados os paladins da sua honra, enviando-os a Midões, com promessas de os proteger diante d'el-rei nosso senhor, e redimi'-los das culpas que os traziam transmontados e a corço.

De feito, Ricardina, sem leve constrangimento, acceitou o destino que sua irmã lhe offereceu; porque bem sabia ella que, passado algum tempo, por força tinha de fugir d'aquella casa para esconder os signaes da maternidade. Eugenia, subordinada pelo sogro e marido, aconselhou-a a recolher-se n'um mosteiro de Lisboa, onde as suas desventuras seriam sempre ignoradas, se ella as occultasse, como lhe convinha. Prometteram-lhe recursos para viver largamente, e quantas diligencias pudessem para que o pae lhe perdoasse e a readmittisse á sua estima. Tudo agradeceu Ricardina: tudo lhe parecia melhor do que a presença de seu cunhado, e as lastimas do tio, que se apercebia de gente e balas, sem comtudo espancar o medo de morrer queimado e entulhado nas ruinas do seu solar.

Quando Norberto ouviu o zumbido do pelouro, já Ricardina levava duas leguas andadas, caminho de Lisboa. Acompanhava-a o velho capellão dos Pimenteis na liteira, auctorisado a enclaustra'-la no mosteiro mais ajustado ao intento, combinando-se em Lisboa com o seu sollicitador de causas, sujeito com familia, em cujo gremio Ricardina havia de ser depositada, sem dizer de quem era sobrinha, para obstar a esclarecimentos prejudiciaes á dignidade de todos, e á admissão no mosteiro.

Nem esta condição ignominiosa rebateu a quebrantada senhora.

Ha uma especie de insensibilidade, que a meu juizo, é o existir intermedio da demencia e da morte. A noite,

que se faz na alma, não tem orvalho de lagrimas. Sente-se o peso do coração, é bronze que está dentro a estalar as fibras sobre que pesa; mas palpitações não dá nenhuma. O espirito estremece de agonias, que mais parecem paroxismos do arranque final que dilacerações moraes. N'esta rara especie de desgraça, os enfermos estão sempre inclinando-se machinalmente para a terra, a cuidarem que a terra lhes entremostra o leito do repouso eterno. Tanto lhes faz Deus como lhes fez até áquelle derradeiro degrão, d'onde não ha olhos que o contemplem. A Providencia perdeu já a força de se fazer sentir. Os que ahi chegaram já tinham visto a sua fé conculcada a pés de verdugos, que se dispensavam de temor divino ao apertarem a corda da asfixia. Se o morrer é beneficencia celestial, não ha ahi outra por amor da qual os desamparados devam pôr as mãos agradecidas. Os que não blasphemam, chegados tão abaixo, são anjos. Perdoem-me as pessoas muito espirituaes, se eu creio enganadamente que a santificação começa na hora em que o padecer amordaça a oração nos labios, e da tempestade interna já nem sequer relampeja esperança do céo, nem reverbero das fogueiras inconsumptiveis do inferno.

XVIII

O QUE FEZ A IGNORANCIA DO ESTYLO FIGURADO

Perdida a esperança de averiguar o destino de Ricardina, enviou Norberto sua mãe á raia de Hespanha, a uma terra chamada *Espejo,* onde Bernardo Moniz pactuára esperar-lhe o filho. O itinerario e instrucções da mensageira eram procurar *Paulo de Campos,* que assim se nomeára desde Almeida, o estudante, e dizer-lhe que D. Ricardina fora remettida a um convento por emquanto ignorado de Norberto; mas que tão depressa lhe descobrisse a paragem assim iria busca'-la, se ella quizesse saír. Accrescentou a velha, de aviso do filho, que o senhor doutor padre Moniz estivera por um nada a ser preso pela tropa de Vizeu por causa da morte dos lentes. Por ultimo, levava-lhe a noticia de ter passado d'este mundo o senhor Felisberto, tres dias depois que soube da morte dos dois filhos e do perdimento da sua casa com tudo o que tinha lá dentro.

Bernardo Moniz ouviu, em pé, de braços encruzados, estas noticias ensartadas umas n'outras á competencia de aniquiladoras. Ouviu e .. viveu. Parece que as differentes lanças se impeciam, porfiando cada qual a primazia de lhe varar de um golpe o coração.

O expatriado tirou de um cinto d'anta algumas peças, e mandou-as pela velha ao filho, com ordem de dispender o necessario com a fuga de Ricardina, se por ventura lhe descobrisse a paragem.

Frustravam-se a Norberto quantos expedientes lhe suggeria o zelo e desesperação de aventar o convento em que Ricardina fôra internada.

A torva mysantropia do abbade não dava ansa a perguntas. D'onde procedia ao sanguinolento clerigo a tristeza é mysterio. Abysmos de certas almas são inescrutaveis. Onde não côa a luz do céo é tudo trevas a entendimento de homem. Se o exulceravam as serpes do remorso, ou o queimavam sêdes de vingança maior, são theses que demandariam interroga'-lo a elle. Ninguem ousava. Norberto, se alguma vez aventurava palavras vagas, respeito ás ruinas do palacio, quer perguntando se ainda ninguem mechera no entulho, quer indagando quem tomaria posse dos bens dos Monizes, não vingára tirar-lhe resposta animadora de outras perguntas.

Um dia, porém, o Calvo arrojou-se a cortar direito através de medos e respeitos, perguntando ao abbade:

— Que será feito da fidalga?

— Que fidalga?

— Da senhora D. Ricardina?

— Essa mulher morreu! Não me fales mais n'ella se queres continuar n'esta casa.

— Morreu! — exclamou Norberto, pondo as mãos.

O padre voltou-lhe as costas.

O rustico não entendèu o figurado da resposta, e per-

cebeu que D. Ricardina realmente era fallecida. Escondeu-se a chorar; mas o odio ao abbade sobrepujava os sentimentos ternos. A indole, n'aquella hora, propendia-o mais ao sangue do que ás lagrimas.

Afogueou-lhe por momentos a cabeça o pensamento de vingar Ricardina, cortando os fios da vida ao implacavel algoz de tantas pessoas; mas d'esse crime inutil o salvou a lembrança de Bernardo Moniz, que o esperava em Hespanha.

No mesmo dia, despediu-se do amo.

— Por que te vaes de minha casa? — inquiriu o abbade.

— Por que não quero servir mais vossa senhoria — respondeu seccamente Norberto.

— Um creado que me serviu vinte e seis annos póde deixar-me!...

— Perdoará, senhor abbade; não tenho remedio senão sair.

— Faze o que quizeres. Creados não faltam.

— Bem sei, senhor abbade.

— Pois se sabes, rua!

— Já cá vou — disse o Calvo, saindo.

Passou por casa de sua mãe, abraçou-a, deu-lhe metade das suas soldadas, e partiu para Hespanha.

Chegado a Espejo, soube que Paulo de Campos saira para Oviedo, e deixára secreto recado para ser lá procurado.

O apparecimento de espiões portuguezes nas frontei-

ras de Hespanha motivára o internar-se nas Asturias o estudante, deixando o aviso do seu destino a um hespanhol liberal que o julgava emigrado politico.

Em Oviedo o encontrou Norberto dirigido pelas informações do hespanhol, a cujos parentes Bernardo fôra recommendado.

— Ricardina?! vens sem ella, meu amigo?! — exclamou o foragido.

Norberto encarou-o com a cabeça altiva, e disse vigorosamente:

— Vossa senhoria é homem?

—Se sou homem! porque me fazes semelhante pergunta!?

—Tem animo?

—Tenho!... que vaes dizer-me?

—Olhe lá! eu gosto de um homem, que este, ainda que todos os diabos do inferno se levantem contra elle, não dê de si! Nas occasiões é que se mostra quem vae co'a cara para diante, e não ha nada que o faça ir a terra!

—Conta comigo para tudo, Norberto!—disse Bernardo enthusiasticamente, persuadido da precisão de algum arriscado arrojo a fim de tirar Ricardina das presas do pae.—E' necessario voltar a Portugal?

—Deus nos guarde d'isso! atalhou o Calvo.—Se o lá pilhassem, enforcavam-n'o!

—Então que é?

—Que é, senhor doutor? é que a senhora D. Ricardina...

—Que é?

—Morreu.

—Quê?—bradou Bernardo, apertando as fontes com as mãos convulsivas, e oscillando nas pernas, que fraquejavam gradualmente, a ponto de vergarem.

Norberto cresceu para elle, apertou-o pela cintura, e, amparando-o na queda, exclamou:

—Então que homem é o senhor?! Tem animo ou não tem? Senhor Bernardo, pela alma de seu pae e de seu irmão, não seja fraco! Eu vim aqui para estar com vossa senhoria n'esta occasião, e olhe que nunca mais o deixo. Hei de ir com o meu amigo para toda a parte. A minha pobre ama morreu; mas cá fica o senhor para eu lhe dar toda a minha vida e coração. Senhor doutor!... então!... Volte a si, e seja forte; que não ha remedio se não ter paciencia!

Bernardo Moniz não o ouvia. O Calvo, com quanto lhe visse os olhos muito abertos, e sentisse o arquejante respirar de vaporação ardente, apalpava-lhe o coração, receando não lhe ouvir os latejos.

—Se me elle morre nos braços!...—dizia entre si o afflicto amigo de Ricardina, debulhado em lagrimas.

XIX

TABUA DE SALVAÇÃO

O procurador dos Pimenteis, em Lisboa, recebeu a nova da *remessa* de uma menina, e o pedido de hospeda'-la em sua casa emquanto o seu capellão lhe preparava mosteiro ou recolhimento.

Ricardina chegou depois da noticia. Receberam-n'a as senhoras da casa affavelmente, conduziram-n'a ao seu quarto, e, por delicadeza, deixaram-n'a sósinha assim que a viram em dolorosa lucta comsigo mesma para reter e occultar as lagrimas.

O capellão fiou do hospede a tragedia da filha do abbade; porém, rapido na historia e austero nas observações que lhe imbrexava, puzera o fito em desviar de Ricardina a piedade das senhoras, por que não succedesse a commiseração estorvar a entrada no recolhimento.

Não obstante, o extremado infortunio d'ella, sem amiserar-se com implorativos queixumes, careou a indulgencia, e mais que tudo a calorosa sympathia de uma brasileira, que viuvára em Lisboa, e frequentava a casa do sollicitador, seu agente na liquidação dos bens.

Era D. Ephigenia senhora já de cincoenta annos,

triste, e sempre remordida mais de remorsos que de saudades de uma filha unica, morta de desgosto em seguimento de um noivado a que fôra compellida pelo pae. A pungente dôr da mãe era não ter querido proteger a filha, quando ella supplicava o seu auxilio. D'aqui, por ventura, procedeu o inclinar-se benigna ás desgraças de Ricardina, e o desculpa'-la quando a rigida esposa do procurador, diante de suas filhas, e a occultas da hospeda, encarecia a criminalidade e as funestas saídas da desobediencia aos paes.

Insinuou-se a viuva no animo de Ricardina tão carecida de coração caridoso que, sobre perdoar-lhe, chorasse com ella. Passavam horas uma com outra, e d'isso comprazia-se grandemente a dona da casa. Era a melhor maneira de trazer as filhas donzellas arredadas da hospeda suspeita de peste contagiosa. As lagrimas das peccadoras, sem excepção das contritas, são peste.

Ricardina contou sua vida á brasileira. Quando não podia falar, soluçava. Era então que ella sentia o calor de outro coração, e ouvia as palavras: «desgraçada menina!». Não ha ahi maior nem mais rara consolação que mulher criminosa e sem familia encontrar alma extranha que a console!

Recolheu-se, uma tarde, o capellão e disse-lhe:

—Senhora D. Ricardina, consegui a sua entrada no recolhimento de S. Christovão.

—Não vou—respondeu a senhora.

—Não vae?!

—Não.

—Então que ha de ser de si?

—O que Deus quizer. Minha irmã que me desampare... Eu não lhe pedi nada. Expulsaram-me... obedeci.

—Mas a senhora está sem amparo de alguem...

—Paciencia. A morte é amparo...—tornou Ricardina.

O capellão noticiou a Luiz Pimentel a rebeldia de sua cunhada. Reuniu-se a familia, tirante Eugenia, cuja tristeza, e compaixão da irmã despraziam ao sogro. Deliberaram avisar o abbade, menos por deferencia que por medo. O padre Leonardo Botelho de Queiroz respondeu que não conhecia a pessoa de quem lhe falavam; que tivera duas filhas; mas que ambas eram já mortas e esquecidas.

Os Pimenteis não replicaram. Investiram o seu capellão de auctoridade para abrir mão do negocio do recolhimento e dizer á senhora D. Ricardina que continuasse a dispor da sua vontade propria; que elles declinavam sobre ella a responsabilidade das consequencias.

Assim lh'o transmittiu fielmente o capellão, ajuntando da sua lavra um malogrado discurso sobre a contumacia do vicio, e uma não menos gorada declamação prophetica das supervenientes desgraças da perdida senhora.

O propheta fez sorrir uma das testemunhas do seu zelo: era a viuva brasileira.

—A senhora ri-se?—exclamou o clerigo, pasmado do descôco.

D. Ephigenia aconchegou do peito Ricardina, e disse ao padre:

—Adopto esta infeliz por minha filha. Poderá cair em grandes desgraças; mas de certo não ha de lá ir pelos abismos que o senhor padre prophetisa.

Em junho de 1828 saíram para o Rio de Janeiro D. Ephigenia e Ricardina Pimentel.

N'aquelle tempo, já a filha adoptiva da caridosa viuva escondia da familia hospedeira os signaes infalliveis do seu delicto. Da sua amiga não lhe dizia o pejo que os escondesse. Confessára-se-lhe aquella alma, hora por hora, de sua vida. Se a honestidade soffria quebra no conceito da confidente, a misericordia augmentava. Pelo que, a viuva deu-se pressa em saír de Lisboa, deixando ainda em litigio o mais valioso da sua herança.

Em setembro d'aquelle anno, Ricardina aligára á sua a existencia de um anjo. Tinha um filho, ao qual a viuva, sua madrinha, nomeou Alexandre. A creancinha viera ao mundo entre dois amores que se davam as mãos para o acalentarem. Era bello e mavioso ver a mãe ajoelhada com elle para o depor no regaço da viuva que o estremecia. Ricardina cuidava que a alma de sua mãe pedira a Deus a inspiração de caridade extremosa que santificára o coração da sua bemfeitora.

XX

OBRAS DO TEMPO

Agora, leitores, no dobar de quinze annos, vejam de um relance de olhos a situação dos personagens d'esta narrativa.

O abbade de Espinho, em 1832, era deão n'um dos mais pingues cabidos de Portugal. Solicitava então uma mitra no Ultramar com bons auspicios de lhe ser dada. Constou que a nomeação estava caminho de Roma, quando, vencida a causa do infante, o deão de *** emigrou para Roma, esporeado pelo receio da retaliação de algum dos dois Monizes, vindos para o Porto na expedição da Terceira.

Viveu regalado e gordo até 1840, em Roma, onde morreu aos cincoenta e cinco annos de edade. Por descuido dos fantasmas que costumam atormentar os peccadores nas derradeiras vascas, o ex-deão Leonardo Botelho de Queiroz morreu, pouco mais ou menos, como um justo, consentindo que o confessassem e ungissem. Legou os seus sacos de ouro e prata aos expatriados que lhe assistiram na doença. O nenhum cabedal, que elle fazia da sua alma, infere-se da sovinaria do testamento quanto a suffragios. Ali, no seio e na cabeça do catholicismo, nem se quer mandou que lhe

resassem duas missas, nem uma! E morrer sem visões de larvas que o manteassem n'aquelle leito! Quer-me parecer que os phantasmas tem medo de certos moribundos.

Eugenia Pimentel, desopprimida do sogro, saboreava-se em delicias maternaes, educando sua filha Mathilde, galante menina de quatorze annos que já estava promettida a um titular da Beira.

Bernardo Moniz vivia em Loanda, advogado com grandes creditos e medianos lucros, conhecido pelo doutor Paulo de Campos. Nunca se desfez do pseudonymo, porque os legitimos nome e appellido soavam repugnantes aos ouvidos dos mesmos liberaes, que tacitamente approvavam a justiça infligida aos dez cobardes assassinos dos lentes. Quando Bernardo Moniz sondou o animo das primeiras auctoridades liberaes chegadas á Africa, relembrando-lhe o desatino dos academicos de 1828, viu que a restauração da liberdade não indultára a memoria dos enforcados, que uma cegueira juvenil pervertera. Perguntando a um delegado, que devia ter sido seu contemporaneo, o destino que tiveram os cumplices dos justiçados, ouviu proferir o seu nome com desprezo.

— E que é feito d'esse homem? — perguntou o advogado de Loanda.

— Mataram-n'o por causa de um rapto. O tal Moniz abrangia os crimes ás gabellas!

— E uns irmãos que frequentavam a universidade com elle?

— Estavam inculpados na morte dos lentes; mas, um que era medico, morreu a tiro; o outro emigrou, e pareceu-me ouvir dizer que militára no cêrco do Porto, e morrera nas linhas de Lisboa.

Norberto Calvo negociava em comestiveis, e ganhava para si que farte, e para o seu amigo quando os salarios da advocacia escasseavam ás primeiras necessidades. Além d'isto era sargento quartel mestre da força do presidio, honras que lhe preparára Bernardo ensinando-o a ler e escrever.

Ricardina, no decurso de quinze annos, tinha perdido a sua mãe adoptiva de quem herdára os poucos bens, que restavam a D. Ephigenia, defraudada pelo seu procurador em Lisboa, e por algumas quebras commerciaes do Rio. O espolio da defuncta orçaria por tres contos de réis.

Aos trinta e tres annos, D. Ricardina Pimentel, formosura inquebrantavel a golpes de paixões tantas e tão variadas, esteve a pique de morrer de enfermidade do coração. Os medicos mandaram-n'a para a patria, condicionando-lhe a morte, se permanecesse no Brasil.

Estava ella então em S. Paulo com o filho que principiava o curso de jurisprudencia. Levantou d'ali para Portugal, no proposito de assentar a sua residencia em Coimbra por amor da formatura de Alexandre Pimentel.

Corria o anno de 1844, quando o filho de Bernardo Moniz se matriculou no primeiro juridico.

Uma tarde pediu-lhe sua mãe que a levasse a passear com elle.

Ao passarem na *Sophia*, D. Ricardina ia olhando attentamente para as portas e janellas do lado occidental da rua. Deteve-se enlevada n'uma casa onde ella pernoitára dezezeis annos antes.

— Seria esta? — dizia ella entre si.

E contemplava uma janella que lhe parecia ter sido a de Bernardo, combinando reminiscencias erradas talvez, ou exactas por casualidade.

— Que está a mãe a ver? — perguntou Alexandre.

— Nada, filho.

— Nada? mas os seus olhos choram...

— E' da impressão do vento.

E foi caminhando.

Alexandre acreditou-a. Que tinham que vêr as janellas d'aquella casa com as lagrimas de sua mãe?

E aqui vem de molde avisar o leitor de que Alexandre da sua linhagem sabia o que sua mãe lhe dissera com perdoavel inexactidão: Que era filho de um provinciano já fallecido quando elle nascera. Que seu pae se appellidava Pimentel. Que sua madrinha soccorrera a indigencia da mãe.

Ricardina contaria sem pejo os seus desventurados amores a extranhos; mas ao filho não pudera.

Ha o que quer que seja sacratissimo no vinculo da alma maternal á pureza de ouvidos e coração de filho. A innocencia da creança incute mais pudor e medo no seio da mãe que o escarneo insultador da sociedade. A

mulher delinquente mostra a descoberto em pleno mundo os estygmas do rosto, e forceja por esconde'-los dos olhos de seus filhos.

Além de que, Ricardina sabia que inexoravel vilipendio denegria a memoria de Bernardo Moniz. O innocente menino teria de tragar iniquissimos affrontamentos se fôsse conhecido como filho do assassino, que devia á fuga o ter-se desviado do caminho da forca.

Estas seriam as duas causas que lhe represaram as expansões, quando ella ia ceder ao impeto de contar sua vida ao filho, para, a toda a hora, lhe poder falar no pae.

— Não ha em Portugal parentes seus ou de meu pae? — perguntava Alexandre.

— Nenhuns. Morreram todos, meu filho.

Um dia, entraram para o gabinete de estudo de Alexandre dois condiscipulos.

Ricardina costurava na sala immediata, e ouviu falar de Vizeu.

Levantou-se e foi de mansinho escutar.

Falavam de namoros e conquistas innocentes, conquistas de cartas, de ramilhetes do ultimo baile, de trancelins de cabello.

Um dos dois visitantes, que figurava dezesete annos, contava entre guinadas de riso desdenhoso a sua desventura, com uma Mathilde, filha do morgado da Reboliça.

— Se vossês vissem o cavaco que ella me deu no baile do Antonio d'Albuquerque! — referia elle. — Hei

de mostrar-te, Alexandre, uma luva que ella me deixou apanhar no pateo. Oh! que beijos eu dei na luva! trouxe-a sobre o coração um mez, e todas as manhãs beijava a ditosa pelle de carneiro que rossára o setim d'aquella mão que a final... me espremeu a alma até fazer espumar o succo da ultima crença...

— Mas que te fez ella a final? — perguntou Alexandre.

— Que me fez? pergunta aqui ao Osorio o que ella me fez.

— Casou com um visconde — disse Osorio — mas foi constrangida. Obrigou-a o pae, por que este casamento estava pactuado ha cinco annos. A rapariga não queria, a mãe era pela filha, guerreavam-se em casa as duas potencias, até que o pae venceu, levando a filha a sopapos para os braços do visconde, que tem cincoenta annos, e muito dinheiro. A pobre menina não tem culpa. Que querias tu que ella fizesse? que fugisse de casa para ti? Fôsses lá ver como o pae a tinha a sete chaves no quarto da torre. Disse elle a meu tio que lá n'aquella casa havia fado máo para as mulheres, e contou historias antigas que davam romances.

D. Ricardina arquejava com o ouvido aposto ao espelho da fechadura.

A conversação extendeu-se até horas de estudo, sem deslisar da gravidade do assumpto. Os dois beirões falaram sempre. Alexandre, que não tinha casos concernentes ao intuito da palestra, escutava-os mais impaciente que distrahido.

Assim que sahiram, Alexandre disse a sua mãe:

—Tomára eu que estes rapazes me deixassem! Tiram-me o tempo sem me entreterem. Elles estudam como ricos, e eu devo estudar como pobre. Quando se formarem, lá têem as suas casas; e eu hei de ir buscar vida como quem não tem outros recursos.

—Deus te abençôe, meu filho!—disse Ricardina, afagando-lhe os longos cabellos negros que lhe ondeavam, consoante a moda, sobre os hombros.—Estuda, estuda; mas não me adoeças. Ainda temos um conto e trezentos mil réis em dinheiro para a tua formatura. Depois, irás advogar, que é um bonito modo de vida, ou pedirás um emprego... Que te contaram os teus amigos?—perguntou a mãe, adoçando a voz com um sorriso.

—Cousas lá de uma menina, que deu a luva a um d'elles, e casou depois com um visconde. Ora veja, minha mãe, que historias! Que me importa a mim que a senhora D. Mathilde désse as luvas, e casasse com um visconde velho?

D. Ricardina falsificou em sorriso a tristeza com que escutava seu filho, o primo d'aquella Mathilde que não lhe importava.

—Mal sabes tu!...—dizia ella de si comsigo.—E ha de ir até fim da vida este anjo sem conhecer seus parentes!...

Não ha para que nos demoremos em particularidades no decorrer dos cinco annos do estudante em Coimbra. Uma tão sómente sobreveiu a enluctar o coração aba-

fado, sem respiraculo por onde sahissem lagrimas a pedir consolações do filho.

Pensava Ricardina que sua irmã Eugenia, se soubesse que ella vivia, lhe não poderia negar affecto de irmã. Cogitava diversos modos de fazer-lh'o saber; mas todos elles desfechavam na penosa necessidade de romper o segredo de sua vida passada. Esclarece'-lo era fomentar-lhe dôres e vergonhas não sabidas, sem compensação de minimas vantagens.

Cursava Alexandre o quarto anno, quando o condiscipulo de Vizeu lhe contou que a mãe da viscondessa morrera de saudades de Mathilde, porque o visconde a levára para Lisboa, dizendo que a filha do famigerado abbade de Espinho não podia ser boa mãe.

—Mas quem era esse abbade de Espinho?!—perguntou Alexandre.—Tu contas-me essas tragedias como se eu fôsse lá da tua romantica Beira, que me parece uma Calabria!

—O abbade de Espinho—explicou Osorio—era um salteador famoso, um incendiario cruelissimo, um assassino professo, que morreu em Roma, para onde emigrou antes que o espostejassem os liberaes. Este abbade era, emfim, o avô da viscondessa. Já entendes?

—Entendo. Contam-se taes maravilhas da tua provincia, que Frederico Soulié, se lá viesse, havia de cuidar que *Os Dois Cadaveres* são um idyllio bom para despertar nas raparigas o amor ás boninas do monte!

D. Ricardina, que escutára o dialogo, enxugou as lagrimas assim que ouviu os passos do filho.

—A mãe chorava?!—notou Alexandre, remirando-lhe os ôlhos mal enxutos.

—Chorei, Alexandre... Ouvi lá dentro o teu amigo contar-te que morreu de saudades de sua filha uma pobre mãe... Só comprehende bem essa mortal angustia quem fôr mãe como eu!...

—Ah! a mãe escuta o que se diz no meu quarto?—volveu o moço sorrindo.—Então já sabe tambem que eu tenho os meus namoros...

—Os teus livrinhos, meu filho...

—Não terei eu coração, ó mãe?—perguntou Alexandre, sorrindo ainda com a mão no peito.

—Se tens, meu amor! Tinhas, se tua mãe t'o não roubasse... Sabe Deus quanto me custa ver que foges de mim para os livros...—respondeu ella graciosamente, beliscando-lhe o pavilhão da orelha.—Olha, meu Alexandre, as tuas cartas de amores são os diplomas dos teus premios. Revê-te n'elles...

—De que serve isto?—voltou elle, apontando para quatro paineis em que a mãe lhe moldurára os brazões litterarios.

—De que serve?... que pergunta, filho!

—A mãe verá que tudo isso presta menos que quatro cartas de namoro, escriptas por quatro senhoras namoradas a quatro deputados namoradores.

—Não gracejes, Alexandre! O governo, assim que vir os teus premios, colloca-te n'um bom emprego.

—Para lá vamos...

XXI

VANTAGENS DE CINCO PREMIOS

Para lá vamos, disse Alexandre Pimentel.

Foram.

O bacharel formado requereu uma delegacia, documentando a petição com as cinco certidões dos seus premios.

Esperado—respondeu o ministro da justiça.

Requereu um logar subalterno na secretaria do reino.

Esperado—respondeu o ministre do reino.

Requereu pela marinha a directoria de uma alfandega no ultramar; requereu por todas as repartições, desde auditor até escrivão de direito.

Esperado: era o escarro que espectoravam os ministros nos diplomas de Alexandre Pimentel.

D. Ricardina estava pobre. Moravam n'um quarto andar da rua dos calafates. O casaco de Alexandre mostrava as cossadas costuras. A senhora não ia á missa á mingua de sapatos.

O filho, beijando as lagrimas da mãe, dizia-lhe:

—E os meus premios?... Se o pergaminho tivesse mais consistencia, faziamos sapatos dos diplomas, minha mãe... Não chore, não chore, que eu ámanhã começo a ganhar um cruzado.

—Em quê, meu filho?—acudiu a mãe.

—Vou ser revisor e traductor n'um jornal politico. E' trabalho de noite. Depois, assim que puder vertir-me, vou praticar advocacia; e, assim que souber vender conselhos e tirar ladrões e assassinos das garras da justiça, a minha posição e a sua melhoram.

Assim aconteceu, quanto á primeira parte do seu programma. De traductor e revisor, ao fim de quinze dias, afidalgou-se com o fôro grande do artigo de fundo. Rebateu a politica do governo, n'um ponto controvertido de direito pratico, obtida previa licença do redactor em chefe. Os seus artigos, remunerados pela admiração geral e victoriados pelo silencio dos contendores fizéram o prodigio de lhe erguer o estipendio a novecentos e sessenta réis diarios! Alexandre, entregando a sua mãe as primeiras seis moedas, das quaes deviam duas na tenda e duas no empenho de alguns cobertores, exclamou:

—Abençoados diplomas! N'este paiz só é pobre quem não teve cinco premios na Universidade!

D. Ricardina chorava porque os olhos do filho reluziam envidraçados de lagrimas.

Ao segundo mez, Alexandre vestiu-se na rua dos Algibebes, e obteve advogado famoso que o admitisse á pratica.

Frequentou o escriptorio assiduamente tres semanas, e não voltou.

—Porque não vaes, filho—perguntou D. Ricardina.

—E' vida que me não serve, minha mãe. A moeda, que se bate no balcão dos curadores da justiça, quei-

mar-me-hia os dedos. A minha ambição fica muito áquem da infamia que entesta com a mediania. Imaginemos que seis moedas mensaes são a riqueza de uma consciencia socegada. Vivamos assim... Ando agora a pensar em escrever livros. O peor é que não tenho uns que me era necessario ler... Começo ámanhã a ir estudar na bibliotheca, onde se lê de graça.

—Mas que livro vaes tu escrever, filho?

—Eu sei cá! a historia universal do mundo, e de outras partes mais.

—Isso é graça, Alexandre!

—E' desgraça, minha mãe!

Começou o bacharel a folhear livros enormes na bibliotheca e a respigar apontamentos para um livro que devia intitular-se: A LEGISLAÇÃO DA PENINSULA HISPANICA.

Um seu condiscipulo, a quem elle communicou o intento, avincou o nariz prophetico e disse:

—Ninguem te compra isso.

—Não?

—Palavra, que não!... Sabes fazer novellas?...

—Eu sei cá!... novellas!...

—Se não sabes, traduz do francez. Era empresa de dar dinheiro uma traducção barata das obras completas de *Paul de Koch*, em voluminhos de oito vintens. Póde ser que eu te arranje editor ahi a quatro moedas o volume, se não puderes publicar por tua conta.

—Obrigado!—disse Alexandre—não me despeço do favor.

Sem embargo, continuou a colligir subsidios para a *Legislação da peninsula hispanica*, e a escrever artigos que os accionistas da gazeta principiavam a classificar de *massadores* razão de muito recheados de erudição e borbulhas em latim que comiam na paciencia de quem lia. Avisaram-n'o os collegas.

Alexandre lembrou-se de que tinha mãe. Acceitou a correcção, e expurgou os seus artigos de latim, e de tudo que trescalasse á podridão da sabedoria.

Deram-lhe os emboras pelo progresso, e augmentaram-lhe quatro mil e oitocentos réis á mensalidade.

—Minha mãe!—exclamava elle—já sei como se vae ao Potosi, sem sahir da rua dos Calafates. A' proporção que eu me fôr bestificando, augmentam-me o salario. Peça a Deus que me faça trevas na cabeça com a rapidez com que fez a luz. O' malditos diplomas, que viestes provar que eu não era um parvo! Onde estaria eu agora, se esses cinco papeis não trouxessem estampada a minha incapacidade! Cada nova prova de tolo que eu fôr dando, rende-me oito vintens por dia!

Começava-se a nomear incognito redactor de certa gazeta. Grassava o boato de que elle era uma singular creatura que lia as obras dos historiographos de Hespanha do seculo XI, em latim! Os que falavam peormente portuguez chamavam-lhe *excentrico*, talento aproveitavel que se estava abastardando em leituras capazes de encruar o estomago de um ogre. Os seus contemporaneos, filhos de Lisboa, tinham-se desviado d'elle; porque é licito a todo o homem cortar as suas relações com

pessoas mal enroupadas n'um casaco indicativo de precisar reforma. Não no faziam por mal: é costume de Lisboa, á competencia com as usanças de toda a terra em que o panno cossado, se bate de chapa nos olhos, é mais ophtalmico do que as flechas ardentes do sol a pino.

Depois que elle sahiu melhormente aforado do algibebe, e ganhou nomeada de estylista energico e polemista respeitavel, os seus condiscipulos atravessavam do Marrare para defronte a saber da sua saude.

—Vou bem—dizia elle.

—Olha que tens já um nome!—encarecia-lhe o alvitrista de Paul de Kock.

—Tenho já um nome?

—Tens.

—Ainda não é bem o nome que eu preciso. Ha certos tolos encartados que me não deixam subir.

—Que ratão! onde vaes? á bibliotheca?

—Vou.

—Olha se estudas os olhos d'aquella viuvinha, e deixa os bacamartes... Aquillo é que é livro. Tem duzentos contos. Não a conheces?

—Eu conheço lá ninguem que tenha duzentos mil réis?

—Que ratão!... Aquella viuva é a viscondessa da Gandarella. E' osso que traz cem cães á volta d'ella.

—E tu? és o numero noventa e nove?

—Que ratão! Eu não lhe faço a côrte.

—Ah! não? querias por isso que os cães fossem

cento e um para te distrahires, não é isso? Adeus...
Cá vou ver a viuva da matilha.

—Que ratão!

XXII

OS «DEZ RÉIS» DA VISCONDESSA

Instigado pela curiosidade, Alexandre Pimentel levantou os olhos para o primeiro andar da viscondessa da Gandarella, na rua de S. Francisco.

A viuva, assim que deu tino do olhar petulante do desconhecido, voltou o rosto de golpe com um sobrecenho entediado da ousadia.

O escriptor entendeu que ultrajára os duzentos contos d'aquella senhora, e a si mesmo se foi reprehendendo.

Quando saíu da bibliotheca, viu a viscondessa na sacada, ao mesmo tempo que uma mendiga, com um filho no braço esquerdo, e outro pela mão, e mais dois aconchegados do seu capote esfarrapado, pedia esmola á fidalga.

A vinte passos de distancia, viu Alexandre retrahir-se da janella o formoso osso dos cem cães na linguagem apologetica do seu conhecido.

—O enojo chegou a odio—disse elle comsigo, cui-

dando que a viscondessa fugira da janella para não ser segunda vez insultada pelo encarar fito de um pobre diabo.

Ao avizinhar-se, porém, viu-a reapparecer, atirar á pobre uma moeda de dez réis, e recolher-se fechando as portadas.

A moeda remessada á tôa, rolou pela rua, e foi bater e parar aos pés do escriptor.

Alexandre abaixou-se, apanhou-a, levou a mão á algibeira, deixou ficar a moeda, e foi depôr na mão do filhinho, que a pobre tinha ao collo, uma libra.

A mendiga esbogalhou os olhos e exclamou:

—Que é isto, meu senhor?

—E' a esmola que lhe atirou a senhora viscondessa de Gandarella.

—E' impossivel, meu senhor!—tornou a pedinte. A fidalga nunca me dá senão dez réis!...

Alexandre seguiu seu caminho, dizendo entre si:

—Quem tem duzentos contos dá de esmola dez réis a uma pobre que é mãe de quatro filhos!...

E orvalharam-se-lhe de consolativas lagrimas os olhos.

A mendiga abeirou-se do portão, e perguntou a um creado de casaco de galões verdes se a fidalga lhe deitaria uma libra por engano.

—Uma libra!—disse o espantado guarda portão.

—Espere vossê, que eu vou perguntar á senhora viscondessa.

—Um senhor que ia passando—explicou a mulher—foi que levantou a libra e m'a veiu dar dizendo que era a

esmola que a senhora viscondessa me atirára da janella.

A fidalga mandou dizer ao creado que não dera a libra, e que soubesse que historia de libra era essa. Insistiu a mendiga nas explicações dadas, e retirou-se bem convencida da legitima posse da sua fortuna, deixando o deslindar do enredo a quem melhor competisse.

Era natural estimular-se a curiosidade da fidalga mal o porteiro lhe disse que um sujeito guardára os dez réis e dera o soberano. Tinha sabor de romance uma cousa assim desusada e original nos fastos da caridade!

—Conheces o homem que apanhou os dez réis?— perguntou a viscondessa da Gandarella ao creado.

—Conheço de vista, minha senhora. Eu ainda o vi levantar o dinheiro; mas quanto era não enxerguei.

—Seria pessoa das minhas relações?

—Nada, não, senhora viscondessa. E' sujeito que eu nunca vi n'esta casa, nem no tempo do senhor visconde que Deus haja. Elle anda mal arranjado de fato, e não me cheira a grande pessoa... Ha mais de dois mezes que elle passa por esta rua, duas vezes pelo menos.

—A que horas?

—Para o lado do convento passa todos os dias ás onze, e para o Chiado ahi pelas tres. Se vossa excellencia quizer, eu assim que o lobrigar, mando recado á senhora viscondessa.

—Quero—terminou a viuva.

Ao mesmo tempo, Alexandre Pimentel dizia a D. Ricardina:

— Minha mãe, recebi esta manhã os trinta e seis mil

réis do ordenado. Tenho aqui trinta e um mil e quinhentos, por que dei a cinco pobres uma libra. Era uma mulher com quatro filhos, a quem uma grande e rica fidalga deu dez réis... E' verdade, tenho mais os dez réis da fidalga, sobre a quantia dos trinta e um mil e quinhentos.

— Então quem é a generosa ricassa que prodigalisou tamanha parte da sua riqueza aos cinco pobres? — perguntou D. Ricardina, sorrindo.

— E' a senhora viscondessa da Gandarella que minha mãe não conhece nem eu, senão de saber que são cem os pretendentes a renovar-lhe as delicias do casamento. E' uma divindade que pôz os seus divinos dedos n'este pedacinho de cobre safado — contiuuou elle, fazendo regirar a moeda sobre a mesa. — Veja como é a caridade dos ricos... e das ricas... o que mais espanta!

— Pois, filho... é assim, é!... Dá tu o que tiveres na vontade, porque as esmolas tem benção do céo. Parece que Deus restitue o que a gente dá aos seus filhos pobresinhos...

No dia seguinte, ás onze horas, o guarda-portão fez signal. A viscondessa assomou na janella, e, cravando os olhos no desconhecido, lembrou-se de o ter visto no dia antecedente a encara'-la com insolente fixidez. Notou, de mais d'isto, que elle ia passando, sem levantar a vista da calçada. Examinou-o fitamente pelas costas, e conveiu na observação do creado: *que não cheirava a grande pessoa.*

Isto não obstante, quiz saber quem fosse a creatura

singular que deu quatro mil e quinhentos pelos seus dez réis. No caprichoso intento, ordenou ao creado que indagasse.

A's tres horas, a viscondessa estava na janella. Acertára de passar o incognito com um seu condiscipulo, conhecido da viuva. O cavalheiro lisbonense cortejou a illustre dama; Alexandre tocou levemente na aba do chapéo, ladeando ligeiramente os olhos para a senhora cortejada.

— Has de ir hoje procurar — disse a viuva ao creado — o senhor Mesquita, e pedir-lhe que entre em minha casa, quando passar.

O bacharel Mesquita passou immediatamente e fez-se annunciar á senhora viscondessa.

— Não se ria da minha curiosidade, senhor Mesquita... — começou a viuva, referindo a singular passagem que lhe espertára vivo desejo de saber quem era o homem que passára com elle.

— E' o redactor do jornal ***. Foi meu condiscipulo. Chama-se Alexandre Pimentel. E' pobre. Nasceu no Brasil. Vivia com a mãe em Coimbra. E' talento de primeira ordem. Passa as manhãs na bibliotheca a parafusar n'uma obra que ha de escrever, quando tiver recursos com que a possa publicar. Não sei dizer a vossa excellencia onde móra. Creio, porém, que deve ser em casa menos de modesta; porque em Coimbra tinha muitos amigos que elle convidava para sua casa; e sei que em Lisboa não convida nenhum. Requereu varios logares, que lhe não deram; porque Alexandre

Pimentel é um celestial doudo que não quiz nunca pedir nem receber cartas de protecção para os ministros. Dizia elle que a sua vida sem macula e cinco premios sem favor no curso dos seus estudos eram ou deviam ser a maxima habilitação. Antes de fazer-se revisor e traductor, dizem-me que chegou a trazer as botas rotas. Agora, vive regularmente do seu estipendio de jornalista. Não advoga, porque diz elle que o advogado é um mercenario de ladrões poderosos; e que, se o não fôr, apenas encontrará pobre que lhe procure o seu patronato. Não posso dar outros esclarecimentos a vossa excellencia.

— Mas dá-me a sua palavra de cavalheiro que não ha de revelar ao seu condiscipulo esta minha curiosidade?

— Oh! senhora viscondessa, minha senhora!... Vossa excellencia imagine que conversou comigo sonhando. Nem sombra de revelação a tal respeito.

A' volta de quinze dias, o bacharel Alexandre Pimentel recebeu aviso do ministerio da justiça que Sua Magestade houvera por bem despacha'-lo delegado do procurador regio da comarca de * * *.

Maravilharam-se elle e os seus amigos! O boato corrente era que o governo, assoberbado pela gazeta opposicionista, amordaçava d'aquelle modo o grave, e por isso mesmo, formidavel escriptor.

Os correligionarios do articulista fizeram-lhe saber as atoardas circulantes a respeito da sua apostasia. Ale-

xandre Pimentel, surdo aos clamores de sua mãe, demittiu-se.

O conselheiro Albuquerque procurou a viscondessa da Gandarella, e disse-lhe á puridade:

— O afilhado de vossa excellencia demittiu-se antes de tomar posse da delegacia. O ministro ficou chofrado, e perguntou-me se eu andava a dar forças á opposição, abrindo ensejos de se divulgar que o governo comprava com delegacias os adversarios politicos. Emmudeci, por me ser defeso auctorisar-me, no bom conceito do despachado, com o juizo de vossa excellencia. Colhi informações com o particular intento de averiguar se a opinião de vossa excellencia era exacta. Com effeito, os proprios antagonistas de Alexandre me asseveraram que o rapaz entrára na ruim vida politica forçado pela necessidade; e que se demittira da optima collocação, compellido pelas picuinhas dos correligionarios, que precisam d'elle, se antes lhe não invejaram o despacho. Como quer que seja, o moço é dignissimo da protecção de vossa excellencia, e eu beijo as mãos á senhora viscondessa todas as vezes que fôr honrado com as suas ordens a favor de homens tão benemeritos.

XXIII

A RODA DA FORTUNA

A viscondessa tinha insomnias. O seu espertar, se adormecia fatigada em devaneios, era sobresaltado. Aquelle homem pallido, triste, trajado de escuro, absorvido no lavor de todos os dias, honrado pelos gabos de pessoas insuspeitas, acorrentado voluntariamente á galé politica; aquelle homem, sobre tudo, que depuzera nas mãos da creancinha maltrapida o seu pão de oito dias, que lhe queria a ella?! Que significação déra ao acto de liberalidade incoherente com sua pobreza? Quiz reprehender-lhe a mesquinharia, ou possuir a esmola que partira de suas mãos?

Eram estes os despertadores das suas noites desveladas, os quaes, sommados pelos que bem conhecem os algarismos do coração, davam a santa e infernal trivialidade do *amor*.

Se as virtudes, alliadas ao semblante insinuativo, justificavam o pendor da rica viuva para o jornalista, escusado é dizer que a viscondessa de Gandarella o amava como quem não tinha amado ainda, no atravessar vinte annos tristes. Os seis da infancia não lhe lembravam; os outros seis do collegio conventual recordava-os

com amargura; tres de pavor do marido que seu pae lhe destinára; dois de casada, sem caricias alentadoras da mãe, apartada violentamente de si e morta de saudade; dois annos de viuva, a scismar incessantemente na ventura que tinha sonhado, se um dia fosse livre; e os dias e as noites succediam-se e não lhe deixavam uma hora de grata memoria.

A liberdade, pois, que montava para a sua felicidade?

Esta interrogação acabou desde o momento em que ella, na ausencia do conselheiro, seu agente no despacho de Alexandre, disse:

—Que admiravel homem!

E via-o passar com a usual gravidade e suprema indifferença.

Perguntava a viscondessa que razão tivera aquelle homem para encara'-la uma só vez.

—E' verdade que eu voltei a face com um gesto de impaciencia, cogitava ella; mas quantos ahi ha de illustre sangue que teimam em receber os desagrados com semblante de martyres, e cuidam elevar-se com abjecções? E, se acontecesse aquelle homem odiar-me ou desprezar-me? Pois um pobre que dá uma libra de esmola, e regeita um lucrativo despacho por salvar a sua dignidade abocanhada, importa-lhe por ventura que eu seja rica? Se elle me considerasse bella! Se eu o tivesse impressionado e offendido com o desdem, quando elle olhava para mim, não é natural que reparasse em me ver constantemente na janella ha quinze dias?!...

E que scismava Alexandre Pimentel, vendo, se via, a viscondessa na janella?

Umas vezes ia pensando nas leis dos turdetanos escriptas em verso, ou na distincção ainda incerta de *proconsules e propr œtores.* Outras vezes nos doze livros da *Lex Wisigothorum,* ou na collecção dos canones dos concilios. Alma regorgitada de sabenças tamanhas, apenas surgiria da sua modorra, se a viscondessa caisse da janella á rua, ou désse dez réis a cinco pobres.

Aqui está. A indifferença do litterato não mareáva a incontestavel belleza da fidalga. Era Affonso V de Leão ou S. Martinho de Dume ou qualquer phantasma d'este porte e tomo que o divertiam de pôr os olhos humildes no formoso osso dos cem cães.

A liberdade veste de azas a paixão e dá trela á ave damninha até onde ella se libra.

A viscondessa perguntou ao Mesquita, condiscipulo do escriptor, se lhe descobria a residencia de Alexandre.

—Hoje, se vossa excellencia não quer que seja já.

—Quando puder.

Mesquita foi á bibliotheca e disse ao espanejador do pó dos in-folios:

—Tenho um livro para te mandar.

—Que é?

—Não lhe sei o titulo. Trata das leis que trouxeram á Lusitania uns vandalos chamados *silingos.*

—As leis dos silingos são fabulosas—respondeu o ba-

charel—porque esta tribu de vandalos seguiu a sorte das outras: dispersou-se por Africa, deixando aos suevos a exclusiva gloria de legisladores.

—Não sei lá d'isso... Queres o livro?

—Se te não serve de nada...

—Onde moras?

—Rua dos Calafates, n.º 42, 4.º andar. Não vás lá, que chegas acima com uma pulmonite.—Se queres, eu mandarei a tua casa.

—Não. Lá mando.

Instantes depois a viscondessa, colhida e agradecida a informação, dizia comsigo:

—E agora? de que me serviu saber isto? que hei de eu fazer? Tenho tantas amigas... Parece-me que as detesto, porque não sei de uma a quem possa dizer que amo este homem!

Ao outro dia, depois que o jornalista passou na rua de S. Francisco, destrinçando bem pela raiz as differenças entre *curatio e jurisdictio,* a viscondessa mandou ao 4.º andar do n.º 42, da rua dos Calafates, uma carta assim sobrescriptada: *A mãe de Alexandre Pimentel.*

D. Ricardina deslacrou a carta com sobresalto e leu:

«Deve ser uma santa a mãe de tão honrado filho.
«Se ella vive sósinha e carecida de uma amiga, consin-
«ta que se lhe offereça um coração. Quem estas linhas
«escreve é uma mulher de vinte annos, viuva, sem pas-
«sado que não seja um recordar doloroso, e sem futuro
«que lhe allumie a escuridade da sua vida. A's vezes

«pergunto a Deus por que me levou minha mãe, se me
«havia de dar uma alma tão extranha em meio d'este
«mundo. Se eu a tivesse, iria ella procurar a mãe de
«Alexandre Pimentel, e diriam entre si as palavras san-
«tissimas que ellas sómente sabem dizer, quando se
«communicam as delicias de amarem seus filhos. Que
«eu possa um dia venerar uma virtuosa mãe e recor-
«dar-me do que perdi na minha, vendo a felicidade do
«filho a quem Deus a não tirou.—*Mathilde.*—Rua de
«S. Francisco n.º 6. Lisboa.»

—Vê esta carta, Alexandre...—dizia D. Ricardina ao filho, na volta da bibliotheca.

—Uma carta! é a primeira que lhe vejo receber! Quem conhece minha mãe em Portugal?

Leu, cogitou e disse:

—Quer que lhe saiba quem é esta Mathilde?

—Olha cá, meu filho, não te lembras, ha seis annos, aquelle teu condiscipulo de Vizeu contar-te uma historia de uma Mathilde, que casou com um visconde?

—Lembra-me pouco mais ou menos d'essa historia; mas nem sei se era Mathilde a mulher, nem encontro parentesco nenhum d'essa viscondessa da Beira com esta Mathilde que lhe escreve.

—Tens razão...—obtemperou a mãe—tens razão; mas, outra cousa, meu filho, fala-me verdade... Não tens lembrança nenhuma... quero dizer... não terás alguma affeiçãosinha que possa explicar esta carta?

—Eu, minha mãe!...—disse elle cascalhando uma risada.—A minha vida bem a sabe. De dia, leio; de

noite, escrevo e durmo. Ninguem conquista corações a lidar com a traça das livrarias dos frades. O deus do amor não ousa penetrar com os seus dardos o arnez das capas encoiradas dos livros que me defendem. Isto, a meu vêr... realmente eu não sei o que isto é!... Quer minha mãe que eu vá indagar, não é assim?

— Pois vae logo, meu filho... Sabes tu! bate-me o coração!...

— E' visionaria, minha mãe!... Está já a suppôr que alguma princeza chamada Mathilde, e viuva, lhe vem pedir a mão de seu filho!

— Não é isso!

— Pois que maior desgraça lhe palpita! Ainda mais que fazerem-me matrimonialmente principe?!... Se lhe parece, minha mãe, jantemos o nosso jantar plebeu, e depois romantisaremos á sobremesa.

Instado por sua mãe, Alexandre foi á rua de S. Francisco, e passou olhando para os numeros das portas.

A viscondessa reconheceu-o na revolta do Chiado, e escondeu-se incendida, febril de pejo, e doente das convulsões do seio.

O filho de Ricardina viu o n.º 6, e recordou-se de ser alli a casa da fidalga que dera dez réis para cinco pobres, e virára o rosto mal assombrado n'um certo dia.

Na incerteza, porém, acercou-se do guarda-portão, que o recebera inclinado e de braços pendidos.

— Quem mora n'esta casa? — perguntou.

— A senhora viscondessa de Gandarella.

— Como se chama esta senhora?

— A senhora viscondessa...

— Sim, como se chama?

— E' a senhora viscondessa.

— O nome do baptismo é que eu lhe pergunto.

— Ah!... parece-me que é *D. Mathilde.*

Susteve-se enleado o interrogador, e proseguiu:

— D'onde é a senhora viscondessa?

— D'ao pé de Vizeu.

— Sabe dizer-me ha quantos annos casou?

— Eu lhe digo a vossa excellencia... esta senhora está viuva ha dois annos, e esteve casada não chegou a quatro annos.

Combinou as informações com a historia relembrada por sua mãe, e maravilhou-se da certeza casual com que ella conjecturára.

Não o contentavam ainda as illucidações. Queria precisamente saber se d'aquella casa saíra a carta para sua mãe.

— Quem mora no segundo andar, faz favor de me dizer?

— E' a senhora viscondessa. Tem o palacete todo, que era do senhor visconde que Deus haja.

— Não ha aqui outra pessoa que se chame *Mathilde?*

— Não, senhor.

— Obrigado — concluiu Alexandre, retirando-se.

Em quanto a fidalga interrogava o creado, obrigando-o a repetir as perguntas e respostas, o jornalista, obrigado aos trabalhos da redacção, enviou desde o escriptorio uma carta a sua mãe, referindo-lhe o que passára

com o creado da viscondessa da Gandarella. E concluia:

«A certeza de ter saído a carta d'aquella casa não a «tenho, nem se me offereceu bom proposito de me es«clarecer. Afigura-se-me que me querem dar proporções «heroicas de personagem de novella. Quem sabe se an«da aqui zombaria de adversarios politicos!... Note «minha mãe que a viscondessa é o tal osso dos cem «cães em que lhe falei, e a dadivosa mãe dos pobres, «que se liberalisa em dois réis por cabeça. Apresso-me «a dar-lhe esta noticia, porque tenho trabalho até ás «duas da manhã, e já hoje nos não veremos. Peço-lhe «que se deite e não me espere...

«Agora reparo que é esta a primeira carta que lhe «escreve seu filho *Alexandre.*»

D. Ricardina Pimentel leu em ancias a carta do filho. Vestiu-se pobre e pressurosamente, fechou a porta, e pagou a um gallego que lhe ensinasse a rua de S. Francisco.

Era ao entardecer.

Entrou ao pateo. Surgiu á porta de um cubiculo terreo o guarda-portão que lhe disse mal encarado:

—A senhora que quer?

—Falar á senhora viscondessa.

—Está a jantar.

—Não importa. Vá dizer-lhe que está aqui a pessoa a quem ella hoje escreveu.

—Ah! exclamou o creado com admiravel transformação de laringe.—Faça favor de subir.

D. Ricardina ficou na sala de espera.

Passados momentos, foi conduzida a outra sala onde dois creados accendiam as vellas dos castiçaes.

A viscondessa entrou, rugindo com a longa cauda de seda.

XXIV

A NETA DO ABBADE DE ESPINHO

Primeiro enleio da viscondessa: a mãe de Alexandre Pimentel era uma senhora ainda bella, sem impedimento de alguns cabellos alvejantes, não raros, aos trinta annos.

Ricardina tinha quarenta. Era a formosura inflexivel ao dilacerar da desgraça.

A espectativa de Mathilde figurava-lhe uma velhinha, carcomida da traça dos setenta.

Outra surpresa: a mãe do escriptor, dado que trajasse vestido fóra do uso e humilde no estofo, recebeu-a com ar tão senhoril e de primoroso tracto que não se extremava das marquezas das suas relações.

—Foi uma indiscrição talvez o incommodo que lhe dei...—tartamudou a fidalga, em quanto Ricardina a remirava de chapa, exprimindo o intimo alvoroço.—

Queira sentar-se, minha senhora, e peço-lhe que desculpe a minha turvação.

—Temos de nos desculpar uma á outra—disse Ricardina com a voz tremente.—Se alguma de nós deve estar commovida, sou eu....

Saltaram-lhe as lagrimas; porque Mathilde era o retrato de Eugenia Pimentel.

—Porque chora, minha senhora?—acudiu a viscondessa, tomando-lhe as mãos enternecida.

—Conheci uma senhora que era o retrato de... de vossa excellencia—proferiu a custo Ricardina.—Fez-me muito vivas saudades, porque é já morta... Chamava-se Eugenia...

—Como? Eugenia!... Minha mãe tambem se chamava Eugenia.

—A minha amiga era a mãe de vossa excellencia—affirmou Ricardina.

—A senhora conheceu a minha mãe?!—disse Mathilde.

—Como se conhece uma irmã. Fomos tão amigas... que se hoje nos encontrassemos apenas poderiamos conversar chorando.

—Mas onde conheceu minha mãe?! Ella nunca saíu da Beira!...

—Bem sei, minha senhora. Saíu da abbadia de Espinho onde nasceu, para a casa dos Pimenteis da Reboliça onde morreu.

—Jesus! como sabe a senhora estas cousas?!... Pois vossa excellencia não veiu do Brasil com seu filho?

—Sim, minha senhora.

—Então onde conheceu minha mãe?

—Na casa de seu pae e na do marido.

—Quando? eu nunca a vi...

—De certo nunca me viu. Vossa excellencia nasceu depois.

—Mas quem é, minha senhora? Pelo divino amor de Deus tire-me depressa d'esta anciedade...

—Eu preciso tambem sair d'ella... preciso abraça'-la... preciso apertar ao seio a filha de... minha irmã Eugenia.

E, dizendo, tirou-a para si com vehemente impulso, e beijou-a soffregamente, exclamando:

—Mathilde, eu sou sua tia Ricardina!

A viscondessa deixava-se abraçar, sem comprehender as palavras, todavia clarissimas.

Ouvira, porém, dizer *Ricardina;* e desde muito que sua mãe, miudas vezes, lhe contára que uma infeliz irmã, que tivera, tinha morrido no Brasil, porque nunca mais chegaram noticias d'ella.

Ricardina e *Brasil* foram reminiscencias que lhe alumiaram a confusão e perplexidade do espirito.

Estas combinações formou-as instantaneamente; e, bem que as expressões naturalmente lhe faltassem, o espasmo em que permanecia nos braços de Ricardina, inculcava duvida, ou talvez incredulidade. Como quer que fosse, aquelle silencio lethargico poderia a mãe de Alexandre, e, peor ainda, a fugitiva amante de Bernardo Moniz interpreta'-lo como antojo e desprazer de

tal encontro. Ferida da injusta suspeita, D. Ricardina, subito esfriada do calor impetuoso do jubilo ou da saudade, disse:

—Perdôe ao meu coração este desafogo. A senhora viscondessa não ha de envergonhar-se de encontrar a irmã de sua mãe, a mulher condemnada a não têr mais familia que um filho...

Mathilde, desapressada já do seu assombro, retomou para o seio a retrahida senhora, e exclamou:

—E' minha tia Ricardina? é? Alexandre é meu primo? Santo Deus! Desperte-me d'este sonho... diga-me que é a irmã de minha mãe que tanto se lembrou no fim da vida da sua desgraçada Ricardina.

—Se seu pae aqui estivesse...

—Meu pae? diga-me o nome de meu pae...—atalhou a viscondessa.

A filha de Clementina sorriu da duvida de Mathilde, e disse:

—Seu pae era meu primo Luiz Pimentel.

—Ah!—clamou a viscondessa como esclarecida por outro raio de luz, seu filho é tambem *Pimentel*...

—Pois, se elle é meu filho...—disse com maviosas lagrimas Ricardina.

—O' Virgem do céo! que alegria! que medo eu tenho de estar delirando!—exclamava a viscondessa, pondo as mãos, comprimindo a cabeça, dando grandes passos no abafado tapete.

A irmã de Eugenia, de novo abraçada na sobrinha, dizia-lhe que Deus lhe reservára para tarde as compen-

sações das grandes saudades, que a torturaram vinte e dois annos.

—Eu soube, ha muito tempo, que minha irmã vivia —proseguiu a mãe de Alexandre—sabia, e não pude dizer-lhe: «minha irmã, não me procures, não me respondas; mas sabe que eu ainda vivo, e estou aqui tão perto de ti...»

—E por que não lh'o disse, minha tia?!

—Por quê?... Eu lh'o direi, quando fôr tempo...

—Diga-m'o já—supplicou a sobrinha.

—Pois sim... digo-lhe sómente o que é indispensavel dizer-se... porque o pae do meu filho... morreu... morreu infamado...

Os soluços embargaram-lhe a voz.

—Não me conte essa desgraça, que minha mãe tudo me contou—disse Mathilde.

—Morreu infamado...—tornou vigorosamente Ricardina—mas penou innocente; porque o pae de meu filho não matou os lentes. Não os matou, minha sobrinha, juro-lh'o pela vida do meu Alexandre; mas teria sido enforcado, se seu avô e meu pae o não mandassem matar. Deus perdôe ao homem sanguinario!... e perdoae-me vós, Senhor, se já o julgastes no vosso divino juizo... Morreu, tão amaldiçoado, que não pôde legar os seus appellidos ao filho, nem elle sabe, o meu pobre anjo, quem foi seu pae... Como havia de escrever eu a minha irmã, sem que meu filho entrasse no conhecimento da sua mysteriosa origem? Que desculpa lhe daria do meu silencio? Como poderia eu dizer-lhe: «sabe

quem foi teu pae; mas não o digas; porque a sociedade te carregará com o desprezo que ainda pesa sobre a memoria de teu pae.» Aqui tem, minha sobrinha, a razão porque não escrevi á minha irmã, que tanto chorou na ultima hora em que eu fui, tão desgraçadinha, tão morta de mil angustias, atirada ao desamparo; mas, meu Deus! porque me queixo? Que santa me enviou o senhor! Devo-lhe a formatura de meu filho, que lhe nasceu nos braços... Se ella não fosse, quem descobriria a grande alma de meu filho e o talento que lhe dá a certeza do pão de cada dia!

Interrompeu-a a viscondessa, exclamando de golpe:

—Onde está meu primo?

—No escriptorio da redacção do seu jornal.

—Vamos busca'-lo, minha tia?—tornou ella radiosa de jubilo.

—Que surpresa, meu Deus!—disse a mãe com anciosa alegria.

—Vamos? como hade ser? que lhe diz? Nós combinaremos.

E, carregando n'um botão de campainha, disse á sua creada de quarto que mandasse immediatamente pôr os cavallos á caleche.

E, voltando para a tia, continuou:

—Já sabe que está em sua casa? que não torna para a rua dos Calafates? que vou dar as ordens para se arranjarem os quartos? Olhe, o seu está promppto, que é o meu. Pelo menos em quanto não conversarmos

quinze dias e quinze noites, nem a deixo dormir, nem sair da minha camara.

—Mas olhe, filha!—atalhou D. Ricardina—como hei de eu explicar ao meu Alexandre este encontro? Elle pergunta-me se eu ignorava que tinha uma irmã... Pergunta-me como pude eu mentir-lhe dizendo que era de Lisboa... Jesus!...

—Não sei, não quero saber d'isso—contrariou a viuva.—Diga-lhe a verdade, e esconda-lhe o que sómente fôr necessario... Não lhe diga o nome do pae... pois não é assim?...

—Não sabe, minha sobrinha, quanto é singular o caracter de meu filho... Perderei eu de seu amor por lhe ter mentido?

— Isso póde lá acontecer, tia Ricardina!... Estou douda—proseguiu em desencadeadas idéas a viscondessa—Estou douda!... *Minha tia!*... e ainda tão bonita!... Bem me dia dizia minha mãe: «Se tu visses tua tia Ricardina, verias a mulher mais formosa do mundo.» E depois de tantas amarguras, estar assim, que não representa mais de trinta annos!... Quantos tem meu primo?

—Vinte e dois, minha querida Mathilde.

—Que prazer me deu agora!—exultou a viuva abraçando impetuosamente a tia—Olhe que ainda me não tinha tratado por *tu*... Tem então meu primo Alexandre vinte e dois annos?

— Vinte e dois.

—E eu vinte, e mais dois mezes. Veja lá, minha tia!

e já viuva!... Não lhe parece que tenho trinta annos?

—Não, creança!...

—Imagina lá quanto eu tenho padecido desde que me sacrificaram... Estou rica; foi para isto que me casaram... Que aconteceu? perdi a amizade de meu pae, por que fui eu a primeira a abominar o despotismo, a violencia com que me repelliu de si. Depois...

—Está a caleche prompta—avisou a creada.

—Vamos, vamos! Ah!... espere...

E chamando a creada, ajuntou:

—Vae buscar o meu casaco de velludo preto para minha tia, que está frio.

—Para quem, senhora viscondessa?

—Para minha tia Ricardina, que é esta senhora.. Depressa.

A viscondessa, em verdade, representava uma menina de dez annos, sem poder soffrear os raptos da infantil alegria. Em quanto a creada não veiu com o casaco, beijou a tia, quiz levanta-'la nos braços, anedeou-lhe os cabellos, sentou-a no collo, aqueceu-lhe as mãos com o bafo, rebeijou-a nos olhos.

—A felicidade póde endoudecer as pessoas que resistiram á desgraça, minha tia?—perguntava ella descendo ao pateo onde as urcas escarvavam impacientes no lagedo.

—Onde é o escriptorio?—perguntou a viscondessa.

—Não sei...—disse a tia.

—Nós perguntaremos ahi no Chiado,

....

Contava-se, ao outro dia, no Marrare, que a viscondessa da Garandella enviára da portinhola da caleche um recado pelo trintanario ao jornalista Alexandre Pimentel, o qual sahiu logo do escriptorio da redacção, e, depois de uma curta demora, voltou a sentar-se á banca, onde concluiu um artigo invectivando a authenticidade das côrtes de Lamego.

Este caso devia ser mediocremente reparavel n'uma cidade em que enxameiam damas que mellificam as bocas dos oradores parlamentares, e suggerem em cabeças rombas argutos Girardins.

Não lembrou a ninguem que a gentil viscondessa da Garandella se bandeasse em tribu politica inversa das idéas do jornalista, e se aventurasse, arriscando os creditos, a raptar por tão directa investida a intelligencia mais poderosa da opposição. A critica era mais verosimil.

Dizia o predominante boato que o *excentrico* Alexandre vingára enlouquecer a cabeça da viuva, levando-a á extremada affouteza e desprimor de o ir, de noite, procurar no escriptorio do jornal.

Era notavel o espanto! Espanto que ainda é notavel nos casos analogos e millesimos, não faltando quem a esses casos vae chamando sempre originaes, embora os tenha ás dezenas na sua freguezia, na sua rua, e não direi ás dezenas em sua casa, por que seria exaggerar: basta um ou dois para não desmentir a originalidade dos que sobrevierem.

Tambem o leitor se ha de espantar, mas de outras maravilhas.

O trintanario agaloado da viscondessa da Gandarella entrou no escriptorio, onde o jornalista compunha o artigo que o impressor ia levando a fragmentos para a officina. Perguntou pelo senhor doutor Pimentel.

—Que quer?—perguntou Alexandre, sem ver a pessoa que o nomeára.

—Está alli fóra a mãe de vossa excellencia que o manda chamar.

Levantou-se de salto o jornalista, assustado da extraordinaria saída de sua mãe a tal hora. Foi então que elle viu o lacaio.

—Quem acompanhou minha mãe?— perguntou elle saindo sem chapéo, e dando minima attenção á natureza heraldica do portador.

Desceu precipitadamente ao pateo e viu as lanternas accesas de uma carruagem rente com a soleira da porta. Fixou a vista nos dois vultos mal alumiados e abeirou-se da portinhola, sem mais expressão que uns grandes olhos pasmados, e a mandibula inferior um tanto descahida n'aquelle geito estupido de assombro que é pensão dos mais atilados e imperturbaveis de animo

—Desconheces tua mãe em carruagem tão rica?—perguntou D. Ricardina.—Estás de tal modo aturdido, filho, que nem comprimentas esta senhora!

Alexandre abaixou a cabeça, e murmurou:

—Desculpe-me vossa excellencia... Eu...

A viscondessa offereceu-lhe a mão, e murmurou:

— Entre primos são perdoaveis esses descuidos.

Alexandre não a percebeu, nem acceitou o offerecimento da mão, nem viu cousa que lhe fosse bem perceptivel senão que sua mãe estava n'aquella carruagem com a viuva da rua de S. Francisco.

—Alexandre! admoestou a mãe—tu não vês tua prima que te offerece a mão?!

— Minha prima?!—disse o escriptor—vossa excellencia não é a senhora viscondessa de...

—Sou Mathilde Pimentel, sobrinha de D. Ricardina Pimentel, e prima de Alexandre. Peço-lhe, meu primo, o favor de entrar n'esta sege, e sua mãe lhe desfará as duvidas d'este parentesco...

Alexandre apertou a mão da viscondessa, e, cobrando a quietação propria do seu natural, disse:

— Não posso obedecer já, minha senhora, porque tenho obrigações indeclinaveis que me prendem por uma hora, mas ámanhã irei pedir a vossa excellencia que...

—A'manhã!! hoje—atalhou Mathilde—A casa de minha tia Ricardina é na rua de S. Francisco. Se quer que lhe mande buscar alguns livros ou papeis á rua dos Calafates, diga-m'o meu primo; que a sua ida d'aqui é para casa de sua mãe.

—Minha senhora—replicou Alexandre sorrindo—eu creio que estou n'um perfeito estado de vigilia; mas assim mesmo, não sei que visualidades dramaticas me está parecendo esta surpresa! Seja como fôr, a anciedade de saber que lance é este da minha vida leva-me a pedir a vossa excellencia e a minha mãe a explicação, e licença

de ir hoje mesmo recebe'-la, visto que vossa excellencia...

— Bem — cortou a viscondessa. — Nós vamos para casa, a carruagem vem busca'-lo d'aqui a tres quartos de hora, já que o não podemos arrancar aos seus amores da gazeta. Adeus, primo.

— Minha senhora...

— E não me chama prima, o soberbo — queixou-se graciosamente a viscondessa a D. Ricardina.

— Minha prima, ou minha irmã, visto que vossa excellencia tão amigavelmente sentou minha pobre mãe ao seu lado — disse Alexandre beijando-lhe a mão.

— Adeus — concluiu Mathilde commovida.

— Meu filho, até logo... — disse a mãe.

A carruagem rodou estridente e rapida.

Alexandre quedou-se ainda estupefacto encostado ao batente de uma portada. Depois...

Aqui é que é o espanto!... Depois, subiu, sentou-se á banca, e continuou o trabalho impugnativo das mythologicas côrtes de Lamego com um periodo, que começava d'este feitio: «Davam-se as mãos o direito visi-«gothico e o direito canonico, vigentes em Portugal, «concedendo ás femeas a successão da corôa, como se «infere luminosamente do Chronicão Irinesio, no fim da «Historia Compostelana, vol. 20 da *Hesp. Sagrada.* «Portanto: é improvavel e absurdo que D. Affonso Hen-«riques perguntasse aos barões congregados em Lamego «se as femeas deviam succeder na corôa. E, se não,

«foi chamada *reinante* e não *regente* D. Thereza, viuva «do conde D. Henrique?...» *etc.*

E assim, n'estas velharias crassas e untuosas até ao fim da demonstração! Isto, aos vinte e dois annos de edade, e á hora em que lhe cahia das nuvens iriadas de não sabia elle que espheras uma prima titular, viscondessa, segundo a nomenclatura terreal, e rainha para seraphins e potestades, se a dynastia dos deuses pudesse ser usurpada!...

XXV

O CORAÇÃO NÃO SE REGULA PELAS LEIS VISIGOTHICAS

A's primeiras alvoradas do seguinte dia, após quatro horas de pratica entre as duas senhoras e Alexandre, o filho de Bernardo Moniz sabia o nome de seu pae, e a minudenciosa historia de Ricardina, desde os dezoito annos. O dissabor de ter sido inutilmente enganado por sua mãe era grande e até certo ponto justo; não obstante o respeito filial aconselhou-o a dar como justificados os receios de Ricardina, quanto ao opprobrio comminado pela sociedade ao filho de um supposto assassino dos dois lentes de Coimbra. Para Alexandre, a certeza que sua mãe lhe dera da inculpabilidade de Bernardo Mo-

niz não era juridica e racionalmente bem provada. A juizo d'elle, a culpa dos que não ensanguentaram suas mãos na carnificina era menor, sem deixar de ser grande. Dizia elle, passados dias, que a memoria de seu pae estava sempre denegrida, por que não lh'a podia elle revindicar. E dizia-o profundamente maguado, depois de ter ouvido as tradicções, os processos ainda existentes, e os insuspeitos esclarecimentos dos contemporaneos.

Os primeiros tempos de transformação na existencia das duas familias passaram-na ora doce, ora amarga intimidade de mutuas revelações. A viscondessa contava a sua tia as cousas ignoradas, quanto ao fim de seu avô, o deão, cuja morte, em Roma, Ricardina tinha lido n'um periodico brasileiro. De sua mãe referia as angustias dos ultimos tempos, a separação violenta, motivada pelas infamadas tradições de sua avó. Então, Ricardina pintava com vivas côres, realçadas pelo pranto, a morte de sua mãe no convento das Chagas, e pedia a Deus que melhorasse a condição do inexoravel mundo que não perdoava ás desgraçadas, remidas pela contricção e pelas agonias resultantes dos delictos da juventude.

Sobrevieram dias de contentamento, o sol de Deus sem sombra do mal humano a dar em pleno seio de tres pessoas que se consideravam ligadas para muita vida e doradoura felicidade.

Amava Mathilde o primo com tal socego de alma, e tanta segurança de o ter intimo e parte de sua vida, que já não lhe era condição de suprema ventura have'-lo como esposo. Já o sentia noivo no coração; para tudo de

sua casa era elle o conselheiro, o guia, o irmão, a alma radiosa, que tudo alumiava, demudando em horas fugitivas de prazeres domesticos os dias e noites da viuva, tão semelhantes, tão desluzidos até ao momento de encontrar segunda mãe, e n'elle o primeiro amor.

Quando ella pediu ao primo um sacrificio, como quem pedia um acto indifferente—sacrificio como deixar de ser escriptor politico—Alexandre despediu-se dos seus collegas, e para consolar-se dizia entre si: «A minha intenção era ser util em troca do pão que me davam. Eu deveria continuar, independente do estipendio, a escrever? Deveria, se a vaidade me capacitasse de que a imprensa politica regenera politicos. Portugal é um paiz em que sómente se percebem e fructificam as idéas sociaes da *Besta esfolada*. Tudo que não fôr isto, é semente caída sobre penedos. Ninguem lê Silvestre Pinheiro Ferreira, e ainda é procurada a *Defesa de Portugal* do padre Alvito Buela.»

Demasias dos vinte e dois annos, já apagados de illusões, não já por maleficio da experiencia, mas por motivo de se andar sempre ás voltas com as leis visigothicas, e recuar com a vida nove seculos, de modo que, ao amanhecer das trevas do passado, não podia fitar de flecha o sol futuro, visivel a todo o homem nado d'este seculo, desde o regedor, que fabríca o deputado, até ao rei, que Deus guarde.

Um dia, o ex-jornalista apresentou a sua prima um papel, em que ella, em certo pleito com devedores do

seu defuncto marido, constituia seu bastante procurador o bacharel Alexandre Pimentel.

—Então o primo é meu procurador?!—perguntou ella —o meu procurador era...

—Era outro—acudiu elle—; mas hoje, se me der licença, sou eu. Deixe-me ter n'esta casa algum prestimo. Como hei de eu compensar os bens que recebo? e além d'isso, que quer a prima que eu faça ao meu tempo?

—Escreva a sua obra; mas não se apresente como procurador de sua prima, que parece mal.

E elle respondeu com os olhos embaciados:

—O' prima Mathilde, eu não sei fazer acto que me fique mal. Deixe a meu cargo o que fôr da minha dignidade...

A viscondessa não assignou a procuração.

Alexandre sorriu-se e disse:

— Pois bem; manda-se fazer outra.

Mathilde foi ter com a sua tia, e demorou-se algum espaço em conversação, de que resultou D. Ricardina abraça'-la com effusão de alegres exclamações e muitas lagrimas.

Depois, foi a mãe ao gabinete de Alexandre, e disse-lhe sem preambulos:

— Meu filho, venho dizer que... resolvi casar-te.

—Oh!... então minha mãe... resolveu... —disse risonhamente Alexandre.

—Resolvi, contando com a tua vontade, por que não conto outro tanto com a minha. Mathilde sabe que te ama; e eu sei que tu amas Mathilde. Enganei-me?...

—Eu amo verdadeiramente minha prima—respondeu Alexandre.—Não se enganou quanto ao juizo que formou de mim. Penso tambem que minha prima me considera digno da sua estima...

—E da sua alma.

Alexandre meditou dois minutos e disse:

—Eu precisava de fazer não sei quantas perguntas a minha mãe para que minha prima lhe respondesse... Cifra-se em uma só: pergunte minha mãe á nossa amiga se está bem convencida de que eu, se ella fosse pobre, seria mais feliz n'este momento, dizendo-lhe pela primeira vez que a amo, que lhe agradeço e beijo a mão que me offerece.

—Eu respondo, meu primo—disse a viscondessa entrando no gabinete.—Creio tanto que me ama, como creio no seu orgulho. Já tive occasião de o conhecer...

— Orgulho?!—atalhou Alexandre.—Quererá dizer *pundonor de pobre* que é a mais irrisoria, se não desprezivel, das soberbas? Qual foi o meu orgulho?

—Não sei... A sua memoria que lh'o diga, primo... Eu que não tive nenhum... Amava-me pobre, Alexandre? Tambem eu o amei, quando sabia a sua trabalhosa e honrada vida, e lhe não conhecia nome de pae ou mãe. Que me importava? Mas olhe, primo, o que eu sentia não era meu, não era impulso proprio de virtude... Foi Deus que me guiou e deu coragem para eserever a sua mãe. Se Alexandre fosse outro homem, pode ser que eu, se não estivesse perdida no conceito do mundo, o estivesse diante da minha consciencia.

Mas o que eu fiz se não obedecesse a um presentimento providencial, seria proprio do meu caracter? Não, meu primo. Peço-lhe que me não louve nem condemne...

O auctor da *Jurisprudencia hispanica* deu ferias ao coração, e desairou a sciencia dos Bartolos e Cuvarrubias, apertando nos braços sua prima com o virginal estremecimento de que já hoje em dia não ha gabar-se donzel de vinte e dois abris. D. Ricardina chorava de alegria. As faces de Mathilde purpurejavam-se, ao mesmo passo que o rir dos olhos estava declarando que o jubilo e o fogo da paixão algumas vezes, por equivoco do colorido, se chamam erradamente pudor.

Ha pouco e desnecessario que se diga desde este abraço até ás nupcias.

Quem disse tudo, n'aquelle anno de 1852, foi a nata social do Lisboa, onde corre que ninguem contende com as vidas alheias. Pois conjuraram as pessoas mais descuriosas em sophismar o parentesco do litterato com a viscondessa, anojando-se do inutil e piegas fingimento. Se queriam amar-se a casar-se e delapidar o cabedal do defunto, escusavam de se inventarem primos. Primos! quando toda a gente sabia que a mãe do escriptor era inquilina d'umas aguas furtadas na rua dos Calafates, e elle um tal Pimentel, que não sabia dizer quem houvesse sido seu pae.

Os *jovens* de espirito, provado em trinta annos de remoques e chanças, perguntavam se o massudo discreteador de concilios e senatus-consultos obrigaria a esposa a digerir prelecções de direito suevo, e os canones

de S. Fructuoso e de S. Martinho de Dume. Outros contavam que a viscondessa, ao oitavo dia de noiva, como sentisse sair da camara conjugal o marido por noite alta, saira depós elle, abrasada em ciumes, e o encontrára em cuecas e *robe de chambre*, folheando o *De statu imperii germanici*, de Pufendorfio.

Até certo ponto a zombeteira satyra feria o alvo, porque Alexandre Pimentel continuava a estudar, e a esposa folgava de inclinar-se sobre o rebordo gradeado da sua mesa de escripta, e alli se quedava horas a ve'-lo escrever, intermeando-lhe gracejos que o faziam rir dos doutos varões que o tinham enchido de sabedoria e de pó.

XXVI

O REPATRIADO

Nos jornaes de Lisboa appareceu o seguinte annuncio:

O jurisconsulto que se considerar capaz de auxiliar o trabalho de outro, que se propõe escrever a HISTORIA DA LEGISLAÇÃO NA PENISULA HISPANICA, *dirija-se á rua de S. Francisco, n.º 6, casa onde reside Alexandre Pimentel. Offerece-se remuneração correspondente ao serviço.*

Este annuncio fez rir.

—Não ha nada mais pedante!—O sabio a convidar officiaes para o fabrico de uma droga porque as tendas suspiram!—O dinheiro do visconde da Gandarella, a mais sincera cavalgadura que viu Lisboa, convertido em livros de sciencia do direito dos ostrogodos! Escouceia na tua campa, indignado arcabouço de visconde!

Falava assim o chiste do Marrare, algum tanto mais salgado que o espirito salitroso dos sabios não polluidos em botiquins.

O primeiro homem que acudiu ao convite era um sujeito de cabellos brancos, feições indicativas de juventude gentil, bem assombrado, modestameute vestido.

O annunciante recebeu-o affavelmente; e do interrogatorio delicadamente feito inferiu que o concorrente era bacharel em direito, e advogado nas possessões portuguezas de Africa desde 1829 até 1851, epoca em que voltára para Portugal.

Explicou-lhe Alexandre o seu plano de trabalho. As observações do pretendente denunciaram ao moço que o sujeito não era hospede em pontos pouco versados na advocacia.

—Onde fez as suas leituras?—perguntou Alexandre.

—Nas bibliothecas fradescas de Loanda.

—Transferiu-se vossa senhoria a Loanda provavelmente emigrando em 1828?

—Sim, senhor.

— E não quiz voltar logo que a liberdade foi restaurada?

— Inercia, indifferença e esperança nenhuma. Retirei-ha um anno, porque as doenças climatericas me impossibilitavam de advogar.

— Ainda não tive o prazer de saber o nome de vossa senhoria...

— Paulo de Campos.

— Onde reside?

— N'um hotel particular, rua Augusta, n.º 52, 3.º andar.

— Quando quer o senhor Campos começar a auxiliar-me?

— Quando vossa excellencia ordenar.

— Seja ámanhã, se lhe não desconvém. Desde as nove da manhã até depois do meio dia; e, se lhe approuver, reservaremos algum pouco da noite para praticarmos em assumptos adequados ao nosso empenho. Permitta-me dizer-lhe que reputo este auxilio no valor de cem mil réis mensaes.

— E' mais que generosa remuneração.

— Senhor Paulo de Campos, até ámanhã.

Saíu alegremente o advogado do ultramar, e foi ao hotel, onde o esperava um velho que representaria sessenta e oito a setenta annos.

— Dá-me os parabens, Norberto! disse Bernardo Moniz.

— Arranjou-se? — exclamou o Calvo com jovial aspecto.

—Melhor do que eu pensava... Cem mil réis por mez! Olha tu o que ahi vae de dinheiro, e em que occasião Deus se compadeceu de nós!... Já não é necessario vender o teu diamante, ouviste? Guarda-o para os teus sobrinhos. No mez que vem já temos dinheiro para ires á Beira saber o que é feito de tanta gente. Dos meus sei eu que tudo é morto, e que meu irmão mais velho vendeu as poucas terras aos dois irmãos do Brasil. Tive hoje um casual encontro com quem m'o disse.

—Mas a riqueza que hade estar nas ruinas da casa? —observou Norberto.

—Sobre as ruinas da casa levantaram meus irmãos um palacete. A quem pediremos nós os bahus de meu pae?! Meu amigo, convence-te de que o teu Bernardo apenas vive na tua alma; que para tudo mais morreu. Não me fales em riquezas... Dize-me sómente que busque agenciar o teu pão e o meu. A mim que me servia hoje ser rico? Velho, sem nome, sem parentes, sem amigos... A morte não me quer...

—Que a leve o diabo! se eu não arranco vossa senhoria de Loanda, lá esticava a canella com trinta milhões de... Isto aqui sempre é terra de gente! Vossa senhoria não tem ido passear por essas praças? Anda só mettido pelos cemiterios a cuidar que topa a sepultura da senhora D. Ricardina, lá por que o degredado de Midões lhe disse em Angola que os Pimenteis a tinham mandado para Lisboa! Valha-o Deus, senhor doutor! Tanto tem chorado ha vinte e quatro annos, e tem sempre que chorar!... Aqui estou eu agora...

—Estás ahi tu agora tambem com as lagrimas nos olhos...

—Pois que quer?... Aquella minha adorada menina!... Se houvesse Deus, ella não tinha morrido assim... Isto de religião é uma historia, senhor doutor. Eu, se soubesse ler—acrescentou elle com blasfema raiva—havia de escrever que não ha Deus, nem céo, nem inferno...

—Não digas sandices, Norberto — interrompeu Bernardo.—Não vês a providencia bem sensivel na fortuna que eu tive de encontrar trabalho, onde estava receando tocar a indigencia?

—Isso é verdade...; mas diz lá o dictado, e queira vossa senhoria perdoar, *burro morto*... sim... depois que a fidalga morreu, e morreram seus irmãos, e seu pae, e vossa senhoria que penou tantos annos, é que lhe apparece... e que lhe apparece?... trabalho. E' grande fortuna, não tem duvida!... se lhe apparecesse dinheiro, sem trabalhar, ainda está feito.. E os patifes que vivem regalados sem trabalhar, tem outro Deus? Se o tem, o nosso não é melhor, cá em quanto a mim!...

—Estás hoje impio, meu sargento!... Olha que não vae isso bem ás tuas barbas! Trata agora de comer e beber, e não te zangues. Deixa rolar o mundo debaixo do pé de Deus, que vae bem. E, se vae mal, quem assim o fez, póde melhora'-lo quando quizer.

—Então que melhore! Essa é que é cá a minha birra! Então que espera Deus? não faz favor de me dizer?

—Manda vir o jantar, Norberto; a tua impiedade é fome, cuido eu.

No dia seguinte, Paulo de Campos annunciou-se ao marido da viscondessa da Gandarella. Foi introduzido n'uma espaçosa bibliotheca, onde, pouco depois entrou Alexandre.

Conversaram largamente sobre variados assumptos. Mostrou o litterato a summa dos seus trabalhos já feitos e os vastos apontamentos indiciativos do muito que restava elaborar.

Paulo de Campos, maravilhado, perguntou:

—Que annos tem vossa excellencia?

—Vinte e dois e alguns mezes.

—Quando se formou?

—Em 1850.

—Deve ter estudado prodigiosamente! Acho em extremo temporãs as suas tendencias para tão graves estudos! E' de suppor que a universidade actual facilite a sciencia mais francamente do que no meu tempo, em que os mais applicados raro transcendiam os limitados horisontes do compendio.

—Em que annos frequentou vossa senhoria?—perguntou Alexandre.

—De 23 a 28...

—1828?—atalhou o escriptor com vehemente interesse.—Então foi contemporaneo d'aquelles desgraçados que mataram os lentes?

—Sim, senhor.

—Conheceu alguns?

—Quasi todos.

—Lembra-se dos nomes?

—Talvez... Conheci o Reis, o Mansilha, o Couceiro, o Mattos, o Carneiro, e outros...

—Vejo que se lembra dos que morreram enforcados; mas alguns fugiram.

—Assim ouvi dizer.

—Dos que fugiram conheceu o Moniz?

—Sim, senhor.

A physionomia de Paulo de Campos resistiu aos movimentos do coração.

—Conheceu-o?... tratou-o pessoalmente?

—Creio que sim... E' vivo?

—Nada, não: mataram-no; mas motivos de outra ordem, segundo se conta. Queira dizer-me: vossa senhoria nunca pensou na possibilidade de rehabilitar a memoria d'esses infelizes doudos?

—Penso que a maior esmola que póde fazer-se á memoria d'elles é esquece'-los. E vossa excellencia cuida outra cousa, ou tinha algum interesse em rehabilita'-los? Seria, por ventura, parente d'algum?

—Nada, não tenho pensado n'isto, senão como compadecido de tão infausta sorte de homens, na flôr da vida! Morreram pela redempção da liberdade, e nem a bandeira misericordiosa da liberdade baixar-se a defender-lhes as cinzas!... Parece-me atrós!...

—De maneira que vossa excellencia é um anjo no meio d'esta sociedade que, a meu ver, nunca perdoou nem perdoará jamais aos desatinados moços que desfi-

zeram as espadas em facas de sicarios!... A liberdade não póde absolver algozes...

—Mas tenho ouvido dizer que alguns penaram innocentemente...

. —Os enforcados?

—Sim.

—Penso que não. Creio, porém, que nem todos os fugitivos tiveram de lavar as mãos ensanguentadas.

Alexandre reteve uma pergunta que poderia preparar outras perigosas. Mudaram de assumpto, e despediram-se para se reunirem á noite.

Proseguiram nas suas lucubrações por espaço de quinze dias.

Alexandre tinha no seu collaborador um auxiliar intelligentissimo, e além de tanto, ainda um sympathico amigo.

Ao decimo sexto dia, Paulo de Campos não chegou ás horas; mas enviou Norberto Calvo com uma carta em que se desculpava com o seu achaque de figado, que o não deixava sahir.

Alexandre Pimentel foi immediatamente visita'-lo.

Estava o enfermo sentado no leito, quando o seu amigo entrou conduzido pelo velho das grandes barbas.

XXVII

O retrato de Ricardina

Abeirou-se Alexandre do catre.

—Não venho sómente visita'-lo—disse elle.—Venho pedir-lhe que me deixe ser seu enfermeiro em casa de minha mulher. Ella e minha mãe tambem lhe pedem.

—Não tive a honra de beijar as mãos a suas excellencias; mas irei agradecer-lhes tamanha honra logo que possa. A minha enfermidade é passageira. São tres dias pelo costume. Isto cede á quina, em quanto a morte não vier resolvida a zombar da quina. Por em quanto, parece-me que a inimiga dos desgraçados anda por longe a decepar cabeças ardentes de esperanças, e a orphanar creancinhas. Os homens inuteis como eu morrem tarde.

—Ahi começa com as tolices! disse Norberto.

Alexandre olhou contra o desempenado interventor e disse:

—Quem é este homem? é seu creado?

—Não, senhor; é um meu amigo de vinte e seis annos.

Alexandre remirou o septagenario, e disse:

—É uma raridade!

—Vou á botica, senhor doutor?—disse Norberto.

—Vae.

Bernardo Moniz tinha a camisa desabotoada no pescoço, e por entre os peitos d'ella deixava ver uma medalha de ouro cuja circumferencia cobriria a palma da mão.

Alexandre reparou; e animado pelo affecto que tinha ao seu collaborador, disse, indigitando a medalha:

—São reliquias da mocidade?

—São: conservo-as como adorno do cadaver. Póde ser que vossa excellencia assista ao meu passamento: chegada essa hora incerta, não permitta que me despojem d'esta medalha. Não podia caír mais a proposito o pedido. Seria ingratidão esconder o thesouro cuja defesa se pede. Veja vossa excellencia. É um retracto de mulher.

Alexandre examinou a pintura em marfim, e disse commovido:

—Formosissima!... Que annos teria?... parece-me tão creança!

—Tinha dezeseis para dezesete.

—Morreu?

—Ha vinte e quatro annos.

—E' uma maravilha! Se tal rosto não tivesse existido, seria ainda um primor de belleza artistica. Era portuguez o pintor?

—Era portuguez.

—Viverá ainda?

—Morreu.

—Quanto eu daria por encontrar artistica que retra-

tasse com este esmero minha mãe e minha mulher!... Vossa senhoria faz-me a fineza de consentir que Mathilde veja este retrato?

—Pois não!

—Hoje mesmo lh'o restituo. Prometto-lhe que ha de ser curto quanto possa ser o tempo da saudade.

—Quando vossa excellencia quizer. Eu tenho-a no coração.

—Até logo.

Alexandre chegou a casa. Mathilde estava tocando piano. D. Ricardina, sentada em uma poltrona, escutava a musica triste de Bellini, com os olhos na sobrinha e o coração nos dias dos seus dizoito annos.

Entrou Alexandre na saleta. A viscondessa levantou-se a beija'-lo, e elle foi beijar a mão de sua mãe. Depois sentou-se, e disse com a mais comica seriedade:

—Mathilde, amei-te muito, e cuidei que te amaria sempre, por me parecer que não encontraria mulher mais bella do que és. Achei-a fatalmente. Rompeu-se o encanto. Tudo isto se desfaz em fumo como os paços lindos da amorosa D. Branca do Garrett. Acabou o teu dominio. Não vou resgatar o imperio sarraceno como o principe arabe do poema; mas vou-me aos braços de mais formosa Armida. Para justificação minha, perante céo, terra e inferno, e principalmente perante ti, minha infeliz esposa, aqui tens o retrato da tua vencedora rival!

Mathilde rindo ás gargalhadas da declamação do marido, pegou na medalha, fitou-a, e exclamou:

— Realmente é formosa! isso é! que mulher é esta?!

D. Ricardina, que tambem rira muito, disse lá da sua cadeira:

— Mais formosa do que tu, Mathilde?

— Não ha comparação, minha tia... Quer vêr?

E levou-lhe o retrato inclinando-se a mostrar-lho á mais conveniente luz.

Ricardina levantou-se de golpe, e despediu um grito estridulo.

— Que é! exclamaram os dois.

— Meu Deus! — bradou Ricardina. — Este retrato... é o meu... é o retrato que teu pae me tirou em Coimbra!... é o que elle levou, quando se despediu de mim para sempre... Onde achaste, meu filho, onde estava este retrato?

Alexandre quedára-se estupefacto a olhar para a mãe. Não respondia, não pestanejava. Parára-lhe a vida.

— Que tens, Alexandre? — acudiu a viscondessa — que tens, meu filho? estás a perder a côr!... Pois como te veiu á mão este retrato?... Achaste-o a vender, ou como foi?...

A ultima pergunta de Mathilde foi luz e ordem no cháos das suas idéas. Deteve instantes a resposta e disse:

— Comprei-o.

Quando proferiu a palavra, o seu intimo pensamento era cuidar no modo de salvar a mãe, dando-lhe esperanças de estar vivo Bernardo Moniz, esperanças que

podiam ser falsas, e talvez fulmina'-la de alegria sendo verdadeiras.

—Está bem certa que esse retrato é o seu, minha mãe?—instou elle.

—Certissima, filho! pois poderia eu enganar-me tendo-o tido tantas vezes na minha mão?... Como viria este retrato parar a Lisboa? Foi por força tirado do pescoço de teu pae por algum dos matadores...

—Vou indagar isso, minha mãe; dá-me o retrato, Mathilde.

—Não dou. Compra-o por tudo quanto quizeres.

—Compro, filha; mas é necessario que eu o leve.

—Olha lá!... se o não trazes, fico triste!...

Pouco depois, Alexandre entrava no quarto de Bernardo Moniz. Estava Norberto ministrando-lhe a tizana quinada.

O filho de Ricardina encarou o doente com os olhos revendo lagrimas.

Bernardo notou os signaes compadecidos d'aquelle olhar, e disse:

—Vejo que o retrato motivou a piedade das senhoras, na qual vossa excellencia tomou parte... Já este meu velho me estava dizendo que era máo agouro deixar eu sahir o retrato do meu pescoço...

Alexaadre inclinou-se ao ouvido do doente e disse-lhe:

—Pode mandar sahir este homem por algum tempo?

—Sim, senhor... Sae, Norberto.

—Espere!—exclamou Alexandre, suspendendo a sahida do velho. — Chama-se este homem Norberto Calvo?

—Sim, chama; como sabe vossa excellencia...

—Então que fique.—E inclinando-se sobre o seio de Bernardo, continuou: Responda, peço-lhe com as mãos erguidas, responda verdade ás perguntas que vou fazer-lhe. Promette-m'o com juramento feito sobre a sua honra? Não haverá impedimento algum que lhe embarace o responder-me?

—Nenhum.

—Jurou, senhor?

—Pela minha honra.

—Este retrato é de Ricardina?

—E';... mas... o senhor Alexandre...

—O senhor chama-se Bernardo Moniz?... Não hesite, por piedade lh'o peço. Não duvide responder-me...

—Sou Bernardo Moniz.

—E'!...

—Sou, sou Bernardo Moniz!

Alexandre abraçou-o impetuosamente, e exclamou:

—Quem poderá ser este homem que o abraça?

—Um amigo que Deus me enviou...

—Pois estas lagrimas!... Não vê que choro, meu pae?

E escondeu no seio a face soluçante.

—Que disse elle?!—perguntava Bernardo a Norberto, offegando em anciosos arquejos.

O velho não soube dar melhor conta do seu ouvido e entendimento. Achegou-se mais de perto, e murmurou:

—Eu... parece que ouvi dizer...

Alexandre Pimentel levantou a cabeça, tomou as mãos do pae, beijou-as, acariciou-as, e repetiu:

—Sou seu filho. Sou filho de Ricardina. Nasci quando minha mãe o considerava morto. Minha mãe é viva.

Conclamaram, a um tempo, Bernardo e Norberto dois grandes brados, abraçando-se conjunctamente em Alexandre.

—Ricardina é viva!—exclamou Moniz.—Ricardina é viva!...

—Diz-lh'o o seu filho!...

—Foge-me a razão!... Deixae-me viver, meu Deus! deixae-me ve'-la, virgem do céo!...—exclamava Bernardo bracejando amparado pelo filho, que o não deixava sair do leito.

De subito, ao violento escabujar, seguiu-se uma convulsão, depois umas brandas tremuras, e após ellas o quebranto precursor d'um accesso febril.

Alexandre saiu a dar ordens que se chamassem medicos. Voltou para a beira do leito onde Norberto estava chorando e abraçou o velho, que lhe perguntava:

—Pois o senhor é na verdade filho da milha querida fidalga? E ella está viva? Mal haja seu avô que me disse que estava morta! Tantos seculos esteja no inferno como lagrimas chorou seu pae!... Fui que lhe

levei a noticia a Hespanha! Mal haja eu tambem que me fiei n'aquelle carrasco! Pois se elle me disse: «essa mulher morreu!» que havia de eu cuidar? Fui a Oviedo, e disse ao senhor Bernardo «A senhora D. Ricardina morreu!» Ai senhor! eu não sei como este infeliz está ainda vivo!... O que elle tem penado ha vinte e quatro annos!... Pois o senhor é filho da fidalga?—tornava Norberto, querendo levantar nos braços Alexandre, com infantis caricias.—Ella, a minha querida senhora, já sabe que o senhor Bernardo Moniz está vivo?

—Não.

—Ai! que ella em o sabendo, é facil morrer de alegria!... Mas quem nos diz a nós que o senhor Bernardo não morre?

—Não morro, meus amigos...—murmurou o enfermo, resfolegando ardente bafagem. Não morro; mas tua mãe... póde morrer, filho!

—Hemos de salva'-la ambos. meu pae!...

XXVIII

EM FIM...

Bernardo Moniz e o filho combinavam preparar o lance, modificando-lhe o perigo da repentina surpresa. Eram elles os menos aptos para combinação que deman-

dava grande socego d'alma. Bernardo não soffreava os impetos da impaciencia fogosa de ve'-la. A cada instante desvairava as cogitações do filho interrompendo-lh'as com perguntas allusivas á vida de Ricardina. N'este conflicto, Norberto Calvo, depois de ouvir longo tempo calado as razões de pae e filho disse:

—Quem hade ir tratar d'isso sou eu.

—Ainda agora serás tu o nosso salvador, Norberto? —perguntou Bernardo, extendendo os braços para o velho.

—Vamos a isso... tornou o Calvo resolutamente. E expoz em seguida o seu plano, que foi applaudido.

Bernardo Moniz vestiu-se tiritando caléfrios. Não houve suste'-lo, porque a sua saída fôra condicionada no plano de Norberto.

Entrava Alexandre em casa quando a esposa e mãe o esperavam inquietas e receosas da extraordinaria demora.

—O' filho!—exclamou a viscondessa—tardaste tanto!

—Se tu soubesses... se minha mãe soubesse em que mãos estava o retrato!... Era um velho que diz ter sido muito amigo de meu pae...

—Algum condiscipulo d'elle?—perguntou D. Ricardina.

—E não t'o deu? Não trazes o retrato?

—Está ahi o homem que o tinha.

—Como se chama?—tornou a mãe.

—Eu vou manda'-lo entrar.

—Então vamos á sala?—perguntou a viscondessa.

—Não é de ceremonias o sujeito. Eu conduzo-o para aqui.

—Quem será?—disse Ricardina á sobrinha.—Olha que estou a tremer, filha!

—Bem vejo! mas por que treme?

—Eu sei!...

Levantou Alexandre o reposteiro da antecamara de sua mãe.

Entrou primeiro o ancião, vestido com a sua farda de sargento, com o boné sobraçado e as mãos nas algibeiras. Abaixou a cabeça e parou alguns minutos a vista enfraquecida nas feições da filha do abbade. Ricardina continuava a tremer, encarando muito de fito no aspecto do veterano.

—Veja lá se conhece o Calvo!—disse Norberto.

—Quem?—murmurou Ricardina, como se o dissesse para si mesma.

—O Norberto Calvo, o seu creado, o amigo do senhor Bernardo Moniz.

Ricardina levantou-se, caminhando vacillante para elle, com os braços abertos em cruz, pedindo com este gesto que lhe déssem amparo.

—Ora venha de lá esse abraço!—disse o sargento.—Deixe-me abraçar a minha menina!

E levantou-a, exclamando:

—O velho ainda tem força! Não pésa tres arrateis a minha fidalga! Parece-me que estou como ha perto de quarenta annos, quando ella me botava os bracinhos, para eu a levar comigo. Então que me diz, senhora D.

Ricardina? Conhece ou não conhece o Norberto? Parece que não acredita!

—Acredito...—balbuciou ella.—Só tu podias ter o retrato do meu infeliz Bernardo...

—Infeliz é o diabo!—accudiu Norberto.—Aqui não ha ninguem infeliz... E' o que lhe digo! A infelicidade acabou-se! Agora, viva a alegria!

E, dizendo, atirou o boné ao tecto, aparou-o, e, atirando-o de novo, repetiu:

—Viva a alegria!

D. Ricardina desconfiou que o velho estava areado do juizo, e por isso fez pé atraz, atemorisada e condoída.

—Ella está a cuidar que eu estou maluco, não é verdade, menino?—perguntou o sargento ao filho de Ricardina.—E esta fidalga tambem cuida isso?—indicou elle a viscondessa, a quem dirigiu estas palavras:—Olhe que eu tambem ajudei a crear sua mãesinha, a senhora D. Eugenia, que era a cara de vossa senhoria, sem tirar nem pôr... Pois, fidalga,—continuou, voltado para Ricardina—eu venho aqui pedir-lhe perdão de ter sido o causador de muitas desgraças. Se não fôsse eu, a menina não tinha quem levasse cartas e recados ao senhor doutor, não é verdade?...

—Foi elle que te deu o retrato?—perguntou com sobresalto Ricardina.—Não lhe pudeste salvar a vida?

—Lá vamos. Primeiro quero que me perdôe andar eu com cartinhas vae e cartinhas vão.

—Sim, meu amigo...—respondeu ella, embargada pelos soluços—tu eras o nosso anjo bom... Pergunta

aos meus filhos o que eu tenho dito de ti, Norberto... Se tu pudesse defende'-lo, Bernardo não seria morto... Nunca perguntaste por mim?...

—Perguntei ao senhor abbade, e elle disse-me «essa mulher morreu». E vae a fidalga não tinha morrido, e eu ha vinte e quatro annos a cuidar que vossa senhoria estava no céo! E ella aqui está! a minha menina está aqui diante dos meus olhos! Eu estou acordado—dizia elle, esfregando as palpebras—é ella que eu vejo, sem duvida de casta nenhuma! Ora agora, ha de perdoar-me de eu ser um bruto que me fiei em seu pae. Elle disse-me «morreu» e eu fui para Hespanha, e... fui dizer... que vossa senhoria tinha morrido... mas a quem? a quem? Veja lá se póde adivinhar...

—A quem foi?—perguntou Ricardina espantada, e ainda suspeitosa do tresvalio do velho.

—Ora eu lhe conto... O' senhor Alexandre, vossa senhoria faz favor de contar a sua mãe o que eu lhe disse? Acho-me cá por dentro atrapalhado... Cuidei que podia falar e não posso...

Olhe, olhe as bagadas a cahir-me nas barbas...

D. Ricardina olhava para o filho.

—Que é?—perguntava a viscondessa ao marido.

—Falo eu, senhor Norberto?

—Fale vossa senhoria, que eu estou afogado aqui na garganta... Bem vê...

—Minha mãe;—disse Alexandre, sentando-se no sophá rente com ella e cingindo-lhe o braço pela cintura

—tem ouvido dizer que a felicidade mata mais fulminantemente que a desgraça?

—Pois que é?

—E' que minha mãe tem obrigação de resistir ao choque das alegrias como resistiu ás maiores desditas que ainda soffreu mulher alguma. Escute-me, com a disposição de mostrar que é forte e que me ensinou a mim a valentia da alma. Quando meu avô mandou os assassinos assaltar a casa de meu pae, Norberto matou os dois creados que o esperavam no sitio por onde elle ia a fugir do incendio. Meu pae saiu levemente ferido, e fugiu para Hespanha. Norberto disse que elle tinha morrido ás mãos dos dois creados que já estavam enterrados nas ruinas da casa. A idéa de meu pae era, passando por morto, fazer cessar a perseguição, e esperar minha mãe na Hespanha; mas Norberto, que não entendeu o que meu avô queria significar na palavra *morreu,* foi juntar-se ao seu amigo e nunca mais se apartou d'elle.

—O' meu filho!—exclamou Ricardina—torna a dizer... diz... que a minha cabeça está perdida...

—Pois ahi está! O que eu pretendo e supplico é que minha mãe me escute com serenidade. O que eu lhe disse não é necessario repetir-lh'o...

—Sim...—redarguiu a mãe—entendi que teu pae não morreu então; mas ficou ferido... e morreu depois....

—Agora morreu!—exclamou Norberto.—O ferimento não prestava p'ra nada.

16

—Não morreu?! disse alheada a mãe de Alexandre.

—Não, minha mãe...

—Jesus!... eu não entendo o que me dizem... que é, meu filho, que é o que vaes dizer-me?...

—Que meu pae...

—Sim...

—Póde ser que ainda viva.

—Aonde? meu Deus, aonde?—exclamou ella descahindo do sophá ao tapete, em joelhos com as mãos postas.

—E' isso que nós vamos averiguar, ajudados pelas diligencias do nosso amigo Norberto. Meu pae, depois que recebeu a falsa nova da sua morte, foi para Africa, e lá ficou, e lá estava ha pouco tempo.

—Quem o viu?—bradou Ricardina.

—Fui eu, fidalga—disse Norberto.

—Viste-o!... viste-o, Norberto!—gritou ella, abraçando-se arrebatadamente no velho. — Juras-me pelas Chagas de Christo que o viste?

—Juro, pelas Chagas de Christo e de tudo quanto ha!

—Ha quanto tempo?

—Ha quanto tempo?

—Sim.

—Ha cousa de hora e meia.

D. Ricardina recuou e disse:

—Isto é uma zombaria, Alexandre!...

—Quem viria zombar da minha mãe!—acudiu o filho!—Olhe que Norberto diz a verdade.

—Pois tu viste o sr. Bernardo .. hoje?

—Ha hora e meia... já disse, fidalga, e torno a dizer... E sabe que mais? Eu não sou de caixas encouradas... Alli o sr. Alexandre tambem o viu. Pergunte-lh'o a elle, que sabe dizer as cousas melhor que eu.

—Alexandre!—clamou à senhora incendida e convulsa—Alexandre, viste? Era teu pae quem te deu o retrato?...

—Sim, vi... era meu pae!... Agora choremos... choremos de felicidade, minha querida mãe!

—Mas eu queria ve'-lo... leva-me onde elle está, meu amor! Vens tu tambem, Mathilde? Vamos todos, vem Norberto; mas já... já, que eu não queria morrer sem ve'-lo, e tenho medo... tenho medo de morrer... O coração parece que se me despedaça, meus filhos... Leva-me onde está teu pae... E elle por que não veiu?... porque não o trouxeste, Alexandre?

—Ha dezeseis dias que elle entrava n'esta casa, e minha mãe nunca o viu.

—Elle? — conclamaram as duas senhoras.

—Sim: era Paulo de Campos;... ha vinte e quatro annos que o seu nome era Paulo de Campos.

—E estava aqui, e o coração não m'o disse...—exclamou Ricardina assombrada pela duvida.—Não será elle?... será isto uma illusão? .. Norberto, era o sr. Bernardo Moniz quem aqui vinha?

—Ora se era! ainda hoje de manhã eu cá vim com uma carta d'elle.

Alexandre sahiu subitamente, desceu ao escriptorio,

procurou a carta, apanhou uns cadernos escriptos do punho do seu collaborador, voltou á saleta, e disse:

—Conhece esta lettra, minha mãe?

—E' de teu pae! é de teu pae!... Não posso duvidar.

E ajoelhou, pendida dos braços da viscondessa, apertando entre as mãos os manuscriptos de Bernardo. Então, pondo os olhos no céo, através das janellas, ergueu a Deus uma oração de soluços, debulhando-se em lagrimas, com a respiração arquejante, sem vociferar mais que uns sons gutturaes, entrecortados por convulsões anciosissimas.

Alexandre ajoelhou ao lado de sua mãe, amparando-a, e disse-lhe:

—Quer ir ver meu pae?

—Sim!—desafogou ella um gemido que parecia exprimir aquelle monosyllabo.

—Quando?... vamos já?

—Já, meu filho.

—Vou mandar saír a caleche.

Alexandre desceu ao escriptorio, e voltou com seu pae pelo braço.

Bernardo Moniz, a cada passo, tremia e parava, pedindo ao filho que o deixasse cobrar animo.

—Então? a sua força? as suas promessas, meu pae?

—Que promessas, filho?... Quem é mais forte do que eu?... A morte não me ameaça, senão depois que a temo... Vamos...

D. Ricardina lançava um chale sobre os hombros, quando o filho assomou sob o reposteiro, e disse:

— Minha mãe!

— Estou prompta, filho. Vamos, Norberto?

— E' melhor que o sr. Bernardo venha cá — disse o sargento.— Olhe... — e apontou para a porta — olhe, fidalga, elle ali está!

Ricardina olhou.

....

Não me afouto a descrever o lance.

O espectaculo era dois seios que se apertavam com um transporte, só comparavel ao transe da agonia com que vinte e quatro annos antes se tinham apartado.

A' volta d'elles, Mathilde, Alexandre e Norberto, com as mãos postas, pareciam pedir á Divina Providencia que os defendesse da demencia do prazer superior ás forças da alma.

CONCLUSÃO

O padre que, no primeiro dia sanctificado, foi sacrificar no oratorio domestico de Alexandre Pimentel Moniz, ia provido das necessarias licenças, para receber os contrahentes Bernardo Moniz e Ricardina Pimentel.

Os bachareis formados, coevos de Bernardo, quando ouviram proferir o nome de um seu contemporaneo criminoso e já morto, apenas notaram a coincidencia dos nomes. Quando o viram na carruagem do filho nem leves traços lhe distinguiram do antigo academico. Bernardo tinha quarenta e sete annos, encanecidos como os sessenta dos homens felizes.

Em 1867, quinze annos volvidos sobre o ultimo acto d'esta narrativa, no grupo d'aquella familia mais que muito remunerada dos esquecidos martyrios, faltava o heroico, o respeitavel, o chorado Norberto Calvo. Morrêra com oitenta e dois annos, e foi sepultado com a banda de alferes e medalha de cavalleiro da Torre-Espada, premios de serviço em Africa, os quaes galardões custaram a Alexandre Moniz seiscentos mil réis, com o

que o ministro remunerador se galardoou, incitando d'est'arte os brios dos soldados mantenedores da honra nacional nos presidios africanos.

A' volta do cadaver do ancião não choravam sómente as duas senhoras e seus maridos. Viam-se tres creancinhas, filhos de Alexandre, que agitavam na cama o seu velho morto, e chamando por elle, diziam:

—Norberto! acorda! anda brincar comnosco!

Já d'aquelle modo, a avó dos meninos, quando creança, o ia accordar debaixo das arvores, á hora da sesta, para lhe mostrar os ninhos das aves entre os salgueiros do rio.

E, com estas recordações, ali á beira de Norberto morto, as lagrimas eram tantas que Bernardo Moniz perguntava á esposa:

—Quando deixaremos de chorar, Ricardina?

—Só não choram os que morrem...—respondeu ella.

FIM